um
ANJO
a caminho
Ediseu Santos
Confraria dos Livros Bons

UM ANJO A CAMINHO

Escrito por EDISEU SANTOS

1

O ePub possui um formato fluido, projetado para adaptar o texto a qualquer tamanho de tela. Ao transformá-lo em um PDF, o arquivo adota um layout fixo. Se o conversor padrão utilizar uma página maior (como A4 ou Carta) e fontes grandes, ele acomodará muito mais texto por página, reduzindo o número total de páginas.

Confraria dos Livros Bons

“Nada acontece sem a permissão de Deus, pois foi Ele quem estabeleceu todas as leis que regem o universo.”

- Livro dos Espíritos

3

CAPÍTULO 01

Raquel dava os últimos retoques no espelho, ansiosa pelo encontro com Felipe. A expectativa a deixava radiante, e cada detalhe de sua aparência era cuidadosamente revisado. Enquanto ajustava o colar, ouviu uma batida suave na porta.

– Ainda não está pronta, minha filha? – perguntou Elvira, mãe de Raquel, entrando no quarto.

– Quase lá, mamãe. Quero estar linda para o Felipe.

– Você já é linda do jeito que é, minha filha – respondeu Elvira, com um sorriso carinhoso.

– Palpite de mãe não conta, dona Elvira – brincou Raquel, sem tirar os olhos do espelho. – Mas um retoque aqui e outro ali nunca é demais.

Elvira sentou-se na cama, observando a filha com um misto de orgulho e preocupação. Lembrou-se de como tudo começara. Felipe era o sonho da prima de Raquel, Patrícia, mas fora sua filha quem conquistara o coração do rapaz. Aquele romance, no entanto, custara a amizade entre as primas. Patrícia nunca perdoara Raquel por ter ficado com o homem que ela amava.

– Tem falado com sua prima? – perguntou Elvira, já sabendo a resposta.

– A senhora sabe que não nos falamos mais – respondeu Raquel, sem esconder a irritação na voz.

5

– E tudo isso por causa de um homem. Francamente, Raquel.

Raquel virou-se para a mãe, os olhos faiscando.

– Mamãe, eu não tenho culpa de Felipe ter preferido a mim. Ela que se conforme.

– Tudo bem. Não vou mais falar sobre isso.

Nesse momento, o telefone tocou, e Raquel correu para atendê-lo.

– Alô!

– Já estou aqui embaixo – disse Felipe do outro lado da linha.

Raquel sorriu, o coração acelerado. Ele estava à sua espera, estacionado em frente ao prédio.

– Já estou descendo.

Desligou o telefone e deu uma última olhada no espelho.

Satisfeita, foi até Elvira e deu-lhe um beijo.

– Felipe está me esperando lá embaixo.

– Cuide-se, filha.

– Pode deixar.

– Te amo.

– Eu também te amo, mamãe.

6

Raquel abraçou a mãe e saiu. Minutos depois, estava diante de Felipe, que a admirou com um olhar encantado.

– Está maravilhosa.

– Obrigada – respondeu, corando.

Eles se beijaram brevemente, e Felipe abriu a porta do carro para ela. Em instantes, partiram.

***

No restaurante, acomodaram-se em uma mesa aconchegante. Após fazerem os pedidos, Felipe segurou as mãos de Raquel, transmitindo-lhe um arrepio de emoção.

– Hoje tenho uma surpresa para você, meu amor.

– Uma surpresa? Para mim? O que é? – perguntou Raquel, curiosa.

– Calma. Depois do jantar eu te mostro.

– Estou ansiosa, Felipe.

– Você não vai se arrepender de esperar.

Raquel sorriu, sentindo-se a mulher mais sortuda do mundo.

***

Enquanto isso, na casa de Raquel, Elvira jantava com o marido, César, e a filha mais nova, Paula.

– Raquel estava linda! – comentou Paula, cortando o silêncio.

7

– Sua irmã está muito envolvida com esse tal de Felipe –

disse César, com uma expressão preocupada. – Isso pode ser perigoso.

– Raquel tem juízo, César – respondeu Elvira, tentando acalmar o marido.

– Assim espero.

– Além disso, ele parece ser bem educado e respeitoso.

– E bem rico! – acrescentou Paula, com um sorriso malicioso.

– Paula! – repreendeu Elvira. – Você sabe que sua irmã não é interesseira.

– Eu não disse isso, mamãe. Só fiz uma observação.

– Acho melhor continuarmos o jantar em paz – interveio César, encerrando o assunto.

***

De volta ao restaurante, Raquel não conseguia conter a curiosidade.

– Agora que terminamos, conte-me: qual é a surpresa?

– Você é mesmo curiosa – disse Felipe, sorrindo.

Ele fez um sinal para o garçom, que logo trouxe uma garrafa de champanhe e duas taças. Enquanto o garçom servia a bebida, Felipe tirou do bolso uma pequena caixa preta e a abriu diante de Raquel. O brilho do diamante refletiu em seus olhos, deixando-a sem fôlego.

8

– Raquel, você me faria a honra de ser a única mulher da minha vida?

Ela levantou-se rapidamente, as mãos tremendo sobre a boca.

– Sim! Sim! Sim! – exclamou, abraçando-o com força.

Eles se beijaram apaixonadamente, enquanto os outros clientes do restaurante observavam, emocionados. Felipe colocou o anel no dedo de Raquel, e os dois brindaram àquele momento.

– Eu sou a mulher mais feliz do mundo – sussurrou Raquel, os olhos marejados de lágrimas.

Felipe levantou-se e, com um sorriso radiante, anunciou:

– Senhoras e senhores, quero compartilhar com todos que esta dama e eu vamos nos casar!

Os aplausos ecoaram pelo restaurante, enquanto Raquel abraçava o noivo, sentindo-se no auge da felicidade.

9

CAPÍTULO 02

Longe do restaurante onde Raquel e Felipe celebravam seu noivado, Patrícia, a prima de Raquel, terminava seu expediente na lanchonete onde trabalhava como balconista e caixa. O

emprego era uma forma de ajudar nas despesas da casa, mas também um passo em direção ao seu sonho de um dia abrir o próprio negócio. Patrícia era uma jovem de beleza marcante: cabelos negros e bem cuidados, pele clara e impecável. Além do trabalho, ela cursava um técnico em contabilidade, sempre com os olhos voltados para o futuro.

Seu colega Renato, que nutria uma paixão secreta por ela, aproximou-se enquanto ela organizava o caixa.

– Que dia, hein? – comentou ele, tentando puxar conversa.

– E amanhã tem mais – respondeu Patrícia, sem levantar os olhos.

– Graças a Deus! Com tanta gente desempregada, devemos agradecer pelo serviço que temos.

– Concordo.

Renato ficou ali, observando-a em silêncio. Patrícia, no entanto, parecia alheia ao olhar apaixonado do colega. Seus pensamentos ainda estavam presos a Felipe, o homem que havia conquistado o coração de sua prima.

11

Nesse momento, Gabriela, amiga de Patrícia, entrou na lanchonete.

– Já terminou, Cinderela? – brincou Gabriela, usando o apelido que dera à amiga por causa da rotina puxada que Patrícia levava.

– Quase lá – respondeu Patrícia, sorrindo.

– Oi, Renato! – cumprimentou Gabriela, notando como ele mal desviava os olhos de Patrícia.

– Oi, Gabriela – respondeu ele, distraído.

Era uma situação curiosa: Gabriela gostava de Renato, que gostava de Patrícia, que ainda gostava de Felipe. Uma verdadeira cadeia de sentimentos não correspondidos, onde ninguém parecia notar quem estava ao seu lado.

– Pronto, terminei! – anunciou Patrícia, fechando o caixa.

– Então vamos – disse Gabriela, pegando a bolsa.

As duas se despediram de Renato e entraram no carro.

Gabriela, que morava no mesmo prédio que Patrícia, sempre dava carona à amiga. A faculdade de medicina onde Gabriela estudava ficava perto da lanchonete, o que facilitava a rotina das duas.

No carro, a conversa logo girou em torno dos sentimentos não correspondidos.

– Por que você não fala com ele? – perguntou Patrícia, referindo-se a Renato.

– Eu? Jamais! – respondeu Gabriela, rindo. – Prefiro continuar na minha.

– Então vai ficar nessa de amar em segredo? Só você mesma.

– E você? – rebateu Gabriela. – Morre de amores pelo tal de Felipe e nunca fez nada para ficar com ele.

– É diferente, Gabriela. Ele está namorando minha prima.

– Claro! Você que deixou sua prima chegar na sua frente.

As duas ficaram em silêncio por alguns instantes, até que Patrícia quebrou o clima.

– Quer saber? Acho que nós duas sofremos do mesmo mal. Amamos alguém que não nos nota.

As duas riram, aliviando a tensão. Gabriela deu partida no carro, e seguiram para casa.

Ao chegar em casa, Patrícia encontrou sua mãe, Dolores, assistindo televisão.

– Boa noite, mãe! – cumprimentou, dando um beijo em Dolores.

– Deixei sua comida no micro-ondas. É só esquentar.

– Obrigada! Vou tomar um banho e depois esquento.

Patrícia sentou-se ao lado da mãe por um momento.

– E sua pressão? Já mediu hoje?

13

– Está normal.

– E os remédios?

– Já tomei todos.

– Boa menina! – elogiou Patrícia, dando outro beijo na mãe antes de se levantar.
– Vou pro banho.

***

Enquanto isso, na casa de Raquel, a notícia do noivado era recebida com entusiasmo.

– Casar? – exclamou Elvira, visivelmente contente.

– Então a coisa é séria mesmo? – perguntou César, com um ar de surpresa.

– Olhem o anel que ele me deu! – disse Raquel, estendendo a mão para mostrar a joia.

– Deixe-me ver! – disse Paula, correndo para admirar o anel. – Que lindo! E tem um diamante. Eu disse que ele era rico.

– Na verdade, a família dele é que tem dinheiro, Paula –

explicou Raquel.

– Mas ele também tem direito a tudo – insistiu Paula.

– Pare com essa mania de falar em dinheiro – repreendeu Elvira. – Venha cá, meu amor. Me dê um abraço.

Elvira abraçou Raquel com carinho.

– Estou muito feliz por você.

– Obrigada, mãe!

– E para quando será o casamento? – perguntou César.

– Ainda não decidimos a data. Vamos fazer um jantar especial para anunciar, com as duas famílias reunidas.

– Que maravilha! – disse Paula. – E será na casa dele?

– Provavelmente.

– Que luxo! Preciso escolher uma roupa adequada. Vai que ele tem algum primo bonitão...

– Deixe de assanhamento, garota – repreendeu Elvira, rindo.

César aproximou-se de Raquel e a abraçou.

– Estou muito feliz por você, minha filha.

– Obrigada, pai!

***

Na casa de Felipe, no entanto, a notícia não foi recebida com o mesmo entusiasmo. Felipe fez o anúncio diante dos pais, Selma e Rafael.

– Casar? – exclamou Selma, incrédula. – Nem conhecemos essa moça!

– Mas eu a conheço, mãe. Amo Raquel e decidi me casar com ela.

– Isso é inadmissível! O que você acha, Rafael?

– Acho que nosso filho tem o direito de decidir com quem quer se casar – respondeu Rafael, calmamente. – Nós não temos que interferir.

– Você é tão teimoso quanto ele! – disse Selma, furiosa.

– Pois saiba, Felipe, que não estou de acordo com isso.

– Sinto muito, mãe, mas minha decisão está tomada. Vou me casar com Raquel,

e nada vai me fazer mudar de ideia.

Selma deixou a sala, indignada. Rafael abraçou o filho.

– Parabéns, meu filho. Mas quero conhecer essa moça o quanto antes.

– Pode deixar. Vamos marcar um jantar para anunciar a data do casamento e apresentar as famílias.

– Combinado. Eu converso com sua mãe.

– Obrigado, pai.

A sós no quarto, Selma e Rafael retomaram a discussão.

– Ainda não consigo acreditar que você está apoiando isso – disse Selma, irritada.

– Selma, se nosso filho está apaixonado e quer se casar, qual é o problema?

– O problema é que essa garota deve ser uma interesseira.

– Por favor, Selma. Nem todas as moças que se interessam pelo nosso filho são oportunistas. Você está julgando demais.

16

– Eu sei do que estou falando, Rafael. Uma mulher ideal para o nosso filho tem que ser, no mínimo, do mesmo nível social.

– Você esqueceu que também era uma moça simples quando nos conhecemos? E mesmo assim eu me casei com você.

– É diferente.

– É a mesma coisa, Selma.

Selma sentou-se na cama, sabendo que os argumentos de Rafael eram irrefutáveis. Ele se sentou ao seu lado.

– Em vez de ser contra, tente aceitar a vontade do nosso filho.

– Eu só me preocupo com ele, Rafael.

– Eu sei, meu amor. Mas ele já é um homem feito. Ele sabe o que quer. Nós não

podemos interferir.

– Espero que Vitório não faça uma dessas conosco.

– Vitório está bem em Buenos Aires, aproveitando a vida de solteiro. Agora, vamos apoiar Felipe.

Selma suspirou, mas finalmente concordou.

– Está bem. Farei o que você pede. Mas se eu não gostar dessa moça, não vou fingir que gosto.

Rafael abraçou e beijou a esposa.

– Obrigado. Tenho certeza de que ela é uma moça encantadora.

– Assim espero.

17

CAPÍTULO 03

Os dias passaram rapidamente, e logo chegou o momento tão esperado: o jantar em que as famílias seriam apresentadas e a data do casamento seria oficializada. O evento aconteceria na casa dos pais de Felipe, uma mansão imponente que deixou todos impressionados.

Ao chegarem, Felipe fez as apresentações formais.

Raquel, Elvira, César e Paula foram recebidos com cortesia, mas Selma, mãe de Felipe, não disfarçou o olhar atento e analítico que dirigiu a Raquel. Enquanto todos se acomodavam na sala principal, aguardando o momento do jantar, Rafael, pai de Felipe, quebrou o gelo com uma brincadeira.

– Então você é a moça que fisgou o coração do nosso filho? – perguntou ele, sorrindo.

– Felipe e eu nos encantamos à primeira vista –

respondeu Raquel, com um sorriso tímido. – Foi algo surreal.

– É uma bela moça – comentou Selma, com um tom que não deixava claro se era um elogio ou uma observação neutra.

A conversa fluía, mas o clima era tenso. Todos estavam ali: Rafael, Selma, Felipe, Raquel, Elvira, Paula e César. Pouco depois, Maria, a empregada da casa, anunciou que a mesa estava posta.

Ao entrarem na sala de jantar, Paula não conseguia disfarçar o encantamento com o luxo da mansão. Sempre 19

sonhadora, ela imaginava-se vivendo uma vida assim, cercada de conforto e elegância.

O jantar transcorreu com conversas leves, até que, ao final, Felipe pediu a Maria que trouxesse champanhe. Era o momento de fazer o anúncio oficial.

– Quero agradecer a presença de todos – começou Felipe, segurando a taça de champanhe. – Minha mãe, meu pai, e minha futura nova família: meu sogro, César, minha sogra, Elvira, e minha cunhada, Paula. Estou muito feliz por compartilhar este momento especial com vocês.

Todos olhavam para ele, expectantes.

– Como já sabem, Raquel e eu decidimos nos casar.

Marcamos este jantar para oficializar nossa vontade e anunciar a data do casamento.

Felipe olhou para Raquel, que sorriu, radiante.

– A data escolhida será o último sábado de outubro.

Aplausos ecoaram pela sala.

– A igreja ainda será escolhida por Raquel, e ela espera contar com a ajuda de minha mãe, minha sogra e minha cunhada para organizar este evento tão especial.

– Será um prazer! – disse Paula, animada.

– Então, brindemos a esta ocasião! – propôs Felipe, levantando a taça.

20

Todos se levantaram, ergueram suas taças e brindaram ao futuro casal.

***

Enquanto isso, longe dali, Patrícia estava deitada em sua cama, segurando uma fotografia de Felipe que havia recortado de uma revista. Ela o amava profundamente, mesmo sem nunca ter tido a chance de se declarar. A presença de Raquel na vida dele era como uma sombra que não a deixava seguir em frente.

– Será que minha prima poderá fazer você feliz da mesma forma que eu faria? – sussurrou Patrícia, olhando para a foto.

Ela jogou a fotografia para o lado, frustrada.

– Acho que nunca saberemos.

Nesse momento, Dolores, mãe de Patrícia, entrou no quarto e sentou-se ao lado da filha.

– Ainda pensando nesse rapaz? – perguntou, com um tom de preocupação.

– Mais ou menos – respondeu Patrícia, evitando o olhar da mãe.

– Filha, por que ficar se atormentando assim? Você é uma moça linda, cheia de qualidades. É um desperdício ficar lamentando por um homem que não está ao seu lado.

– É mais forte do que eu, mamãe. Os sentimentos não têm um botão de ligar e desligar.

21

– Eu sei, mas você teve a chance de lutar por ele. Em vez disso, deixou que sua prima chegasse primeiro.

– Raquel é ardilosa. Não duvido que ela goste do Felipe, mas há algo nessa história que ainda não consigo entender.

– E talvez nunca entenda. O melhor a fazer é seguir em frente e esquecer que ele existe.

Dolores deu um beijo na testa da filha.

– Tenha uma boa noite, meu anjo.

Assim que a mãe saiu, Patrícia pegou a fotografia de Felipe novamente. Levantou-se, caminhou até a janela e, após um momento de hesitação, rasgou-a em quatro pedaços, jogando-os ao vento.

– Adeus, Felipe – murmurou, fechando a janela com um suspiro.

***

De volta à mansão de Felipe, o jantar havia terminado, e todos se preparavam para partir. Antes de entrar no carro com os pais, Raquel foi chamada por Selma para uma conversa reservada.

– Raquel – disse Selma, com um sorriso que não chegava aos olhos. – Sinto que ainda preciso conhecê-la melhor. Que tal almoçarmos juntas amanhã? Só nós duas.

– Será ótimo! – respondeu Raquel, tentando disfarçar a surpresa.

– Perfeito. Mandarei meu motorista buscá-la por volta do meio-dia.

– Estarei pronta.

As duas se despediram, e Raquel entrou no carro dos pais. Felipe e Rafael se aproximaram de Selma, curiosos.

– O que foi? – perguntou Felipe.

– Nada demais – respondeu Selma, com um sorriso enigmático. – Apenas convidei sua futura esposa para almoçar comigo amanhã. Acho que precisamos nos conhecer melhor.

Felipe e Rafael trocaram olhares, mas não comentaram.

O clima entre eles era de expectativa, e todos sabiam que Selma ainda não estava completamente convencida sobre o casamento.

23

CAPÍTULO 04

No dia seguinte, no horário combinado, o motorista da família de Felipe buscou Raquel em sua casa e a levou até o shopping mais badalado da cidade, onde Selma a aguardava em um restaurante de luxo. Raquel cumprimentou a futura sogra com um sorriso educado, e as duas foram conduzidas à mesa reservada.

Enquanto faziam os pedidos, Raquel percebeu o olhar analítico de Selma. Apesar do desconforto, manteve a compostura.

– Sabe, Raquel – começou Selma, após um momento de silêncio –, preciso confessar que, no início, fiquei desconfiada quando soube do casamento de vocês. Mas agora vejo que meu filho escolheu muito bem.

– Agradeço sua confiança e sinceridade – respondeu Raquel, mantendo a calma.

– Não me agradeça ainda, querida. Há algo mais que preciso dizer.

– Estou ouvindo.

Selma apreciou a segurança de Raquel, mas não abriu mão de sua postura firme.

– Bem, como você deve ter percebido, nossa família tem muitas posses. Meu filho será herdeiro de uma grande fortuna, e é meu dever garantir que ninguém se aproveite disso.

Raquel sentiu um calafrio, mas controlou-se.

25

– Entendo – disse ela, com um tom sereno. – Mas pode ficar tranquila. Não estou interessada na fortuna de sua família.

– Claro! – respondeu Selma, com um sorriso que não chegava aos olhos. – Não faria esse julgamento agora. Mas, antes de conhecê-la, a situação era diferente.

– Fique despreocupada – insistiu Raquel, mantendo a postura.

– Escute, Raquel, minha intenção não é ofendê-la ou acusá-la. Um dia você será mãe e me entenderá melhor.

– Claro – concordou Raquel, embora internamente estivesse fervendo.

– Que bom que me compreende. Agora, vamos falar sobre suas ideias para o casamento. Estou ansiosa para saber de tudo.

O almoço seguiu com conversas sobre os preparativos do casamento, mas Raquel percebeu que Selma seria uma pessoa difícil de lidar. Ainda assim, estava disposta a enfrentar o que fosse preciso para ficar ao lado de Felipe.

Enquanto isso, no mesmo shopping, Patrícia e Gabriela procuravam uma livraria. Gabriela precisava comprar um livro para a faculdade, e Patrícia ofereceu-se para acompanhá-la, já que ainda tinha algum tempo antes do expediente.

Encontraram o livro rapidamente e, ao saírem, dirigiram-se ao guichê de pagamento do estacionamento. Enquanto esperavam na fila, Patrícia olhou em volta e quase não acreditou 26

no que viu: sua prima, Raquel, caminhando ao lado de uma mulher elegante.

– Eu não acredito – murmurou Patrícia, virando-se rapidamente para não ser vista.

– O que foi? – perguntou Gabriela, seguindo o olhar da amiga.

– Minha prima! Ali, com outra mulher.

Gabriela avistou Raquel e Selma.

– É verdade. O que será que ela está fazendo aqui?

– Não sei, mas é melhor que ela não me veja. Seria constrangedor.

– Já paguei. Vamos! – disse Gabriela, puxando Patrícia pelo braço.

As duas saíram rapidamente, antes que fossem notadas.

***

De volta à casa de Raquel, ela sentou-se ao lado de Elvira e Paula para contar sobre o almoço com Selma.

– Vocês não vão acreditar no que minha futura sogra me chamou – começou Raquel, ainda tentando processar o ocorrido.

– O quê? – perguntou Paula, curiosa.

– Interesseira.

– O quê?! – exclamou Elvira, indignada. – Quem essa mulher pensa que é?

– Calma, mamãe. Está tudo bem. Eu sei lidar com pessoas como ela.

– Mas isso é inadmissível, Raquel. Como ela ousa te chamar de interesseira? Acaso pensa que você não tem recursos para viver?

– Acalme-se, mamãe. Se eu soubesse que você ficaria assim, não teria contado.

– E como você esperava que eu reagisse? – questionou Elvira, ainda abalada.

– Tudo bem. De certa forma, ela tem razão. Vai que eu fosse uma aproveitadora.

– Mas você não é! Eu lhe dei educação e princípios.

– Ela não me conhecia, mamãe. Agora já me aceitou, e é isso que importa.

Por mais que Raquel tentasse justificar a situação, Elvira não conseguia se conformar.

– Algo me diz que esse casamento não trará a felicidade que você espera, Raquel.

– Mamãe! Está rogando praga no meu casamento?

– Não é praga, filha. É apenas um pressentimento. Sinto uma angústia muito grande.

– Bobagem. Vou me casar com Felipe e ser muito feliz.

Todos vocês verão.

***

28

À noite, Patrícia chegou em casa e cumprimentou Dolores com um beijo.

– Boa noite, mamãe!

– Boa noite, minha filha. Achei que já tivesse dormido.

– Sabe que não consigo dormir até você chegar – disse Dolores, com um sorriso carinhoso.

– Você se preocupa demais. Como está sua pressão hoje?

– Normal, sem alterações.

– Que bom!

Patrícia suspirou profundamente, e Dolores percebeu que algo estava errado.

– O que aconteceu? – perguntou, com um olhar atento.

– Nada – respondeu Patrícia, tentando disfarçar.

– Não adianta mentir. Eu te conheço muito bem.

Patrícia encostou a cabeça no ombro da mãe e contou sobre o episódio no shopping.

– Eu vi a Raquel hoje.

– É mesmo? Onde?

– No shopping. Ela estava com uma senhora elegante.

Acho que era a mãe do Felipe.

– E ela te viu?

– Não. Saí antes que isso acontecesse.

29

Dolores pegou a mão de Patrícia e olhou para ela com carinho.

– Você não acha que está na hora de conversarem?

Patrícia levantou-se, surpresa.

– Conversar? Pra quê? Pra ela me dizer que roubou o Felipe de mim? Isso já está mais do que claro.

– Vocês eram tão amigas, minha filha. Brigar por causa de um homem não é certo.

– O que não é certo, mamãe, é trair alguém que sempre esteve ao seu lado. E foi exatamente isso que a Raquel fez.

– Acho que você está sendo injusta, Patrícia.

– Injusta? Eu?

– Minha filha, você está colocando toda a culpa nela, mas foi você quem não lutou pelo seu amor. Não se esqueça disso.

– Chega, mamãe. Não quero mais falar sobre isso. Vou tomar um banho e dormir.

– Deixei sua comida no micro-ondas.

– Já jantei. Boa noite.

Patrícia saiu, deixando Dolores na sala, preocupada com a filha e lamentando a situação.

CAPÍTULO 05

Os dias passaram, trazendo consigo uma série de mudanças que começaram a afetar a vida de todos. Patrícia acordou cedo, como de costume. Fez sua higiene pessoal, preparou o café da manhã e saiu para mais um dia de rotina.

Após as aulas do curso técnico, ela se dirigiu à lanchonete para mais um dia de trabalho. Ao chegar, Renato se aproximou dela com um ar preocupado.

– Bom dia, Patrícia – cumprimentou ele, sem o habitual sorriso.

– Bom dia, Renato. Aconteceu alguma coisa? –

perguntou Patrícia, percebendo a expressão séria do colega.

– Seu Marcos quer falar com você.

Marcos, o dono da lanchonete, havia voltado de viagem há poucos dias. A menção dele deixou Patrícia apreensiva.

– Seu Marcos? É algo sério?

– É melhor você ir logo – respondeu Renato, evitando olhá-la nos olhos.

Patrícia sentiu um frio percorrer seu estômago, mas respirou fundo e subiu até o andar de cima, onde Marcos costumava ficar. Bateu na porta e entrou.

– Bom dia, seu Marcos – disse ela, tentando disfarçar a ansiedade.

31

– Sente-se, Patrícia – pediu ele, apontando para a cadeira à sua frente.

Ela obedeceu, sentindo o coração acelerar.

– Aconteceu alguma coisa?

– Patrícia, vou ser direto – começou Marcos, com um tom pesaroso. – Infelizmente, preciso fechar a lanchonete.

– Fechar? – Patrícia sentiu o chão sumir sob seus pés. –

Mas por quê? Eu fiz algo de errado?

– Não, pelo contrário. Você é uma excelente funcionária.

Mas a clientela diminuiu drasticamente, as contas estão se acumulando, e os impostos estão insustentáveis. Não tenho outra escolha.

Patrícia não conseguiu segurar as lágrimas. Pensou na mãe, nos remédios que precisava comprar, no aluguel do apartamento e nas despesas básicas. O emprego era sua única fonte de renda.

– Por favor, seu Marcos, eu preciso muito deste trabalho.

Não me demita!

Marcos olhou para ela com compaixão, mas manteve a decisão.

– Patrícia, não é uma demissão por causa de você. É o fechamento do negócio. Vou pagar tudo o que você tem direito e lhe darei uma excelente carta de recomendação. Tenho certeza de que encontrará algo rapidamente.

32

Ela sabia que não havia volta. Respirou fundo, tentando se recompor.

– Obrigada pela oportunidade, seu Marcos – disse ela, levantando-se com dificuldade.

Ao sair da sala, despediu-se de Renato, que também estava desolado com a notícia. Quando deixou a lanchonete, caminhando em direção ao ponto de ônibus, sentiu o celular vibrar na bolsa. Era um número desconhecido.

– Alô? – respondeu, com a voz embargada.

Do outro lado da linha, uma voz desesperada a deixou em pânico.

– Patrícia, aqui é Lúcia, sua vizinha. Estou no pronto-socorro. Sua mãe passou mal e desmaiou. É melhor você vir o quanto antes.

Patrícia sentiu as pernas fraquejarem. Quase caiu, não fosse um homem que passava por ali e a segurou. Minutos depois, já estava no hospital, falando com a enfermeira que atendera Dolores.

– Sua mãe teve uma queda súbita de pressão – explicou a enfermeira. – Felizmente, conseguimos estabilizá-la. Ela já pode ir para casa, mas precisará de cuidados. Nada de esforços.

– Pode deixar, enfermeira. Eu cuidarei dela – respondeu Patrícia, ainda tremendo.

Com a ajuda de Lúcia, ela levou Dolores para casa.

Depois de acomodar a mãe na cama, agradeceu à vizinha.

33

– Obrigada por tudo, Lúcia.

– De nada. Ainda bem que eu estava passando na hora certa.

– Hoje está sendo um dia muito difícil. Além disso, perdi meu emprego.

– Sinto muito, minha filha. Mas conte comigo para o que precisar.

– Obrigada – disse Patrícia, com um sorriso triste.

Lúcia caminhou até a porta, mas parou antes de sair, voltando-se para Patrícia.

– Lembre-se: nem todo sofrimento, por mais intenso que seja, significa uma vida arruinada. Somos como as árvores. No outono, perdem todas as folhas, ficando expostas ao frio. Mas logo vem a primavera, trazendo novas folhas e flores. Lembre-se disso.

Com um último sorriso, Lúcia saiu, deixando Patrícia refletindo sobre aquelas palavras. Fechou a porta e voltou para cuidar da mãe, decidida a enfrentar as

adversidades que a vida lhe impunha.

34

CAPÍTULO 06

O grande dia estava se aproximando. Raquel fazia a última prova do vestido de noiva, acompanhada pela mãe, Elvira, e pela irmã, Paula. O ateliê estava repleto de espelhos, e Raquel se via refletida em cada um deles, radiante.

– Nossa! Ficou lindo, Raquel – disse Paula, encantada ao ver a irmã naquele vestido deslumbrante.

– Eu serei a noiva mais linda que essa cidade já viu –

respondeu Raquel, com um sorriso de satisfação.

– Certamente, minha filha – concordou Elvira, emocionada ao ver a filha vestida de noiva.

– E os convites? – perguntou Paula, enquanto ajudava a ajustar o véu.

– Todos enviados. Viviane deve chegar até o fim desta semana. Ela prometeu

que virá.

Viviane era a melhor amiga de Raquel, que estava viajando a trabalho. A menção dela trouxe um sorriso ao rosto de Raquel.

– E quanto à sua prima Patrícia e sua tia Dolores? –

perguntou Elvira, com um tom de cautela.

Raquel virou-se para a mãe e a irmã, com um sorriso que misturava doçura e astúcia.

– Convidadas! – respondeu, com um brilho nos olhos.

35

***

Enquanto isso, na casa de Patrícia, o convite de casamento de Raquel e Felipe queimava em suas mãos. Ela estava no quarto, ao lado de Gabriela, discutindo o assunto.

– Ela teve a coragem de me mandar um convite – disse Patrícia, segurando o

envelope como se fosse algo tóxico.

– Talvez sua prima não tenha feito isso por maldade –

tentou Gabriela, com um tom conciliador.

– Definitivamente, você não conhece a Raquel –

respondeu Patrícia, com um olhar penetrante. – Tudo o que importa para ela agora é esfregar na minha cara a felicidade dela.

Enquanto todos leem palavras amistosas convidando para a cerimônia, tudo o que eu vejo é: "Eu consegui, e você não. Aceite."

Gabriela riu, tentando aliviar o clima.

– Que exagero, amiga.

– Exagero nada. Eu tenho certeza de que, por trás dessa aparente boa vontade, está a satisfação de me ver ali, derrotada.

– Como você é competitiva, Patrícia.

– Eu? Ela é que transformou essa relação com o Felipe em uma competição. Eu apenas amei ele de verdade.

– Amou? – Gabriela arqueou uma sobrancelha. – Então quer dizer que não o ama mais?

Patrícia hesitou, sem conseguir responder.

– Porque não é o que vejo nos seus olhos. Você ainda é apaixonada por ele, Patrícia, e é por isso que esse convite está te incomodando tanto.

– Você está enganada!

– Não, não estou. Talvez você esteja tentando se enganar, mas eu vejo a verdade. Você ama o Felipe e sempre o amará, mesmo depois desse casamento.

Patrícia suspirou, sabendo que Gabriela estava certa.

Mas, com tantos problemas para resolver, ela não queria se preocupar com aquilo.

– Acho melhor mudarmos de assunto.

– Tudo bem – concordou Gabriela, pensando rapidamente. – Já conseguiu algum emprego?

– Ah, Gabriela, está bem difícil. O dinheiro da rescisão já está acabando, e até agora só consegui duas entrevistas, mas nada concreto.

– Talvez eu tenha uma solução para você. Mas não sei se vai se encaixar no que você está buscando.

– Buscando? A essa altura, estou buscando até balcão de boteco, amiga. Só preciso de algo para pagar as contas.

– Bem, uma conhecida minha está saindo do emprego. É

uma vaga de recepcionista. Posso te indicar, se quiser.

– Que maravilha! Claro que quero.

– Ótimo! Vou falar com ela e pedir para te indicar. Só vou precisar de um currículo seu para mostrar ao departamento de recursos humanos.

– Claro! Já te consigo um – disse Patrícia, abraçando Gabriela. – Você é um anjo, amiga. Muito obrigada!

– É um prazer te ajudar.

– Fico te devendo essa.

– Olha que eu posso cobrar.

As duas riram, aliviando um pouco a tensão.

***

Enquanto isso, na casa de Felipe, Selma comemorava o retorno de seu filho mais velho, Vitório, que estava em Buenos Aires.

– Que bom tê-lo de volta, meu filho – disse Selma, abraçando Vitório.

– Então o meu irmão vai mesmo se casar – comentou Vitório, com um tom de surpresa.

– Pois é. Decidiu se juntar a uma mera plebeia –

respondeu Selma, com um ar de desdém.

– Mamãe, falando assim, parece que vivemos em uma dinastia.

– Mas é a verdade. Só espero que, com você, seja diferente.

– Como assim?

– Que você case com uma moça do seu nível.

Nesse momento, Hernando, um amigo que Vitório havia feito em Buenos Aires, entrou na sala carregando uma mala.

– Tem um belo jardim – comentou Hernando, olhando pela janela.

– Mamãe – disse Vitório, apresentando o amigo –, este é Hernando. Meu amigo.

Hernando cumprimentou Selma com um abraço e um beijo no rosto.

– Seja bem-vindo à minha casa.

– Gracias, senhora Selma.

Hernando era argentino, filho de pais uruguaios que haviam migrado para Buenos Aires antes de seu nascimento.

– Ora, Hernando, pode me chamar apenas de Selma. Vou pedir a Maria que prepare o quarto de hóspedes. Pretende ficar até o casamento do meu filho, não é?

– Certamente, senhora... digo, Selma.

– Ótimo!

Selma chamou Maria, a empregada, e pediu que preparasse o quarto de hóspedes. Hernando seguiu para o quarto, acompanhado de Vitório.

Pouco depois, Felipe chegou em casa, e Selma tratou de contar sobre o retorno do irmão.

– Seu irmão já chegou.

– Sério? Que ótimo. Onde ele está?

– Foi levar o amigo até o quarto.

– Amigo?

– Sim. Hernando.

Selma falou com um tom de deboche, o que não passou despercebido por Felipe.

– Algum problema?

– Não, nada com o que você precise se preocupar.

CAPÍTULO 07

Como havia prometido, Gabriela falou com sua amiga e conseguiu uma entrevista de emprego para Patrícia. A vaga era para recepcionista em um hospital particular renomado. Assim que concluiu a entrevista, Patrícia foi informada de que havia sido contratada e poderia começar já na próxima semana.

Patrícia correu para casa para contar a notícia à mãe, que ficou radiante.

– Minha filha trabalhando no melhor hospital da cidade.

Que orgulho!

– Calma, mamãe, é só um cargo de recepcionista, não de cirurgiã – respondeu Patrícia, rindo.

– Mas me deixe sonhar!

– Sua boba. Preciso agradecer à Gabriela. Se não fosse por ela, eu não teria conseguido.

– Que Deus a ajude sempre – disse Dolores, com um sorriso grato.

***

Enquanto isso, na casa de Felipe, Selma observava Hernando na piscina, em companhia de Vitório. Ele era um homem bonito, jovem e bem-educado. Rafael se aproximou da esposa e sentou-se ao seu lado.

41

– Nosso filho está se tornando um grande homem –

comentou Rafael, orgulhoso.

– É verdade. Fazer o curso de medicina em Buenos Aires foi uma ótima decisão – concordou Selma.

– E esse rapaz? Hernando.

– Colega de turma.

– Parece um bom rapaz.

– Também achei.

Maria, a empregada, aproximou-se com uma bandeja de suco de laranja e serviu os dois.

– Obrigada, Maria – agradeceu Selma, enquanto bebericava o suco.

Seus olhos, no entanto, continuavam fixos em Hernando.

Havia algo nele que ela não conseguia decifrar, algo que talvez ele estivesse tentando esconder.

– Preparada para amanhã? – perguntou Rafael, tirando-a de seus pensamentos.

O casamento seria no dia seguinte.

***

À noite, Raquel sentou-se na cama, olhando ao redor do quarto que logo deixaria. Elvira bateu na porta e entrou, sentando-se ao lado da filha.

– Vim lhe desejar uma boa noite.

42

– Minha última noite de solteira, no meu quarto. É tão estranho.

– Sua irmã ainda não se conformou de você não ter feito uma despedida de solteiro.

– Um dia ela também se casará e poderá fazer uma –

respondeu Raquel, rindo.

Elvira sorriu. Raquel deitou a cabeça no colo da mãe, que começou a afagar seus cabelos.

– Minha menina virou uma mulher. E amanhã será uma mulher casada. Meu Deus, como o tempo passa.

– Não vai entrar em uma crise da meia-idade agora, vai?

– Sua boba!

As duas riram, compartilhando um momento de cumplicidade.

***

Em outra parte da cidade, Patrícia conversava com Dolores sobre o casamento de Raquel e Felipe.

– Decidiu se vai à cerimônia? – perguntou Dolores.

– Sinceramente, não sei. Se eu for, estarei dando à Raquel exatamente o que ela quer. Por outro lado, se não for, estarei admitindo que ainda sinto algo por Felipe. Estou num dilema.

– E você ainda sente?

– Eu te convenceria se dissesse que não?

– Não.

– Então não preciso responder.

– Filha – Dolores pegou a mão de Patrícia –, acho que você deveria ir. Deixe essa história para trás. Sua vida mudou, e é hora de enterrar as diferenças com sua prima.

– Queria que fosse tão fácil quanto você faz parecer.

– E é. Basta você se esforçar.

– Vou tentar.

– Essa é a minha garota.

As duas se abraçaram, compartilhando um momento de afeto.

***

Selma bateu na porta do quarto de Felipe e entrou.

– Podemos conversar um pouco?

– Claro.

– Só queria me despedir do meu filho.

– Até parece que vou morrer.

– Vai se casar. É quase a mesma coisa.

– Isso está parecendo roteiro de novela mexicana, mamãe.

– Para os filhos é fácil abrir as asas e voar, mas para uma mãe, é sempre difícil ver o filho se tornando um adulto.

– Mas é a lei da vida, dona Selma.

– Uma lei injusta.

– Sabe que vou estar sempre por aqui.

– Eu sei, mas não será a mesma coisa. Terá sua mulher e, em breve, filhos também. Terá muitas responsabilidades, e não sobrará tempo como esse, para conversar com sua velha mãe.

– Achei que não gostasse dessa palavra, "velha".

– Não quando os outros dizem.

Felipe sorriu.

– Te amo, mãe.

– Eu também te amo, meu filho.

Eles se abraçaram, em um momento de despedida emocionante.

***

No quarto ao lado, Vitório entrou e fechou a porta atrás de si. Hernando estava deitado na cama, lendo um livro.

– O que está achando dessa pequena temporada aqui em casa? Te falei que ia sobreviver.

– Me sinto vigiado o tempo todo.

– Relaxa! Logo voltaremos para Buenos Aires, e tudo voltará a ser como era.

– Assim espero.

45

Vitório sorriu para o amigo e lhe deu um beijo na boca.

46

CAPÍTULO 08

O dia seguinte começou com um sol brilhante. A previsão do tempo indicava uma mudança para o fim da tarde, mas nada que pudesse atrapalhar a cerimônia, marcada para as próximas horas.

Raquel despertou ainda sonolenta. Elvira estava sentada ao lado da cama, observando a filha com um sorriso carinhoso.

– Bom dia, meu anjo. Pronta para se casar?

Raquel abriu um sorriso, ainda meio adormecida.

– Acho que sim!

– Acha? Como assim? Você desejou esse dia durante toda a vida, e agora, quando finalmente chega, me diz que "acha"?

– Não me interprete mal, mamãe. Eu quero e vou me casar. Só estou insegura.

– Isso é natural. Toda mudança gera medo, mas sempre nos adaptamos. Você vai ver.

Raquel sentou-se na cama, encostando-se na cabeceira.

– Tive um sonho esquisito.

– Que sonho?

– Sonhei que tinha um filho. Ele era lindo, forte e saudável. Eu estava muito feliz.

– Claro que estava. Ter um filho não é tão esquisito assim.

– Eu sei. A questão é que, por mais que eu o visse, não conseguia senti-lo. Por mais que me esforçasse para pegá-lo e dar-lhe todo o meu amor, não conseguia. Tive medo. E então ele desaparecia.

– Foi só um sonho, filha. Deve ser a ansiedade pelo casamento.

– Tem razão.

– Agora é melhor se levantar e tomar um café. Daqui a pouco, você precisa começar a se preparar para o grande dia.

– Você me ajuda?

– Mas é claro, meu amor. Sempre.

– Obrigada!

***

Patrícia estava diante do espelho, vestindo um vestido vermelho longo, com um decote nas costas que destacava sua silhueta. Admirava-se quando Dolores bateu na porta e entrou.

– Que bom que decidiu ir ao casamento. Fico muito feliz.

– Refleti muito sobre o que você me disse ontem à noite e decidi virar essa página. Não há forma melhor de fazer isso do que ir ao casamento.

– Muito bem. Estou orgulhosa de você.

***

48

Vitório entrou no quarto de Hernando, que estava terminando de se arrumar. Ele fechou a porta e se aproximou do amigo.

– Ficou muito bem assim.

– Me sinto um pinguim – brincou Hernando.

Vitório riu e ajudou-o a colocar o paletó.

– Pronto! Agora está completo.

Eles se beijaram, mas foram interrompidos por Selma, que bateu na porta e entrou sem esperar.

– Então está aqui – disse Selma, referindo-se a Vitório. –

Estamos de saída. Só vim para apressá-los.

– Já estamos descendo, mãe.

– Tudo bem. Não demorem.

Selma saiu, fechando a porta. Hernando sentou-se na cama, pensativo.

– Precisamos tomar cuidado – disse Vitório.

– Estou me cansando disso – respondeu Hernando, com um tom de frustração.

– Já conversamos sobre isso, Hernando. Não posso simplesmente chegar para meus pais e dizer que sou casado com um homem.

– O quê? – Hernando não conseguia acreditar no que ouvia. – Está me dizendo que vamos passar o resto da vida fingindo que somos amigos?

Vitório não conseguiu olhar para ele.

– Responda, Vitório.

Outra batida na porta. Era Selma novamente.

– Meninos, estamos esperando vocês – disse ela, sem abrir a porta.

– Já estamos indo – respondeu Vitório.

Ele se levantou e olhou para Hernando.

– Depois conversamos sobre isso.

– Depois. Sempre depois.

– Por favor, Hernando. Vamos ao casamento e depois falamos.

– Vá você com seus pais. Eu vou depois.

– Por favor, Hernando.

– Por favor, digo eu, Vitório. Preciso ficar aqui e pensar um pouco.

– Não demore.

Vitório saiu, deixando Hernando sozinho no quarto, mergulhado em seus pensamentos.

***

50

Raquel estava nervosa. Elvira tentava acalmá-la enquanto a ajudava a se arrumar, com a ajuda de Paula.

– Tenha calma, minha filha. Tudo vai dar certo.

– Acho que engordei. Estou me sentindo sufocada nesse vestido.

– Impressão sua, Raquel. Você está ótima.

– É verdade – concordou Paula. – Você está maravilhosa.

– E se eu for abandonada no altar?

– Pare com essas bobagens, Raquel. Seu marido te ama.

– Eu sei. Estou sendo patética.

Raquel sentiu uma leve tontura, e Elvira se preocupou.

– Filha! O que está sentindo?

– Estou bem. Foi só uma tontura.

– Deve ser porque você não comeu nada.

– É verdade.

– Estou bem. É só a ansiedade.

– Então relaxe. Deixe a maquiadora terminar seu rosto, porque daqui a algumas horas você estará entrando linda e majestosa na igreja.

CAPÍTULO 09

A igreja estava deslumbrante, decorada com pétalas de rosas brancas espalhadas pelo corredor que levava ao altar e jarros de rosas vermelhas enfeitando os bancos da frente. O local estava lotado de convidados, incluindo familiares de Felipe e Raquel, amigos próximos e até mesmo Viviane, a melhor amiga de Raquel, que havia viajado especialmente para a ocasião.

Dolores e Patrícia estavam sentadas em um banco mais ao fundo, mas foram notadas por Elvira, que se aproximou para cumprimentá-las.

– Dolores! Quanto tempo! – disse Elvira, abraçando-a calorosamente. Em seguida, virou-se para Patrícia. – Que bom que você veio, Patrícia. Está linda.

– Obrigada – respondeu Patrícia, com um sorriso forçado.

– Parabéns pelo casamento de sua filha – disse Dolores, tentando manter a conversa leve.

– Obrigada! Ela está linda.

– Como sempre – completou Patrícia, com um tom que não passou despercebido por Elvira.

– Bom, eu tenho que voltar lá para a frente – disse Elvira, percebendo o desconforto de Patrícia.

– Claro, minha querida – respondeu Dolores, com um sorriso.

53

Elvira retornou ao seu lugar, enquanto Patrícia olhava para Felipe, parado no altar. Ela imaginava que seria ela a caminhar em sua direção, mas a realidade era outra. Raquel chegara primeiro.

– Já está dando muito na vista – sussurrou Dolores para Patrícia, tentando chamar sua atenção.

Vitório, um dos padrinhos de Felipe, estava inquieto.

Hernando ainda não havia chegado à igreja, e ele não conseguia disfarçar a preocupação.

Minutos depois, a atenção de todos se voltou para a entrada. Raquel entrou de braços dados com César, emocionada, seguida pelas damas de honra e pelo pajem, enquanto o coral entoava uma melodia suave. César entregou a filha a

Felipe e se juntou a Elvira, enxugando uma lágrima discreta.

O padre conduziu a cerimônia com solenidade, seguindo todos os rituais. Para Raquel, era o dia mais feliz de sua vida. Para Patrícia, uma tortura silenciosa.

Quando a cerimônia terminou, os noivos foram cobertos por uma chuva de arroz ao saírem da igreja, seguidos por cumprimentos e felicitações dos convidados. Patrícia hesitou, sem saber como enfrentar o homem que amava, desejando-lhe felicidade ao lado de outra mulher.

Dolores percebeu a aflição da filha.

– Eu sei que é difícil, Patrícia, mas você consegue.

Patrícia apertou a mão da mãe com força, respirou fundo e caminhou até os noivos.

54

Quando Raquel viu a prima diante dela, sentiu uma onda de euforia. Sentia-se vitoriosa.

– Parabéns, prima – disse Patrícia, abraçando Raquel com um sorriso forçado.

– Obrigada! – respondeu Raquel, com um brilho nos olhos.

Felipe olhou para Patrícia e sentiu uma estranha familiaridade, embora não conseguisse se lembrar de onde a conhecia.

– Sejam felizes! – disse Patrícia, antes de se afastar rapidamente e se juntar à mãe.

– Viu? Não foi tão difícil assim – disse Dolores, tentando animá-la.

– Pelo amor de Deus, me tire daqui – respondeu Patrícia, agarrando o braço da mãe e saindo rapidamente.

***

A recepção foi realizada no jardim da casa dos pais de Felipe, um espaço amplo e bem decorado, com árvores podadas, flores e uma iluminação que dava um toque especial ao local.

Assim que chegou em casa com os pais, Vitório foi direto ao quarto de Hernando, ansioso para saber por que ele não comparecera ao casamento. Ao entrar, encontrou um bilhete sobre a cama. Vitório pegou-o e leu:

“Estou cansado de esperar por um tempo que nunca chega, Vitório.

Tomei minha decisão. Siga sua vida e seja feliz. Hernando.”

Vitório amassou o bilhete e atirou-o contra a parede.

Pegou o celular e tentou ligar para Hernando, mas todas as chamadas foram direto para a caixa postal. Frustrado, desistiu e voltou ao jardim.

Ao se aproximar da mãe, Selma perguntou:

– Cadê o seu amigo?

– Infelizmente, ele precisou voltar para a Argentina.

Problemas de saúde na família – mentiu Vitório.

– Que pena. Espero que tudo se resolva.

– Ele deixou lembranças a todos – respondeu Vitório, com um sorriso amargo.

Nesse momento, Felipe e Raquel chegaram ao jardim, recebidos por uma salva de palmas calorosa. Elvira abraçou a filha.

– Viu só como deu tudo certo, meu amor?

– Estou tão feliz, mamãe.

– Você está linda, minha amiga – disse Viviane, aproximando-se de Raquel.

– Vivi! Que bom que você veio. Não a vi na igreja.

– Eu estava lá, mas tive que sair rapidamente por uma emergência no hospital. Resolvi e corri para cá.

As duas se abraçaram, enquanto Rafael e Selma cumprimentavam o filho mais uma vez.

– Espero que adorem a Tailândia – disse Selma, animada.

– A lua de mel é muito importante para um casal. Aproveitem e já encomendem um netinho.

– Está louquinha para ser chamada de vovó, não é, dona Selma? – brincou Felipe.

– É o sonho de toda mulher que casa um filho ou uma filha.

A festa continuou sem mais contratempos. Vitório, preocupado com Hernando, nem percebia os olhares de Paula, que começava a desenvolver um interesse por ele. Um interesse que traria consequências no futuro.

***

Longe da festa, Patrícia estava em uma cafeteria no centro da cidade, tomando um café na companhia da mãe. Ainda tentava se recuperar dos últimos acontecimentos.

– Eu não quero mais saber de homens na minha vida –

disse Patrícia, com um tom de desânimo.

– Tudo isso vai passar, Patrícia. Não seja tão radical.

– Eu amei tanto o Felipe, e mesmo assim de nada adiantou. Ele se casou com outra.

– O Felipe nem ao menos teve a chance de te conhecer, Patrícia. Você escolheu dessa forma. Preferiu alimentar um 57

sentimento platônico, enquanto sua prima teve a coragem de conquistá-lo primeiro.

– Eu sei. Mas ela sabia dos meus sentimentos. Como ela pôde, mamãe? Como ela teve essa coragem?

– Isso eu não sei, Patrícia, mas sei que na vida as coisas acontecem da forma que devem acontecer. E cabe a nós entender e aceitar os caminhos que escolhemos seguir.

– Eu só quero ir para casa.

Dolores segurou as mãos de Patrícia.

– Levante a cabeça e siga em frente. Aconteceu. Agora é se acostumar e deixar a vida seguir seu curso. Aproveite sua vida, seu novo trabalho. Faça novos amigos e seja feliz. A gente nunca sabe o que nos espera na próxima esquina.

Patrícia enxugou as lágrimas e abriu um sorriso.

– Eu te amo, mamãe!

– Eu também te amo, meu amor.

As duas se abraçaram, compartilhando um momento de afeto e esperança.

58

CAPÍTULO 10

Felipe e Raquel partiram para a lua de mel na Tailândia, onde ficariam por vinte dias. Para Patrícia, esse período foi essencial para cortar os últimos laços de apego que ainda nutria por Felipe. Pelo menos era o que ela pensava.

Enquanto isso, Patrícia começou a trabalhar no Hospital Nova Esperança, um hospital particular de alto padrão. Era o mesmo local onde Viviane, a melhor amiga de Raquel, atuava como médica residente. Apesar do desconforto inicial, Patrícia logo se adaptou ao novo emprego e fez novos amigos.

Trabalhando na recepção, ela via diariamente uma variedade de pessoas buscando atendimento, o que a ajudou a se distrair e a focar em sua nova vida.

Ao chegar em casa após mais um dia de trabalho, Patrícia sentou-se ao lado de

Dolores, sua mãe.

– Como foi o dia no hospital? – perguntou Dolores, com interesse.

– Bem movimentado. Muitas pessoas precisando de ajuda a todo momento.

– E está gostando de lá?

– No início, tive receio, mas agora estou gostando da rotina.

– Mas tem algo que você não está me contando. O que é?

Patrícia respirou fundo antes de responder.

– A melhor amiga da Raquel trabalha lá. É médica residente.

– Uau! Pelo visto, sua prima está ligada à sua vida por todos os lados.

– Um karma!

– Não diga isso. Nenhum ser humano deve invocar carmas em sua vida. Ter um karma é viver preso aos erros do passado, que nos impedem de crescer.

– Esqueci que a senhora é espiritualista.

– O termo correto é espírita. E sim, acredito que passamos por várias provas e expiações em busca da perfeição do espírito.

– Se isso for verdade, então Raquel e eu temos um histórico e tanto.

– Você deveria ler mais sobre o espiritismo. Verá que nossa crença é muito mais do que morrer e renascer sem parar.

– Um dia, talvez. Mas com certeza não será hoje – disse Patrícia, levantando-se. – Vou tomar um banho e dormir.

Ela se retirou, deixando Dolores sozinha com seus pensamentos.

***

Vitório embarcou para Buenos Aires logo após o casamento do irmão. Ao chegar na capital argentina, foi direto ao apartamento de Hernando, determinado a resolver as coisas de uma vez por todas.

60

Hernando abriu a porta e deixou Vitório entrar. O clima estava tenso, e ambos sabiam que precisavam ter uma conversa definitiva.

– Estava esperando por você – disse Hernando, com um tom frio.

– Então é assim? Um bilhete de despedida? – respondeu Vitório, visivelmente irritado.

Hernando não disse nada, e Vitório continuou.

– Você não acha que somos adultos o suficiente para ter uma conversa madura?

– Agora você quer conversar? Sinto dizer que chegou tarde, Vitório. Acabou.

– Tudo o que eu pedi foi tempo, Hernando.

– Tempo? Eu te dei todo o tempo do mundo, Vitório. Mas eu cansei. Estamos casados há dois anos, e você continua fingindo que somos apenas amigos de faculdade. Você mente para seus pais, dizendo que faz medicina, quando na verdade está cursando jornalismo. Sua vida toda é uma mentira. E eu estou me tornando uma mentira na sua vida. Você acha justo isso?

Vitório ficou em silêncio, sem saber o que dizer. Ele sabia que Hernando estava certo. Tinha medo de enfrentar os pais e assumir quem realmente era.

– Eu sinto muito – foi tudo o que conseguiu dizer.

Hernando virou a cabeça para o lado, pensativo.

Caminhou até a porta e abriu-a.

– É melhor você ir embora. No dia em que você acordar para a vida e se impor, talvez consiga ser uma pessoa de verdade.

Vitório sentia, no fundo, que precisava ficar e lutar, mas não conseguiu. Em vez disso, saiu do apartamento, deixando Hernando para trás.

***

Enquanto isso, Selma se preparava para dormir. Rafael notou algo estranho em sua esposa durante o jantar e decidiu perguntar.

– Te achei bem estranha hoje. Aconteceu alguma coisa?

– Eu vou viajar – respondeu Selma, secamente.

– Viajar? Para onde? E quando?

– Buenos Aires.

– Buenos Aires? – Rafael ficou surpreso. – Por quê?

– Preciso resolver um assunto.

– Você está muito esquisita.

– Quando eu voltar, te conto tudo o que você precisa saber.

– Tudo bem. Só espero que esteja de volta até o início da próxima semana. Nosso filho chega da lua de mel com a esposa.

– Não se preocupe. Será uma viagem breve. Estarei aqui quando você menos esperar.

CAPÍTULO 11

O sol brilhava radiante, iluminando as folhas verdes das árvores de um lugar maravilhoso. Era uma colônia espiritual próxima ao Nosso Lar, onde espíritos desencarnados eram auxiliados em sua transição de volta ao plano espiritual.

Teresa, uma mulher que aparentava ter cerca de quarenta anos, caminhava lentamente por um caminho de pedras de mármore que levava a um coreto com uma vista deslumbrante.

Sentado no banco do coreto, estava Nonato, um espírito iluminado encarregado de comandar os trabalhos da colônia. Ele observava a paisagem quando Teresa se aproximou e sentou-se ao seu lado.

– Está chegando a hora de nossa amiga voltar para casa, Teresa – disse Nonato, com um tom sereno.

– Será que ela está preparada? – perguntou Teresa, preocupada.

– Superficialmente, não. Mas seu espírito desejou esse retorno com muita determinação.

– Eu gostaria que tudo tivesse sido diferente, Nonato. Ela tem tanto potencial.

Nonato pousou a mão sobre as de Teresa, que sorriu.

– Você fez um belo trabalho auxiliando-a nessa breve passagem pela Terra, Teresa. Não precisa ficar triste.

– Eu sei. Só que ainda tenho um carinho muito grande por ela. Por acaso, você sabe como acontecerá o desencarne?

– Infelizmente, não posso revelar isso. Mas garanto que não haverá muito sofrimento. Tudo acontecerá de forma rápida.

– E quando será o dia?

– Daqui a alguns meses.

– E como está nosso menininho?

– Preparando-se para o grande dia.

Teresa baixou os olhos por alguns segundos. Nonato percebeu sua aflição.

– Raquel escolheu dar à luz essa criança, Teresa. Ela sabia que seria apenas uma reparação. Sua consciência não a deixava descansar enquanto não devolvesse a alegria àquela mulher.

– Compreendo. Só espero que ela entenda essa escolha quando retornar para este lado. Quando o espírito é envolto pelo véu do esquecimento, suas escolhas somem de sua mente.

– No entanto, todos sabemos, mesmo que inconscientemente, o caminho que escolhemos trilhar.

Teresa ficou pensativa por alguns minutos.

– Estive com ela durante um de seus sonhos. Repassei sua trajetória, e ela não reagiu bem ao saber do destino que a aguardava.

– Já sei de tudo isso. Acompanhei seu auxílio desde o momento em que ela nasceu.

– Acha que fiz mal?

– Você fez o que achava certo. No entanto, sabemos que os sonhos nem sempre são levados ao pé da letra. Além disso, nem sempre o espírito encarnado consegue se lembrar da mensagem transmitida durante os sonhos. Isso depende do quanto ele está ligado à verdade da vida ou à matéria. No caso de Raquel, ela sofrerá um pouco quando perceber que não há como fugir daquilo que já estava predestinado. Mas, com sua ajuda e carinho, ela superará.

– Assim espero.

– Apenas acredite e confie nela.

– Farei isso.

– E não se preocupe, pois estou ao seu lado.

– Obrigada, Nonato!

Após a conversa com Teresa, Nonato decidiu fazer uma última visita a Daniel, o espírito que renasceria no corpo gerado por Raquel.

Daniel estava sentado em um lindo jardim, cercado por flores de diversos tipos.

– E então, você está preparado? – perguntou Nonato, aproximando-se.

– Só um pouco inseguro. Fiquei pensando nas coisas que farei quando estiver lá, na Terra, e me deu muito medo.

– Não se preocupe. Estarei com você o tempo todo.

65

– E se eu desviar dos meus verdadeiros propósitos? Isso pode acontecer, não é?

– Pode. Mas cuidarei a todo instante para que isso não ocorra.

– E se acontecer?

– Poderá recomeçar. É para isso que existem as reencarnações. Há muitos espíritos na Terra que estão caminhando por outros caminhos, diferentes daqueles que escolheram. Isso acontece porque esses espíritos são influenciados pela educação terrena desde a infância, muitas vezes desviando-se de seus propósitos. Mas também há aqueles que permanecem firmes.

– É uma grande bagunça.

– Literalmente.

Os dois riram. Em seguida, Daniel olhou para Nonato.

– Estive com minha futura mãe. Ela estava tão feliz.

– Sua mãe é uma pessoa forte e corajosa. Quando decidiu dar-lhe a vida, abrindo mão de sua convivência, foi um ato de grande coragem.

– Será que não sentirei falta da presença dela comigo?

– Assim que for permitido, ela estará ao seu lado sempre que precisar. No entanto, há outra pessoa que fará esse papel materno com muito empenho. Tenho certeza de que vocês se darão muito bem.

Daniel sorriu.

– Bom, preciso ir – disse Nonato, levantando-se. – Tenho algumas coisas para fazer. Agora, me dê um abraço, pois da próxima vez que nos vermos, você estará do outro lado.

Daniel levantou-se e abraçou Nonato com força.

Despediram-se, cada um seguindo seu caminho.

CAPÍTULO 12

Vitório estava determinado a não desistir de Hernando.

Apesar do medo de enfrentar seus pais, que sempre impuseram expectativas sobre sua vida – desde a escolha da profissão até o casamento com uma "boa moça de família" –, ele sabia que não podia perder o homem que amava.

Naquele dia, quando Hernando saía da faculdade, Vitório o abordou na porta do edifício. Nas mãos, trazia um buquê de tulipas.

– Hernando! – chamou ele, com um tom de súplica. – Já te disse para me deixar em paz.

– Eu sei o que você disse, mas não posso desistir de você.

E sabe por quê? Porque eu não consigo.

Vitório deixou o buquê cair no chão e segurou o rosto de Hernando com as mãos, dando-lhe um beijo apaixonado, bem ali, em público, diante dos olhares de vários estranhos. Era um ato de coragem. Apesar de ter se casado em segredo,

Vitório nunca demonstrava afeto em público, temendo o julgamento alheio.

Aquilo era um grande passo.

– Eu te amo, Hernando – disse Vitório, com lágrimas escorrendo pelo rosto. – Por favor, não me peça para ir embora.

Eu não consigo mais viver sem você.

Hernando estava emocionado e surpreso com aquela atitude.

69

– Tudo bem, você pode ficar. Mas há uma condição.

– Qual?

– Você precisa contar para sua família.

Vitório sentiu um frio percorrer seu corpo, mas concordou.

– Se isso significa ter você na minha vida, então eu faço.

Hernando sorriu e abraçou o amado.

***

Enquanto isso, no hospital, Patrícia estava no refeitório durante o intervalo quando Viviane se aproximou e sentou-se ao seu lado.

– Oi! – cumprimentou Viviane.

– Oi – respondeu Patrícia, relutante.

Por um momento, Patrícia pensou em se levantar e sair dali, mas decidiu encarar a situação.

– Eu sei de toda a história entre você e sua prima, Raquel.

– É mesmo? Qual parte? Aquela em que ela me apunhalou pelas costas e roubou o homem que eu amo? Pois é, é verdade.

– Tudo bem, eu sei que é complicado.

– Não, você não sabe de nada, Viviane – Patrícia se exaltou. – Raquel agiu como uma gata sorrateira. Era para ela que eu me abria, confidenciava meus sentimentos sobre o Felipe. E ela 70

fingiu querer me ajudar, mas tudo o que ela queria era conquistá-lo e me deixar nessa situação, de trouxa abandonada.

Foi um desabafo. Viviane sabia que não seria fácil conversar com Patrícia, mas estava disposta a ouvi-la.

– Eu sou a melhor amiga da sua prima, mas acredite, entendo como você se sente.

– Ah, é? E como eu me sinto? Quer mesmo saber minha opinião, doutora Viviane? Afaste-se da Raquel antes que ela decida roubar as coisas que você mais ama na vida.

Patrícia levantou-se e saiu, deixando Viviane sentada, observando-a se afastar.

***

Vitório e Hernando chegaram ao apartamento naquela tarde, certos de que tudo seria diferente a partir dali. Mas, logo em seguida, a campainha tocou.

– Quem será? – perguntou Vitório, dirigindo-se à porta.

Era sua mãe, Selma.

– Olá, Vitório! – disse ela, tirando os óculos escuros e olhando fixamente para o filho. – Não vai deixar sua mãe entrar?

– Mamãe! – exclamou Vitório, surpreso. – Claro, pode entrar.

Selma entrou no apartamento, analisando cada detalhe do ambiente. Seus olhos pousaram em Hernando, que estava parado no meio da sala.

– Hernando! Que prazer revê-lo.

– Senhora... Digo, dona Selma! Também é um prazer revê-la.

Hernando aproximou-se e cumprimentou Selma com um abraço e um beijo no rosto.

– Não tivemos tempo de nos despedirmos quando você esteve em minha casa.

– Eu tive que voltar às pressas por causa de...

– Problemas na família. Foi o que meu filho disse. Espero que esteja tudo bem agora.

Hernando engoliu em seco, olhando para Vitório, que estava pálido.

– Sim, está tudo bem – respondeu Hernando. – Vou deixá-los a sós. Preciso arrumar algumas coisas no quarto. Com licença.

Hernando saiu da sala.

– Sente-se, mamãe – disse Vitório, tentando manter a calma.

– Obrigada.

Selma sentou-se no sofá, olhando ao redor.

– É um belo apartamento. Tem bom gosto. Foi você quem decorou ou foi o Hernando?

Vitório percebeu a ironia nas palavras da mãe.

72

– Desculpe, não entendi.

– Claro que entendeu. Pode parar de fingir, Vitório. Eu já sei de tudo.

Selma retirou o bilhete amassado que Hernando havia deixado para Vitório, que este jogara no chão do quarto.

– Reconhece isso?

Vitório sentiu o chão sumir sob seus pés. Sentou-se, incapaz de olhar para Selma.

– Só quero saber até onde você pretendia levar essa palhaçada.

Vitório ficou sem palavras, mas Hernando apareceu na sala.

– O que a senhora chama de palhaçada, nós chamamos de amor.

– Hernando! – tentou intervir Vitório, mas Hernando não recuou.

– Já chega, Vitório. Está na hora de sair do armário e contar tudo de uma vez.

– Por favor, deixe-me conversar com ela a sós.

Selma olhou furiosa para Hernando e levantou-se do sofá.

– Eu sabia que havia algo errado com você desde que o vi em minha casa. Uma intuição materna me dizia que você era uma ameaça para meu filho.

73

Hernando não podia acreditar no que ouvia.

– O quê? A senhora tem noção do que está dizendo? –

Ele olhou para Vitório. – E você não vai dizer nada?

– Você desencaminhou meu filho, Hernando. Ele está desequilibrado, e a culpa é sua, seu pervertido desalmado. Eu vim aqui para levar meu filho de volta para casa, longe de sua vida promíscua e vazia.

– Já chega, mamãe! – gritou Vitório, com uma força que assustou Selma. – Você não tem o direito de vir à minha casa, apontar o dedo para meu marido e chamá-lo de doente e pervertido. Quem está doente aqui é você.

Selma ficou sem reação. Nunca, em toda a sua vida, um de seus filhos havia falado com ela daquela forma.

– Vitório! Por que está falando assim comigo?

– Porque estou cansado de você. Cansado de você me dizer o que fazer e como viver minha vida. Chega. Acabou. Se não consegue me aceitar assim, então saia da minha casa e esqueça que eu existo.

Selma levou as mãos à boca, perplexa.

– Você está pior do que eu pensava. Meu Deus, meu filho está perdido.

– Já chega! Saia daqui.

Vitório agarrou Selma pelo braço e a levou para fora do apartamento. Nem Hernando conseguiu impedi-lo. Quando 74

fechou a porta, Vitório sentou-se no chão, desabando em lágrimas.

Hernando abraçou-o.

– Acabou, Hernando. Estou livre! Estou livre!

Os dois ficaram ali, abraçados, enquanto Selma, na rua, tentava chamar um táxi para voltar ao hotel.

Ao chegar ao quarto, Selma olhou para o próprio reflexo no espelho e desatou a chorar. Sentia que havia falhado em sua missão. Decidiu voltar para casa.

CAPÍTULO 13

Os dias passaram. Quando Selma retornou de Buenos Aires, contou a Rafael tudo o que havia acontecido com Vitório.

Ele ficou profundamente decepcionado e frustrado. Decidiram esquecer a existência de Vitório e focar no filho que consideravam digno de sua atenção: Felipe.

Felipe e Raquel desembarcaram da lua de mel e foram recebidos por Selma, Rafael, Elvira, César e Paula. Um jantar de boas-vindas foi organizado para celebrar o retorno do casal.

Raquel e Felipe passaram a morar em seu próprio apartamento, em um bairro nobre da cidade, vivendo a plenitude dos recém-casados, onde a alegria era constante.

Enquanto isso, Patrícia concentrava-se em seu trabalho no hospital, evitando qualquer contato com Viviane. Dolores, sua mãe, também parecia estar bem. Tudo transcorria em aparente paz, embora, nos bastidores, amigos espirituais se preparassem para os desdobramentos que estavam por vir.

***

Dois meses se passaram. Elvira decidiu visitar Raquel após saber, através da empregada, que a filha não estava se sentindo bem. Ao chegar ao apartamento, encontrou Raquel sentada na sacada.

– Filha! – chamou Elvira, com um sorriso.

– Mamãe! – exclamou Raquel, correndo para abraçá-la. –

Que bom que você veio!

77

– Liguei mais cedo, e Juliana, sua empregada, me disse que você não estava se sentindo bem.

– Não é nada sério. Só um mal-estar passageiro.

– Mal-estar? Que tipo de mal-estar?

– Uma leve tontura. Mas é normal nessa época do ano.

Tem feito muito calor.

– Mesmo assim, é preciso tomar cuidado.

– Estou bem, mamãe. Sério.

– Só vou ficar tranquila se você for comigo ver um médico. Pode ser a Viviane. Se ela disser que está tudo bem, ficarei mais aliviada.

– Pra que tudo isso? Estou bem.

– Não custa nada fazer um check-up, Raquel. Encare isso como um pedido de mãe.

– Tudo bem. Já que insiste, eu vou. Só me deixa trocar de roupa.

Raquel foi se trocar, enquanto Elvira a esperava. Horas depois, mãe e filha entravam no hospital. Patrícia, na recepção, sentiu o coração disparar ao ver a prima se aproximando.

Raquel também ficou surpresa.

– Não sabia que a Patrícia trabalhava aqui – comentou com Elvira.

– Nem eu!

78

As duas se aproximaram de Patrícia.

– Patrícia, que surpresa. Não sabia que você trabalhava aqui – disse Elvira.

– Achei que ainda estivesse na lanchonete – acrescentou Raquel.

– Estou aqui há pouco tempo. Precisam de alguma coisa?

– respondeu Patrícia, com um tom ríspido.

Elvira e Raquel perceberam a frieza e decidiram não prolongar a conversa.

– Sim. Viemos ver a doutora Viviane. Ela está aqui? –

perguntou Elvira.

– A doutora Viviane está atendendo no consultório do segundo andar. Podem passar. Lá, outra recepcionista anunciará vocês.

– Obrigada – agradeceu Elvira, dirigindo-se ao elevador com Raquel.

Patrícia respirou fundo e voltou ao trabalho, tentando ignorar a presença da prima.

Poucos minutos depois, Raquel e Elvira estavam diante de Viviane.

– Que surpresa vê-las aqui! Há algum problema? –

perguntou Viviane.

– Nenhum! – respondeu Raquel. – Só senti um mal-estar pela manhã, e a empregada alarmou minha mãe. Por isso ela me trouxe até aqui.

– Não foi bem assim – interveio Elvira. – Ela sentiu tonturas, e, como mãe, ficaria mais tranquila se você fizesse uns exames e confirmasse que está tudo bem.

– Entendo. Além da tontura, sentiu mais alguma coisa, Raquel?

– Bem, às vezes sinto enjoos.

– Com que frequência?

– Não sei ao certo. São bem rápidos.

– Entendi. Vou pedir uma coleta de sangue para confirmar uma hipótese.

– Hipótese? – perguntou Elvira, preocupada.

– Não se preocupe, dona Elvira. Se for o que estou pensando, não há problema algum.

Viviane pediu que uma enfermeira coletasse o sangue de Raquel. Minutos depois, ela analisou os resultados e sorriu.

– Exatamente o que eu imaginava. Você está grávida, Raquel!

A notícia foi como uma explosão de felicidade. Mãe e filha se abraçaram, emocionadas.

– Eu vou ter um filho, mamãe! Estou grávida!

80

– Eu sei, meu amor! Parabéns! Estou tão feliz por você.

Viviane também abraçou a amiga.

– Parabéns, Raquel!

– Obrigada, amiga!

– Quero ser a madrinha.

– Com certeza.

Raquel mal podia esperar para contar a novidade ao marido. Elvira, feliz por ganhar um neto, tentava controlar a ansiedade da filha.

Ao chegarem ao térreo, Raquel olhou para Patrícia. Elvira percebeu a intenção.

– É melhor não, Raquel. Deixe para depois.

– Não! Ela precisa saber agora.

Raquel se desvencilhou da mãe e caminhou até Patrícia, que levantou os olhos, sentindo um nó no estômago.

– Algum problema? – perguntou Patrícia, com um tom frio.

– Não! Pelo contrário. Só queria dizer que vim fazer um exame. Estou grávida, Patrícia! Felipe e eu vamos ter um filho!

Patrícia sentiu como se tivesse levado um soco no estômago, mas manteve a compostura.

– Parabéns – disse, quase engolindo as palavras, enquanto lutava para conter as lágrimas.

Raquel sorriu e saiu. Assim que atravessou a porta, Patrícia levantou-se e correu para o banheiro feminino. Lá, desabou em lágrimas, olhando para o próprio reflexo no espelho.

– Acabou! Acabou! – balbuciou, enquanto as lágrimas escorriam sem parar.

***

Raquel não teve dúvidas: precisava contar a Felipe, mas decidiu fazer isso de forma especial. Quando ele chegou em casa, encontrou post-its com corações espalhados pelo chão, levando até o quarto. Ao entrar, viu uma roupinha de bebê sobre a cama.

– Raquel! O que significa tudo isso? – perguntou Felipe, confuso.

Ela sorriu, segurando o resultado do exame.

– Estamos grávidos, meu amor! Eu estou esperando um filho seu.

Felipe correu para abraçá-la.

– Meu Deus! Isso é verdade? Você está mesmo grávida?

– Sim! Viviane confirmou. Por isso eu sentia enjoos e tonturas.

– Isso é incrível! Eu não imaginava que seria tão rápido.

Raquel acariciou o rosto de Felipe, enquanto ele se ajoelhou, alisando seu ventre.

– Meu filho! Meu filho! – sussurrou, emocionado.

82

Eles se abraçaram e se beijaram, celebrando a nova fase de suas vidas.

***

Quando Patrícia chegou em casa, encontrou Dolores no sofá. Correu para os braços da mãe, chorando como uma criança.

– Acabou de vez, mamãe! Acabou!

Dolores ficou assustada.

– Meu Deus, Patrícia! O que houve? Me diga o que aconteceu!

Entre soluços, Patrícia revelou:

– Raquel está grávida! Ela está esperando um filho de Felipe.

Não conseguiu dizer mais nada. Agarrou-se à mãe e chorou copiosamente.

CAPÍTULO 14

O dia estava chuvoso. Desde os últimos acontecimentos, o tempo havia passado, mas as tensões ainda persistiam. Selma observava a chuva molhar as plantas do jardim pela janela da sala.

Rafael se aproximou.

– Acha que a chuva vai continuar por muito tempo? –

perguntou ele.

– De acordo com a previsão, não. É uma chuva rápida.

– Assim espero.

Selma se dirigiu ao sofá e sentou-se, seguida por Rafael.

– Tem notícias de Raquel? E do nosso neto?

– Tudo está dentro do planejado. Ela está se cuidando, e tudo indica que terá uma gestação saudável, sem complicações.

– Que bom.

Selma pegou uma revista e começou a folheá-la, tentando distrair-se.

– Vitório ligou – disse Rafael, quebrando o silêncio.

Selma fechou a revista e o encarou.

– Quando foi isso?

– Hoje pela manhã. Foi Maria quem atendeu.

– Que petulância ligar para nossa casa depois de tudo o que ele me disse.

– Deve estar precisando de ajuda.

– Pois que procure em outro lugar.

Apesar de concordar em parte com Selma, Rafael não se sentia à vontade em rejeitar o filho. Mas Selma parecia intransigente, e aquilo era demais até para ele.

– Selma, você não acha que estamos indo longe demais nessa história? – perguntou Rafael, recebendo um olhar fulminante da esposa.

– Longe demais? Você só diz isso porque não foi você quem ele expulsou do apartamento como se fosse um estranho.

– Eu entendo sua mágoa, mas talvez ele queira pedir desculpas. Já pensou nessa possibilidade?

– Não, e nem quero. Vitório fez sua escolha e terá de arcar com as consequências. Eu não o considero mais meu filho, e ponto final.

– Bom, se é assim que você pensa, então não vou mais tocar no assunto.

– Ótimo.

– Vou dar uma saída. Passarei no escritório e volto mais tarde.

– Tome cuidado. Em dias de chuva, o trânsito é uma loucura.

86

– Não se preocupe. Vou me cuidar.

Rafael despediu-se de Selma e saiu.

***

Rafael dirigiu até um edifício na zona oeste da cidade. Ao chegar, subiu até o apartamento no terceiro andar e tocou a campainha. A porta se abriu, e Vitório sorriu ao vê-lo.

– Oi, pai!

– Meu filho!

Os dois se abraçaram, e Rafael entrou.

– Não esperava você por aqui hoje.

– Resolvi passar para conversar um pouco antes de ir à empresa. É sobre sua mãe.

Vitório entristeceu-se.

– Até imagino que não seja nada bom. Ela já sabe que estou aqui?

– Não. Sua mãe ainda está muito magoada. Talvez precise de mais tempo.

– Tempo – disse Vitório, com um sorriso amargo. – Eu tanto pedi tempo ao Hernando, e agora foi ele quem me pediu um tempo.

– Vocês não se falaram mais?

– Não. Ele disse que viajaria e, quando voltasse, definiria o futuro da nossa relação.

– Todo relacionamento tem seus desafios. Dê o tempo que ele precisa, e o que tiver que ser, será.

– É exatamente isso que pretendo fazer. Mas não sei se conseguirei esperar por muito tempo.

Rafael apertou a mão do filho, transmitindo-lhe força.

Decidiram mudar de assunto, e a conversa seguiu com temas mais leves.

***

No hospital, Patrícia estava terminando de atender uma ligação quando viu Renato se aproximar. Alegrou-se ao reconhecer o antigo colega de trabalho.

– Renato! – exclamou, levantando-se para abraçá-lo.

– Que bom revê-la – disse ele, sorrindo.

– O que você faz aqui?

Renato mostrou o braço, que estava enfaixado.

– O que aconteceu?

– Tive um pequeno acidente de moto. Mas não foi nada grave, só uns arranhões e este corte.

– Meu Deus! Você precisa tomar mais cuidado.

– Pode deixar. E você? Não sabia que estava trabalhando aqui.

– Foi a Gabriela, minha amiga, quem conseguiu a vaga para mim. Lembra dela?

– Claro! Como ela está?

– Ótima! Está viajando. Decidiu fazer um intercâmbio na Inglaterra e vai ficar um bom tempo por lá.

– Que maravilha!

Renato nunca deixara de gostar de Patrícia, e vê-la ali, depois de tanto tempo, reacendeu seus sentimentos.

– Que tal sairmos um dia desses? Acho que temos muito a contar um para o outro.

– Claro! – concordou Patrícia, para a felicidade de Renato.

– Que bom. É só marcar, e eu te pego na sua casa.

– Pode ser amanhã.

– Passo às vinte e trinta. Tudo bem para você?

– Claro! Te espero.

Despediram-se, e Renato foi embora.

***

Quando anoiteceu, a chuva já havia cessado. Raquel estava deitada na cama quando Felipe entrou no quarto.

– Boa noite, meu amor! – disse ele, dando-lhe um beijo.

– Boa noite, querido.

A barriga de Raquel já estava um pouco maior, visto que ela estava com quatro meses de gestação. Ela estava com as mãos na cabeça, e Felipe estranhou.

– Está sentindo alguma coisa?

– Não é nada demais. Só uma leve dor de cabeça. Já tomei um remédio. Deve passar logo.

– Raquel, não é bom você se medicar sozinha, ainda mais nesse estado. Já é a segunda vez que você toma analgésicos por conta própria. Isso pode fazer mal ao nosso filho.

– Estou bem, Felipe. Nosso filho está bem e ficará assim até nascer. Eu sinto isso.

– É que eu fico preocupado com você.

Raquel adorava a preocupação de Felipe. Ele era um marido exemplar, cuidando dela com todo o carinho desde que se casaram.

– Tudo bem. Se eu tiver outra dor de cabeça, prometo que não tomarei nenhum

remédio sem consultar um médico antes.

Ela deu-lhe um beijo nos lábios.

– Eu te amo!

– Eu também te amo, meu amor.

– Vou dormir agora. Talvez o remédio faça efeito mais rápido.

– Tudo bem. Vou tomar um banho e comer algo. Depois, venho e fico ao seu lado.

90

Felipe foi tomar banho, enquanto Raquel se virou de lado e adormeceu.

91

CAPÍTULO 15

O relógio marcava duas e vinte da madrugada quando Raquel despertou de repente. Sua cabeça latejava com uma dor insuportável, que parecia explodir em suas têmporas. Ela apertou a cabeça com as mãos, tentando aliviar a pressão.

Felipe acordou imediatamente, percebendo a agitação da esposa.

– Raquel? Tudo bem? – perguntou, preocupado.

Ela não conseguia falar. Apenas tentava respirar, enquanto apertava a cabeça com as mãos.

– Me ajuda! – foi a única coisa que conseguiu dizer antes de cair para trás, desacordada.

Felipe entrou em pânico, tentando reanimá-la. Quando percebeu que ela não reagia, respirou fundo e ligou para a emergência.

Minutos depois, Raquel dava entrada no Hospital Nova Esperança. Viviane, avisada por Felipe, já estava lá, aguardando sua chegada.

– Aguarde aqui – disse Viviane a Felipe. – Assim que tiver notícias, venho falar com você.

– Certo – respondeu Felipe, com a voz embargada e trêmula.

– Há algo que você se lembre que possa ter causado isso?

93

– Ela reclamava de dores de cabeça e tomava remédios por conta própria. Ontem mesmo ela fez isso.

– Entendi. Vou entrar lá agora e trago notícias.

Raquel foi submetida a uma tomografia computadorizada da cabeça, pois o neurocirurgião que a examinara já tinha suas suspeitas. Quando os resultados saíram, Viviane decidiu que era hora de dar as notícias a Felipe.

Ela o encontrou na sala de espera, agora acompanhado por Selma, Rafael, Elvira e César, que também haviam sido avisados.

Todos se voltaram para Viviane.

– Ela está bem? – perguntou Felipe, desesperado.

– Como está minha filha? – perguntou Elvira, aflita.

– Fizemos alguns exames e identificamos o problema –

respondeu Viviane, com um tom grave.

A expressão em seu rosto não era das melhores.

– As dores que Raquel sentia eram causadas por um aneurisma cerebral, que infelizmente se rompeu, causando a dor súbita e a perda de consciência.

– Mas ela vai ficar bem? – perguntou Selma.

– Infelizmente... – Viviane hesitou, sem saber como continuar.

Felipe pressentiu o pior. Agarrou os braços de Viviane, sacudindo-a.

– Ela vai ficar bem, não vai? – gritou. – Diga que ela vai ficar bem! Que nosso filho vai ficar bem!

Elvira abraçou César, chorando. Foi então que Viviane deu a notícia devastadora.

– Ela teve morte cerebral confirmada, Felipe. Sinto muito.

Felipe desesperou-se. Rafael tentou acalmá-lo, enquanto César confortava Elvira, que gritava:

– Eu quero minha filha!

Elvira passou mal e precisou ser medicada. Felipe chorou abraçado a Selma, enquanto Rafael tentava consolá-lo.

Depois que a situação foi um pouco controlada, Viviane pediu que César, Rafael e Felipe a acompanhassem até o consultório no segundo andar, enquanto Selma ficava com Elvira.

Ao chegarem à sala, Viviane começou a explicar:

– Eu sei que este é um momento de extremo luto. Vocês estão arrasados, assim como eu, que era a melhor amiga dela. Mas preciso falar sobre outra questão.

– Sobre o quê? – perguntou César.

– O cérebro de Raquel perdeu sua função, mas o resto de seu corpo ainda está funcionando.

Todos se entreolharam, confusos.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou Rafael.

95

– O que estou dizendo é que, se vocês concordarem, podemos tentar salvar a criança que está sendo gerada no ventre de Raquel.

– Meu filho? Como assim? – perguntou Felipe, sem entender.

– Vou explicar de forma clara. Podemos manter o corpo de Raquel vivo, com a ajuda de aparelhos, até o sétimo mês de gestação. Então, faremos uma cesariana para salvar o bebê, que ainda está vivo dentro dela.

Felipe abriu um sorriso em meio às lágrimas.

– Isso é possível, doutora? – perguntou César.

– Já foi feito antes, e temos a intenção de tentar o mesmo, se vocês permitirem.

– Mas como isso funciona? – perguntou Rafael. – Ela está morta.

– O cérebro de Raquel está morto, mas o resto de seu organismo ainda funciona. Rins, fígado, coração... Com a ajuda dos aparelhos, podemos manter esses órgãos funcionando. Além disso, temos uma equipe de médicos, enfermeiros, nutricionistas e fisioterapeutas que trabalharão para manter a pressão arterial, os níveis de oxigenação, hormônios e nutrientes adequados para o bebê.

Quando Viviane terminou, Felipe estava maravilhado.

Mesmo tendo perdido a esposa, ainda havia esperança de salvar seu filho.

– Mas precisamos da autorização da família – disse Viviane.

– E o que acontece se não concordarmos? – perguntou César.

Felipe sentiu o sangue gelar. Será que seu sogro não daria uma chance ao neto?

– Se não consentirem, aguardaremos até que os órgãos parem completamente. Nesse caso, o feto também será comprometido e morrerá.

– Por favor, César! – suplicou Felipe.

César olhou para ele, vendo a agonia em seus olhos.

– Preciso conversar com minha esposa. Ela precisa dar sua opinião.

– Tudo bem. Só espero que não demorem. Precisamos começar o quanto antes.

César deixou a sala e foi até Elvira, que estava sob efeito de medicamentos. Quando soube da proposta de Viviane, ela se emocionou e consentiu, para a felicidade de Felipe.

Viviane tomou todas as providências. Começava ali uma jornada para salvar a vida da criança que ainda se desenvolvia no ventre de Raquel.

***

Enquanto isso, Raquel despertou como se tivesse saído de um sono profundo e reconfortante. Ao abrir os olhos, não 97

reconheceu onde estava. O ambiente era tranquilo e acolhedor, mas ela sentia uma estranha sensação de deslocamento.

De repente, uma mulher entrou no quarto, trazendo uma bandeja com um copo de água.

– Olá! Ainda bem que acordou – disse a mulher. – Deve estar com sede.

– Onde estou? Quem é você? – perguntou Raquel, confusa.

– Primeiro, beba isto. Logo suas perguntas serão respondidas.

Raquel bebeu a água de um só gole e agradeceu. A mulher sorriu e saiu.

Pouco depois, Teresa entrou no quarto.

– Que bom que acordou – disse Teresa, sentando-se ao lado de Raquel. – Como está se sentindo?

– Onde estou? O que aconteceu? – perguntou Raquel, ainda desorientada.

Teresa passou a mão pelo rosto de Raquel, e, como num passe de mágica, ela reviveu o momento de sua desencarnação. Viu seu espírito sendo retirado do corpo e levado até aquele lugar.

Quando voltou a si, Raquel caiu em prantos.

– O que aconteceu comigo?

Teresa a abraçou, tentando acalmá-la.

– Vai ficar tudo bem, Raquel. Você está segura agora.

Raquel se desvencilhou dos braços de Teresa e levantou-se, afastando-se dela.

– Eu não te conheço! Quero voltar para minha casa, para o meu marido! Nós vamos ter um filho!

– A vida que você julga ter não lhe pertence mais, Raquel.

Abra seus olhos e enxergue a verdade. Você já cumpriu sua missão.

– Não! Eu quero meu marido! Felipe! Felipe!

Raquel gritava com toda a força, e, como antes, seu espírito foi levado de volta à Terra, ao lado de Felipe, que estava no quarto onde o corpo de Raquel, ligado a aparelhos, era mantido para que o feto se desenvolvesse.

– Obrigado, meu amor – disse Felipe, beijando a testa de Raquel. – Descanse. Cuide para que nosso filho nasça forte e saudável.

Felipe chorava, enquanto Raquel, agora consciente de sua condição, desesperou-se.

– Não! – gritou, até desmaiar.

CAPÍTULO 16

Quando Patrícia chegou ao hospital para trabalhar naquela manhã, não fazia ideia do que havia acontecido durante a madrugada. Ao se aproximar da entrada, avistou César e Felipe um pouco afastados, conversando em voz baixa. A cena lhe pareceu estranha, mas decidiu ignorar e seguiu adiante.

Mal cruzou a porta, deparou-se com Viviane, que a interceptou com um olhar sério.

– Preciso falar com você. É urgente.

Patrícia arregalou os olhos, surpresa com a seriedade na voz da colega. Sem questionar, seguiu-a até o consultório particular no segundo andar. Assim que se sentaram, Viviane não perdeu tempo:

– Raquel deu entrada no hospital esta madrugada. Ela sentia fortes dores de cabeça e chegou desacordada.

Patrícia sentiu um frio percorrer sua espinha.

– Ela está aqui?

Viviane baixou a voz, como se as palavras fossem pesadas demais para serem ditas em voz alta.

– Ela está morta.

O coração de Patrícia pareceu parar por um instante.

– Morta? Como assim?

– Ela sofreu um aneurisma cerebral. A morte foi instantânea.

Patrícia levou as mãos ao rosto, tentando assimilar a notícia. As palavras ecoavam em sua mente, mas não faziam sentido. Raquel, sua prima, estava morta. Como isso era possível?

Viviane continuou, com um tom mais suave, mas ainda firme:

– Estamos mantendo o corpo dela ligado aos aparelhos.

O restante do organismo ainda está funcionando, e decidimos preservá-lo até o sétimo mês de gestação. Precisamos salvar o bebê.

Patrícia sentiu as pernas tremendo.

– Meu Deus... Então Raquel está morta, mas ainda... viva?

Como isso é possível?

– Já houve casos assim em outros hospitais. Aqui é a primeira vez que enfrentamos algo parecido.

– E o Felipe? Como ele está lidando com tudo isso?

– Ele está destruído. Dividido entre a dor de perder a esposa e a esperança de salvar o filho.

Patrícia fechou os olhos por um momento, tentando se recompor.

– E como eu posso ajudar?

Viviane inclinou-se para frente, com um olhar suplicante.

102

– Preciso que você, como parente próxima e funcionária do hospital, nos ajude nesse processo. Sempre que puder, vá até o quarto de Raquel e converse com o bebê. Conte histórias, cante, faça carinho. Esses gestos podem fazer toda a diferença para a criança.

Patrícia assentiu, ainda atordoada, mas determinada.

– Claro. Pode contar comigo.

Viviane sorriu, aliviada.

– Obrigada, Patrícia. Isso significa muito.

***

Enquanto isso, em outra parte da cidade, Dolores recebeu a notícia por telefone. Sem hesitar, decidiu visitar Elvira, sua ex-cunhada, para oferecer apoio no momento de dor.

Ao chegar à casa de Elvira, Dolores sentiu o peso do luto pairando no ar. Paula, a filha mais nova, atendeu a porta. As duas trocaram palavras breves, mas carregadas de emoção, antes de Paula conduzi-la ao quarto de Elvira.

– Mãe, a Dolores está aqui.

Elvira estava deitada na cama, os olhos inchados de tanto chorar. Mal levantou o olhar quando Dolores se aproximou e a envolveu em um abraço apertado.

– Minha querida, sinto muito.

Elvira começou a chorar novamente, as palavras saindo entre soluços.

– Minha filha... tão jovem, tão cheia de vida... Como isso pôde acontecer?

Dolores segurou suas mãos, tentando transmitir algum conforto.

– É uma tragédia, Elvira. Mas precisamos encontrar forças para seguir em frente.

– Forças? Como encontrar forças quando minha filha está morta?

– Entregue sua dor a Deus, Elvira. Ele sabe o que faz.

Elvira soltou um riso amargo.

– Deus? Que Deus, Dolores? Se Ele existe, por que permitiu isso?

Dolores não insistiu. Sabia que a dor falava mais alto naquele momento. Em vez disso, abraçou a amiga novamente, deixando que o silêncio e a presença fossem seu conforto.

***

De volta ao hospital, Patrícia entrou no quarto onde Raquel estava. A visão da prima, imóvel, conectada a máquinas que mantinham seu corpo funcionando, era surreal. Aproximou-se da cama e acariciou o rosto de Raquel, sentindo uma onda de tristeza e arrependimento.

– Sinto tanto que não estivemos mais próximas, prima –

sussurrou, a voz embargada. – Se eu pudesse voltar no tempo...

Foi nesse momento que Felipe entrou no quarto. Patrícia olhou para ele, e ele sentiu algo estranho, como se aquela cena já tivesse acontecido antes.

– Eu só vim ver minha prima – disse Patrícia, quebrando o silêncio.

Felipe assentiu, os olhos vermelhos de tanto chorar.

– Fique à vontade.

Patrícia se aproximou dele e o abraçou.

– Sinto muito pela sua perda.

No instante em que seus corpos se tocaram, ambos sentiram uma conexão inexplicável, como se duas partes perdidas tivessem finalmente se reencontrado.

CAPÍTULO 17

O espírito de Raquel vagava pelos corredores do hospital, completamente desnorteado. Sua cabeça latejava com uma dor profunda, como se ainda carregasse o peso do corpo físico que deixara para trás. Olhava em volta e via outros espíritos, alguns confusos como ela, outros sendo conduzidos por seres revestidos de uma luz branca e terna. Sentia que precisava sair dali, mas não sabia como.

Foi então que Teresa apareceu diante dela, com um olhar sereno e compassivo.

– Venha comigo, Raquel. Deixe-me ajudá-la.

Raquel recuou, os olhos cheios de medo e negação.

– Não! Afaste-se de mim! – gritou, desesperada.

Teresa manteve a calma, estendendo a mão em um gesto de paz.

– Quanto mais você resiste à verdade, mais sofrimento e dor você causa a si mesma, minha querida.

– Você não é real. Isso é apenas um pesadelo. Eu não estou morta. Eu não estou morta!

Raquel gritou tão alto que, num instante, foi levada até a casa de sua mãe, Elvira. Lá, encontrou a mãe chorando copiosamente, sentada na cama, com Dolores ao seu lado, tentando confortá-la com uma xícara de chá de cidreira.

– Por favor, Elvira, tome um pouco de chá. Vai te fazer bem – dizia Dolores, com voz suave.

Mas Elvira recusava, abalada pela dor da perda.

– Minha filha... minha Raquel...

Raquel olhou para a mãe, e o coração partiu-se em mil pedaços.

– Mamãe! – tentou abraçá-la, mas suas mãos atravessaram o corpo de Elvira como se fossem feitas de ar.

Teresa aproximou-se novamente, com um olhar de compaixão.

– Está vendo? Sua mãe está sofrendo pela sua partida.

Você precisa aceitar sua condição para poder ajudá-la a superar essa dor.

– Mamãe! – Raquel tentou novamente, mas seu desespero só aumentava a agonia no espírito de Elvira, que se encolhia na cama, como se sentisse uma presença opressiva.

– Pare, Raquel! – Teresa interveio, firme. – Não vê que, agindo assim, só está prejudicando sua mãe?

Raquel afastou-se, encolhendo-se num canto do quarto, observando a movimentação ao redor. Teresa aproveitou o momento para fazer um apelo silencioso, pedindo ajuda a Nonato.

Quase imediatamente, o espírito de Nonato surgiu diante delas, revestido de uma luz branca e suave, semelhante àquela que envolvia os espíritos que resgatavam os desencarnados no hospital.

– Por que me chamou, irmã? – perguntou Nonato, com voz calma e serena.

– Por favor, Nonato. Eu não consigo convencê-la.

Preciso da sua ajuda – suplicou Teresa.

Nonato olhou para Raquel, que recuou ainda mais, tomada por um pavor inexplicável.

– Não se aproximem! Fiquem longe de mim! Eu não estou morta! Vocês não são reais, e eu não vou a lugar nenhum com vocês!

Ao proferir essas palavras, Raquel percebeu que o ambiente ao seu redor começava a escurecer rapidamente. Tudo se transformou em um vazio profundo, um nada absoluto. Ela já não estava no quarto da mãe, mas também não conseguia entender onde estava. O medo a dominou por completo.

Teresa agarrou o braço de Nonato, alarmada.

– Onde ela está? Não consigo senti-la!

Nonato pousou as mãos nos ombros de Teresa, olhando-a com seriedade.

– Raquel foi levada para uma dimensão onde você não poderá ajudá-la. Por agora, concentre-se em auxiliar os outros.

Essa é a sua missão.

– Não! – Teresa protestou, angustiada. – E quanto a Raquel? Eu não posso simplesmente abandoná-la!

– Raquel ainda está cega pelas ilusões do mundo material, Teresa. Ela precisa encontrar, sozinha, o caminho de volta para a luz. Confie nela, assim como eu confiei em você. Ela conseguirá.

– Eu falhei... Era meu dever cuidar dela, e eu falhei –

lamentou Teresa, com os olhos marejados.

– Não pense assim – respondeu Nonato, com um sorriso tranquilo. – Não podemos controlar as escolhas de nossos irmãos.

Tudo o que podemos fazer é inspirar-lhes bons pensamentos e encorajá-los nas dificuldades. Mas, quando um irmão se perde, resta-nos orar e confiar. No final, tudo sempre se ajeita.

Nonato voltou seu olhar para Elvira, que finalmente aceitara o chá de Dolores.

– Agora, devemos cuidar daqueles que continuam sua jornada no mundo físico. Eles são os que mais precisam do nosso apoio.

CAPÍTULO 18

A lua brilhava intensamente no céu, iluminando a noite com uma luz prateada. Patrícia terminou de se arrumar e aguardava Renato, que a havia convidado para sair. A promessa de uma noite diferente parecia ser o alívio que ela precisava após os acontecimentos recentes.

Dolores observou a filha, admirando-a com um sorriso carinhoso.

– Vai sair?

– Sim, Renato, aquele meu amigo e ex-colega de trabalho, me convidou para conversar. Acho que vai me fazer bem –

respondeu Patrícia, ajustando o colar no pescoço.

– Vai, minha filha. Você precisa se distrair um pouco.

Patrícia sentou-se ao lado da mãe, com um suspiro.

– Estive na casa de Elvira hoje.

– E como ela está? – perguntou Dolores, com interesse.

– Muito abatida. Chora o tempo todo.

– Foi um golpe muito duro para ela.

– E essa história de esperar o bebê nascer... Isso é mesmo possível?

– Viviane me garantiu que sim – explicou Dolores, com um tom de admiração.

– É incrível, não é? – comentou Patrícia, ainda tentando assimilar a situação.

– Segundo Viviane, já aconteceu outras vezes. Eles mantêm o corpo funcionando com aparelhos e cuidados especiais.

Quando a gestação chega ao sétimo mês, fazem uma cesariana e colocam o bebê na incubadora até que ele se desenvolva.

Dolores balançou a cabeça, maravilhada.

– É um verdadeiro milagre.

– E o que acontece com Raquel depois?

– Bem, quando o parto acontecer, eles desligam os aparelhos e aguardam a morte natural do corpo. O coração, os rins, tudo para de funcionar. Mas, nesses casos, o hospital costuma conversar com a família sobre a doação dos órgãos, já que estão em perfeitas condições.

– E ainda podem salvar muitas vidas – completou Patrícia, refletindo.

– Exatamente.

O telefone de Patrícia tocou, interrompendo a conversa.

Era Renato avisando que já estava à espera em frente ao prédio.

– O Renato já está lá embaixo – disse Patrícia, levantando-se.

Ela deu um beijo na mãe, que aproveitou para soltar uma indireta.

– E esse seu amigo? Ele é bonito?

112

Patrícia revirou os olhos, reconhecendo o tom de voz da mãe.

– Não comece, dona Dolores. Somos apenas amigos.

– Eu não disse nada demais – respondeu Dolores, com um sorriso inocente.

– Mas pensou. Eu conheço você muito bem.

– Sua bobinha – riu Dolores, enquanto Patrícia saía, sacudindo a cabeça com um sorriso.

***

Enquanto isso, alheias ao que se passava na dimensão espiritual, Dolores e Patrícia não percebiam a presença do espírito de Raquel, que observava a cena

em silêncio. Ela estava ali, invisível, ouvindo cada palavra, até que Patrícia saiu.

Foi então que uma voz ecoou na mente de Raquel, fria e cortante.

– Você tanto quis uma vida feliz ao lado do homem que amava, e, no entanto, sua prima é quem vai ficar com tudo.

Raquel olhou em volta, alarmada.

– Quem falou? Foi você? Veio me buscar para seu lugarzinho de luz? Eu não vou. Já disse!

Ela gritava, girando pela sala, procurando a origem da voz. De repente, uma figura começou a se materializar diante dela, sentada no sofá onde Dolores descansava momentos antes. Era 113

uma mulher de aparência madura, com cerca de quarenta anos, que sorriu ao ver Raquel.

– Olá, querida!

– Quem é você? – perguntou Raquel, desconfiada.

A mulher levantou-se, caminhando em direção a ela com passos calmos.

– Pode me chamar de Safira.

– Você também é um deles? Veio me levar com você?

Safira deu uma gargalhada, como se a pergunta fosse absurda.

– Levar você? Não, minha querida. Nós não vamos a lugar nenhum.

– O que você quer de mim? De onde você me conhece?

– Isso não importa agora – respondeu Safira, com um sorriso enigmático. – A única coisa que importa é você. Veja ao seu redor. Você perdeu tudo pelo que lutou. Acha isso justo? Acha que merecia estar nesse lugar, longe do seu marido, da sua família...

do seu filho?

Raquel levou as mãos à cabeça, sentindo-se tonta. As palavras de Safira ecoavam em sua mente, cada uma mais dura e insinuosa que a anterior.

– Eu não merecia isso!

– Não, minha menina. Você não merecia nada disso.

Mesmo assim, este é o destino que ganhou.

114

– Sai daqui! – gritou Raquel, tão alto que as vibrações de sua agonia derrubaram um porta-retratos da mesinha próxima ao sofá.

Dolores, que ainda estava na sala, assustou-se com o barulho e fez o sinal da cruz ao recolher o objeto do chão.

Raquel desapareceu imediatamente, enquanto Safira olhava para Dolores com uma expressão de desdém, como se não suportasse sua presença. Caminhou até a janela, olhando para o lado de fora com um sorriso frio.

– Durante muito tempo, eu esperei por você, Elizabeth.

Agora que te encontrei, não vou deixá-la em paz nem por um minuto. Você vai pagar caro pelo que me fez. Vou atormentá-la por toda a eternidade.

***

Teresa, que sentira tudo o que havia acontecido, correu até Nonato, desesperada.

– Nonato, preciso falar com você!

– Acalme-se, irmã. Não há motivo para tanto alvoroço –

respondeu Nonato, com serenidade.

– É sobre Raquel...

– Eu sei. Já sei que Safira reencontrou seu antigo desafeto. Isso era previsível, visto que Raquel recusou nossa ajuda.

Ela fez sua escolha, Teresa.

– Mas não posso deixar Safira fazer mal a Raquel. Ela não é mais uma pessoa ruim.

– Safira também não é uma pessoa ruim, Teresa, e você sabe disso. Ela está

apenas consumida pela revolta e cega pela vingança. Precisa de ajuda tanto quanto Raquel.

– Então não vamos fazer nada?

– Eu não disse isso. Sempre há um tempo para tudo, Teresa. E chegará o momento em que Safira e Raquel precisarão resolver suas diferenças.

– Tenho medo de que isso atrapalhe ainda mais o desenvolvimento de Raquel.

– Então reze, Teresa. Apenas a oração poderá ajudá-las agora.

CAPÍTULO 19

Renato e Patrícia jantaram em um local aconchegante, onde a atmosfera tranquila permitiu que conversassem sobre os últimos acontecimentos. Após o jantar, decidiram dar uma volta sob a luz do luar, que brilhava intensamente naquela noite.

Caminhavam lado a lado, enquanto a brisa suave envolvia os dois.

– Que loucura essa situação da sua prima – comentou Renato, quebrando o silêncio.

– É uma tristeza que dói no coração. Minha tia está completamente desolada. E ainda tem a questão da gravidez...

– É incrível como a medicina evoluiu. Quem diria que, décadas atrás, algo assim seria possível?

– Verdade. Mas é uma luta constante, todos os dias –

respondeu Patrícia, com um suspiro.

Renato parou de caminhar e ficou olhando para Patrícia, com um olhar intenso que a deixou curiosa e um pouco nervosa.

– Algum problema? – perguntou ela, tentando disfarçar o desconforto.

– Nenhum. Só estava te admirando – respondeu Renato, com um sorriso suave.

– Desse jeito, eu fico sem graça – disse Patrícia, desviando o olhar.

– Por quê?

Renato se aproximou, passando a mão com delicadeza no rosto dela.

– Você é uma mulher incrível, Patrícia. Nem todo o tempo que passamos afastados foi capaz de apagar o que eu sinto por você.

– Por favor, Renato. Eu não sei se devemos...

– Xii – ele interrompeu, colocando um dedo sobre os lábios dela. – Não diga

mais nada.

O olhar de Renato, tão próximo, deixou Patrícia desconcertada. Ela sabia do interesse que Gabriela, sua amiga, tinha por ele. No entanto, Gabriela estava morando no exterior, e Patrícia se via dividida entre os sentimentos que Renato despertava nela e a lealdade à amiga.

– Eu sempre te achei linda, Patrícia. Sempre te admirei, mesmo que de longe. Mesmo que você nunca tenha notado, eu sempre tive um carinho muito grande por você.

– Eu não sei nem o que dizer – respondeu Patrícia, com a voz embargada.

– Não precisa dizer nada. Apenas aceite o meu amor, e eu te prometo que será a mulher mais feliz do mundo.

No impulso, movida pelas palavras doces de Renato, Patrícia deixou-se envolver em um beijo ardente e intenso.

Quando se separaram, ela percebeu que as coisas estavam acontecendo rápido demais.

– Isso não podia ter acontecido – disse, afastando-se um pouco.

– Por quê? Somos dois adultos, livres. Nada nos impede de amar um ao outro.

– Eu sei, mas precisamos ter calma. Eu preciso de tempo.

Contra sua vontade, Renato entendeu o apelo de Patrícia.

– Tudo bem. Vou respeitar o seu tempo. Mas prometa que não vai se esquecer de mim.

– Vou pensar com carinho – respondeu Patrícia, com um sorriso tímido.

Renato sorriu.

– Posso te acompanhar até em casa?

– Pode sim. Obrigada.

Ao chegar em casa, Patrícia tentou disfarçar o que havia acontecido, mas Dolores, com seu faro maternal, percebeu que algo estava diferente.

– Pela sua carinha, vejo que aconteceu alguma coisa. Não quer me contar?

– Bobagem, mamãe. Não aconteceu nada demais –

respondeu Patrícia, evitando o olhar da mãe.

– Eu te conheço muito bem, dona Patrícia.

– Realmente, não dá para esconder nada de você.

– Não mesmo. Agora me conte. O que aconteceu?

– Aconteceu o que não devia ter acontecido, mamãe. O

Renato disse que gosta muito de mim... e me beijou.

Dolores abriu um largo sorriso.

– Sua boba, e isso não é bom? Conte-me tudo.

– Como pode ser bom? A Gabriela é apaixonada por ele.

E eu sou a melhor amiga dela. Já imaginou a confusão que isso pode dar?

– Besteira sua pensar assim. Até onde sei, a Gabriela foi morar no exterior. Você e o Renato ficarão aqui. Não vejo problema algum.

– Pois eu vejo. Eu não gostei quando minha prima roubou o Felipe de mim, mesmo sabendo que eu o amava.

– Com relação a isso, você já sabe o que eu penso. Agora, sobre essa nova situação, você será uma boba se não aceitar namorar esse rapaz.

– Será, mamãe?

– Tenho certeza, Patrícia.

Patrícia ficou em silêncio, refletindo nas palavras da mãe.

Talvez ela tivesse razão. Felipe havia se casado com sua prima, e ela perdeu a chance de ser feliz ao lado dele. Agora, a vida lhe oferecia uma nova oportunidade, e ela estava criando barreiras para resistir.

– Pense bem, minha filha – disse Dolores, levantando-se do sofá. – Agora vou dormir.

120

Dolores se retirou, deixando Patrícia mergulhada em seus pensamentos.

***

No hospital, Felipe estava ao lado da cama onde Raquel era mantida viva pelos aparelhos. Viviane entrou no quarto, quebrando o silêncio.

– Oi, Felipe!

– Olá, Viviane – cumprimentou ele, com um abraço rápido.

– Ela parece um anjo – comentou Viviane, olhando para Raquel.

– Para mim, é como se eu estivesse vivendo um pesadelo sem fim – respondeu Felipe, com voz cansada.

– Eu sei o quanto deve ser difícil para você, mas pense no seu filho. Encontre na criança que vai nascer as forças que precisa para suportar tudo isso.

– É só nisso que eu penso, Viviane.

Felipe acariciou a barriga de Raquel, que já apresentava um pequeno relevo.

– Quando poderemos saber o sexo do bebê?

– Em breve. Você tem alguma preferência?

– Eu queria um menino. Sempre sonhei em ser pai de um menino. Mas agora, só quero que a criança nasça com saúde e sem complicações.

– Entendo. A Raquel queria uma menina. Pelo menos foi o que ela me disse uma vez.

– Quase todas as mães preferem meninas – comentou Felipe, com um sorriso triste.

– Assim como a maioria dos pais prefere meninos –

completou Viviane, tentando aliviar o clima.

Os dois riram, e Viviane se despediu.

– Bom, vou deixar você a sós com ela. Volto depois para dar mais uma olhada.

– Obrigado.

***

Na dimensão espiritual, Raquel assistia a tudo o que se passava no quarto do hospital. Sofria ao ver a dor nos olhos de Felipe, sem poder consolá-lo. Aos poucos, ela se dava conta de que havia realmente morrido e que seu corpo era mantido vivo apenas para que o bebê pudesse nascer.

Foi nesse momento que Safira apareceu novamente, com um sorriso frio nos lábios.

– Olá, minha querida.

– Você de novo? O que você quer de mim? Por que não me deixa em paz?

Safira se aproximou do corpo de Raquel, observando Felipe com interesse.

– Então esse é o seu marido. Um belo rapaz. É uma pena que você o tenha deixado.

– Eu não o deixei! Você está mentindo. Cale a boca!

– Como não? Veja você mesma. Seu marido está vivo, enquanto você... bem, você já era, minha querida.

– Por que você está sendo tão cruel comigo?

Raquel desabou em prantos, agachando-se no chão do quarto. Safira aproveitou a instabilidade emocional que provocara e se aproximou.

– Não adianta chorar agora. O caminho está livre.

Raquel olhou para ela, confusa.

– Do que você está falando?

– Do seu marido e da sua prima, Patrícia.

Ao ouvir o nome de Patrícia, Raquel levantou-se, os olhos vermelhos de raiva.

– Isso nunca!

– Você é quem pensa, Raquel. Agora, mais do que nunca, o caminho de Felipe está aberto para sua prima. Eles vão namorar, se casar e até criar o seu filho como se fosse deles. E você? Bem, você cairá no esquecimento. Será apenas mais um corpo abandonado em um túmulo frio e mal cuidado.

– Nunca! Entendeu? Nunca! Antes, eu acabo com a vida da Patrícia. Acabo com ela!

123

Raquel desapareceu como num passe de mágica, deixando Safira rindo em triunfo.

Foi então que Teresa surgiu diante de Safira, com um olhar severo.

– O que você quer aqui? Vá embora! – disse Safira, afastando-se.

– Por que você insiste em prejudicar essa mulher? Não vê que está impedindo o progresso do espírito dela?

– Eu quero que ela sofra. Elizabeth vai pagar por tudo o que me fez.

– Você está cometendo um grande erro, Safira. Elizabeth não existe mais. Ela ficou no passado, assim como você. Não vê que é hora de seguir em frente e deixar esse ódio para trás?

– Ela pode ser quantas pessoas quiser, mas para mim sempre será aquela mulher cruel e sem coração. Ela destruiu a minha vida, e agora eu vou destruir a dela.

Teresa percebeu que Safira ainda estava presa em sua teia de ódio. Nenhuma palavra seria capaz de demovê-la daquela ideia de vingança.

– Você condenou Elizabeth todo esse tempo, mas nunca pensou nas condições que a levaram a ser quem ela era.

Safira ficou curiosa, e Teresa aproveitou para continuar.

– Então vai dizer que a culpa é minha? Que eu fiz Elizabeth cometer as atrocidades que ela cometeu?

– O que eu estou dizendo, Safira, é que o mal não nasce em nós. Ele é criado pelas nossas ações. Ações que nos afastam de Deus e do nosso verdadeiro propósito.

– Eu não vou perder meu tempo com você – respondeu Safira, desaparecendo imediatamente.

Teresa ficou sozinha, mas sentiu que havia plantado uma semente. Era questão de tempo até que Safira caísse em si e permitisse que a luz preenchesse o vazio deixado pelo ódio que cultivara por tanto tempo.

CAPÍTULO 20

Os dias passavam lentamente, e a primavera começava a florescer, trazendo consigo dias mais ensolarados e amenos. Na casa de Selma e Rafael, a rotina seguia inalterada, embora segredos e tensões pairassem no ar. Selma ignorava que Rafael ajudava Vitório às escondidas, enquanto Felipe passava a maior parte do tempo no hospital, velando o corpo de Raquel e fazendo o possível para estimular o desenvolvimento do bebê, como recomendado por Viviane.

Naquela manhã, Selma e Rafael estavam sentados à mesa, desfrutando de um café da manhã tranquilo. Selma, porém, quebrou o silêncio com uma preocupação que vinha a incomodando.

– Estou preocupada com nosso filho – disse ela, tomando um gole de café.

– Nosso filho? Como assim, nosso filho? – perguntou Rafael, confuso.

– Com o Felipe, ora essa. Acha que estou me referindo a outro filho que não seja o nosso?

Era exatamente o que Rafael havia pensado, mas preferiu não comentar.

– Quando se tem mais de um filho, é natural especificar de qual deles estamos falando – respondeu ele, tentando manter a calma.

127

– Eu só tenho um filho, o Felipe – retrucou Selma, com um tom de voz que não admitia discussão.

Rafael decidiu não criar atrito naquela manhã e mudou de assunto.

– O pobrezinho passa o dia inteiro no hospital. Não sei como ele aguenta.

– É por amor, Selma. Raquel está gerando o filho deles.

– Pois eu acho isso tudo uma tremenda loucura. Já pensou se a criança nasce morta? Ou pior, se nasce com algum defeito?

Rafael parou de comer e olhou para Selma, incrédulo.

– Selma, que comentário é esse?

– O que foi? Só estou pensando no melhor para todos nós.

– Definitivamente, você não deveria ter dito isso. Ainda mais na frente do Felipe.

– Eu sou sincera, Rafael. Não fico colocando panos quentes nas situações. É a realidade da vida.

– Já houve vários casos como esse, e os bebês nasceram em perfeitas condições.

– Pois eu prefiro não criar esperanças e acabar desiludida.

Rafael suspirou, cansado da conversa.

– Não vou discutir sobre isso. Tenho uma reunião importante na empresa.

Ele levantou-se, deu um beijo na esposa e saiu. Maria, a empregada, começou a recolher a xícara que Rafael usara.

– Esse meu marido é um sonhador. Eu prefiro ser realista. O que você acha, Maria?

– Eu, dona Selma? – perguntou Maria, surpresa com a pergunta.

– Sim, você. O que acha dessa história de manter uma mulher morta nos aparelhos até o parto?

– Eu não entendo muito dessas coisas, dona Selma, mas acho que é uma coisa muito boa.

– Você também? Nem sei por que te perguntei. Disse que não entende nada disso. Pois eu entendo, Maria. Será um milagre se essa criança nascer com vida. E se nascer, com certeza virá deformada.

– Credo, dona Selma! Não fale isso nem de brincadeira.

– Mas é a verdade, Maria. Você vai ver. Pode retirar a mesa. Já terminei.

Selma levantou-se e caminhou até a sala, onde viu algumas correspondências sobre a mesinha de centro. Começou a folheá-las e deparou-se com um boleto de condomínio.

– O que é isso? Um boleto de condomínio? Será que o Rafael tem uma amante e está pagando um apartamento para ela?

Selma ficou pensativa, segurando o boleto com firmeza.

– Rafael, Rafael... Seja o que for que você esteja aprontando, eu vou descobrir.

***

Enquanto isso, Vitório decidira visitar Raquel no hospital. Sabia, por meio de Rafael, que era importante que todos a visitassem, conforme recomendado pelos médicos. Ao chegar ao quarto, ele encontrou Paula, a irmã de Raquel, sentada ao lado da cama.

– Desculpe – disse Vitório, hesitante. – Não sabia que tinha alguém aqui.

– Oi! Não tem problema. Pode entrar – respondeu Paula, com um sorriso amigável.

Vitório entrou e aproximou-se do leito de Raquel, olhando para ela com uma mistura de tristeza e admiração.

– Incrível. Ainda não consigo acreditar que esta seja a Raquel.

– Pois é... Prazer, eu sou Paula – disse ela, estendendo a mão.

Vitório apertou a mão de Paula, embora não se lembrasse dela. Paula, por outro lado, sabia exatamente quem ele era. Desde o casamento de Raquel, ela se interessara por Vitório, mas nunca tivera a chance de se aproximar.

– Não sei se você se lembra de mim. Sou irmã da Raquel.

Estava no casamento dela.

– Desculpe. Minha memória não é das melhores –

respondeu Vitório, com um sorriso tímido.

– Não tem problema. Além disso, já faz um tempinho, e nem fomos apresentados naquela ocasião.

Vitório passou a mão sobre a barriga de Raquel, fazendo um carinho suave.

– Essa criança vai trazer um pouco de alívio para a tristeza que todos sentimos com a partida de Raquel.

– É verdade. Minha mãe está desolada.

– Eu imagino. Percebi o quanto ela era ligada à Raquel.

– Pois é. Muito mais do que a mim. Nunca entendi essa preferência – confessou Paula, com um tom de voz que revelava uma dor antiga.

Os dois continuaram a conversar, e, aos poucos, uma amizade começava a florescer. Para Paula, era o primeiro passo em direção a algo que ela sempre desejara: uma chance de se aproximar de Vitório.

CAPÍTULO 21

Elvira continuava mergulhada em um mar de dor, sofrendo com a perda de Raquel. O pior de tudo era a angústia de esperar que o corpo da filha pudesse ser velado e enterrado, conforme a tradição humana. Mas Dolores estava determinada a ajudá-la a suportar aquele momento tão delicado. Decidiu visitar a ex-cunhada mais uma vez, levando consigo palavras de conforto e apoio.

Ao chegar à casa de Elvira, Dolores encontrou-a ainda muito abatida, os olhos inchados de tanto chorar.

– Olá, minha querida – cumprimentou Dolores, com um abraço carinhoso.

– Olá, Dolores – respondeu Elvira, com voz fraca.

– Elvira, você precisa reagir, minha amiga.

– É fácil falar, Dolores. Mas se fosse a Patrícia naquele hospital, você estaria assim também.

– Desculpe, Elvira. Não estou aqui para te julgar, mas para te ajudar.

– Me ajudar? Ninguém pode me ajudar, Dolores.

Ninguém.

– Deus pode, Elvira. É a Ele que devemos nos apegar nesses momentos de dor.

– Deus? Se Ele trouxer minha Raquel de volta, então eu acreditarei na existência Dele. Como sei que isso não vai acontecer, não tenho motivo para me apegar a algo irreal.

– Não diga isso, Elvira. Não se afaste de Deus dessa forma. De nada adianta se fechar nesse mundo de dor e sofrimento. Olhe as maravilhas ao seu redor. Veja como Ele está sendo generoso, dando-lhe um neto mesmo em meio à perda de sua filha.

– Grande consolo, Dolores. Me admira você, como mãe, falar dessa forma. Até parece que os filhos são substituíveis.

– Eu não disse isso, Elvira.

– Como não?

– O problema é que você está cega pela dor. Só enxerga o luto e a tristeza. Está se fechando para todos que querem ajudá-la. Mas a verdade, Elvira, é que você não precisa passar por isso sozinha.

– Você não vai me convencer, Dolores. Não insista.

Elvira estava consumida pela dor, o que deixou Dolores profundamente triste. Mesmo assim, ela sabia que não podia desistir.

– E quanto ao seu neto?

A pergunta fez Elvira parar por um instante. Ela estava tão imersa em sua tristeza que quase se esquecera do motivo pelo qual Raquel ainda estava no hospital.

– Está vendo? Você só pensa na morte de sua filha, na dor da perda. Mas e a alegria de saber que, disso tudo, virá uma criança? Uma criança cheia de vida, de luz. Uma criança que vai precisar de todo o nosso amor.

Aos poucos, as palavras de Dolores começaram a fazer sentido. Elvira caiu em prantos e abraçou a amiga com força.

– Tudo bem, Elvira. Eu estou aqui com você.

– Me desculpe, Dolores.

– Não precisa se desculpar. Agora, você precisa fazer algo pela sua filha.

Elvira olhou para Dolores, esperando.

– Tenho certeza de que Raquel ficaria muito feliz se você a visitasse. Seu neto precisa de todo o nosso apoio, do nosso amor.

Você precisa estar presente, transmitir carinho para essa criança, para que ela se desenvolva bem e nasça sem complicações.

– Eu não sei se consigo, Dolores.

– Consegue, sim. Eu estarei ao seu lado. É só você permitir.

Elvira abraçou Dolores novamente, com um suspiro de alívio.

– Obrigada.

***

Enquanto isso, no hospital, Patrícia estava sentada ao lado do leito de Raquel, lendo uma história em voz baixa. Contar 135

histórias era uma das recomendações médicas para que o bebê sentisse o carinho de todos que o aguardavam com tanto amor.

Felipe chegou ao hospital e, ao se aproximar do quarto, viu Patrícia através da janela de vidro. Ficou observando-a de longe, sem ser percebido. Enquanto a via, uma sensação estranha tomou conta dele. Era como se já a conhecesse de algum lugar, embora não conseguisse se lembrar de onde. A sensação era ao mesmo tempo confusa e emocionante.

Patrícia percebeu a presença de Felipe e interrompeu a leitura, fechando o livro. Sorriu para ele, que entrou no quarto.

– Desculpe te atrapalhar – disse Felipe, com um sorriso tímido.

– Não se preocupe. Eu já havia terminado por hoje.

Preciso voltar para a recepção.

– Você trabalha aqui há muito tempo?

– Há menos de um ano.

– Engraçado.

– O quê?

– Você trabalhar justo aqui.

– Pois é. Uma dessas coincidências da vida.

– Verdade.

– Bom, eu preciso ir. Fique à vontade.

Patrícia saiu do quarto, deixando Felipe sozinho com o corpo de Raquel.

Raquel, ainda perdida nas ilusões da morte, observava tudo o que acontecia ao seu redor. Ao ver Patrícia conversando com Felipe, as palavras de Safira voltaram à sua mente, atormentando-a. A raiva e o rancor cresciam dentro dela.

Raquel aproximou-se de Patrícia, que já estava de volta à recepção do hospital.

– Infeliz! Eu não vou deixar você roubar minha vida, meu marido ou meu filho. Vou acabar com você!

Ao proferir essas palavras, uma vibração pesada, carregada de ódio, atingiu a aura de Patrícia, que sentiu um arrepio percorrer seu corpo. Ela sacudiu a cabeça, como se tentasse afastar aquela sensação estranha, e voltou ao trabalho.

Enquanto isso, Raquel retornou ao lado de Felipe, que velava o corpo dela, acariciando a barriga que crescia a cada dia.

– Eu nunca vou te deixar, Felipe – sussurrou Raquel, mesmo sabendo que ele não podia ouvi-la. – Você é só meu. Eu te esperarei até o dia da sua morte.

***

Preocupada com Raquel, Teresa foi conversar com Nonato mais uma vez. Encontrou-o em um belo jardim na colônia espiritual onde ele trabalhava.

– Eu já esperava por você – disse Nonato, com um sorriso tranquilo.

– Então já deve saber o motivo da minha vinda.

Nonato respirou fundo e convidou Teresa para sentar-se ao seu lado.

– Raquel está cada vez mais perdida, Nonato. Não estou conseguindo trazê-la de volta.

– Raquel tem a mente frágil, Teresa. É como uma criança inexperiente.

– Por isso preciso da sua ajuda. Faça o mesmo que fez por mim. Ajude-a.

– Essa tarefa é sua, Teresa. Você sabe o que precisa fazer.

Não deixe de acreditar no seu potencial.

– Eu gostaria de ter a mesma certeza que você tem, Nonato.

Nonato sorriu.

– Não se pode colocar o teto de uma casa sem antes levantar as paredes.

– Eu sei. Só não entendo como isso se aplica ao caso de Raquel.

– Ora, Teresa. Para trazer Raquel até nós, é preciso trazer aqueles que estão antes dela.

– Você está falando de Safira?

– Exatamente. Safira é a raiz de tudo isso. Ela plantou na mente de Raquel as sementes do ódio e do rancor. Ajude-a, e só assim conseguirá ajudar Raquel.

138

– Entendi.

139

CAPÍTULO 22

Safira observava Raquel de longe, imersa em seus pensamentos sombrios, quando Teresa apareceu ao seu lado.

– Você outra vez! – exclamou Safira, surpresa.

– Precisamos conversar – disse Teresa, com um tom calmo e firme.

Sem esperar resposta, Teresa pegou a mão de Safira, e, num instante, as duas foram transportadas para outro lugar. Era um cenário familiar para Safira, embora modificado pelo tempo.

Um castelo em ruínas, agora um ponto turístico no sul da Inglaterra, surgiu diante delas.

Safira olhou ao redor, tentando acessar memórias que pareciam distantes.

– Reconhece este lugar? – perguntou Teresa.

– Sinto que já estive aqui – respondeu Safira, com um olhar perdido.

– Sim. Você viveu aqui, há muito tempo.

– Não me lembro.

– Porque já faz muito tempo.

– Mas por que não consigo me lembrar com clareza?

– Concentre-se, Safira. As lembranças virão.

141

Safira fechou os olhos, e, aos poucos, as memórias começaram a surgir. Ela era uma jovem camponesa, vivendo em um vilarejo humilde no sul da Inglaterra do século XVIII. A região era governada pelo rei George Winsler, conhecido por sua bondade e preocupação com os súditos.

No entanto, a rainha Elizabeth Winsler, esposa de George, era soberba, fria e de coração duro. Corriam rumores de que ela era uma feiticeira, que usara magia para se casar com o rei e ascender ao trono.

Safira tinha uma filha, Regina, com quem vivia em um casebre simples, deixado por seu marido, que morrera em uma batalha contra os inimigos do rei. Viúva, Safira sustentava-se vendendo verduras que cultivava em suas terras. Apesar da vida modesta, era feliz ao lado da filha.

Até que um dia, uma tragédia abalou sua vida: Regina desapareceu. Desesperada, Safira buscou ajuda no castelo, mas o rei estava em viagem. Foi recebida pela rainha Elizabeth.

– Minha senhora, eu lhe suplico – implorou Safira, com lágrimas nos olhos. – Minha filhinha desapareceu. Ajude-me a encontrá-la.

Elizabeth ouviu os apelos de Safira com frieza.

– Que achas que é este lugar? Por acaso pensas que aqui é uma casa de ajuda? Guardas, tirem essa imunda daqui!

Os guardas obedeceram, expulsando Safira do castelo.

Durante dias, ela chorou diante do portão, implorando por ajuda que nunca veio.

Cansada, Safira voltou para casa, mergulhando em tristeza. Até que o corpo de Regina foi encontrado, mutilado e abandonado na floresta. Marcas estranhas no

corpo da criança levaram as autoridades a concluir que ela fora usada em um ritual de feitiçaria.

A fama de Elizabeth como feiticeira e o descaso que mostrara ao ser procurada por Safira alimentaram um ódio mortal na mãe desolada.

Certo dia, durante uma celebração, Safira surgiu diante da multidão e apontou para a rainha.

– Sua bruxa maldita! Você matou minha filha! Foi você!

O rei George, confuso, olhou para Elizabeth, que se fez de vítima.

– Meu amor, não conheço essa mulher.

Acreditando na esposa, o rei ordenou que os guardas levassem Safira dali. Enquanto era arrastada, ela gritava:

– Eu sei que foi você, sua bruxa! Um dia vou matá-la.

Farei com que sofra como eu estou sofrendo!

Tempos depois, Safira foi levada pelos guardas e trancada em um calabouço em

uma ilha isolada. Lá, Elizabeth a visitou.

– Espero que tenha aprendido sua lição – disse a rainha, com desdém. – Nunca mais ouse aparecer diante do meu povo, acusando-me de algo que não fiz.

Safira apenas a encarou, sem dizer uma palavra.

143

– Eu sei que pediu minha ajuda para encontrar sua filha, mas não me senti obrigada a fazê-lo. No entanto, não tenho nada a ver com o que aconteceu com ela.

Elizabeth esperou por um pedido de desculpas, mas Safira permaneceu em silêncio.

– Eu vou me vingar de você! – disse Safira, quando a rainha se virou para ir embora.

Elizabeth riu, sem se importar.

– Boa sorte!

Safira desencarnou pouco depois, vítima de tuberculose, e seu espírito mergulhou no ódio, buscando vingança.

Ao despertar das memórias, Safira chorava copiosamente. Teresa se aproximou dela.

– Você se prendeu a uma meia-verdade, Safira. Tudo o que viu foi superficial. Nunca quis entender o que realmente aconteceu.

– Ela não me ajudou a encontrar minha filha. Ela assassinou minha menininha!

– Não, mamãe!

Uma voz suave ecoou, e uma jovem surgiu ao lado de Teresa.

– Quem é você? – perguntou Safira, confusa.

– Você a conhece, Safira. Olhe com atenção – disse Teresa.

Safira aproximou-se da jovem, e, aos poucos, reconheceu-a.

– Minha filha! É você?

– Sim, mamãe. Sou eu, Regina.

– Mas como? Você está tão diferente.

– Sou a mesma, apenas mais evoluída. Quando desencarnei, fui acolhida por espíritos bondosos que me ajudaram a crescer.

– Oh, eu sinto tanto, minha filha!

– Você não teve culpa, mamãe. Eu me perdi na floresta e fui capturada por malfeitores. Eles me torturaram e me mataram.

Ninguém me usou em rituais.

– Mas seu corpo estava marcado...

– Foi tortura, apenas por crueldade.

– Meu Deus, que horror! Por que fizeram isso com você?

– Porque eu tinha uma dívida, mamãe. Em encarnações passadas, causei muito sofrimento a outras crianças. Aquela vida foi minha chance de me redimir.

– Não! Você era minha menininha. Nunca fez mal a ninguém.

– Fiz, mamãe. Mas agora estou em paz.

Safira chorou, abraçando a filha.

– Por que precisamos sofrer tanto? Qual é o propósito disso tudo?

Teresa se aproximou.

– Somos o reflexo daquilo que atraímos, Safira. A vida na Terra é uma prova constante de evolução. Encarnamos para aprender a amar e a superar nossos erros.

– Mas por que permitem tantos erros?

– As religiões existem para nos guiar de volta a Deus.

Embora haja muitas, todas nos direcionam ao amor divino. No fundo, só o amor importa.

Safira refletiu sobre as palavras de Teresa.

– Ainda sinto raiva de Elizabeth. Por quê?

– Porque você e ela têm uma história antiga. Esse ódio começou em outra encarnação. Elizabeth desperdiçou a chance de acabar com essa rivalidade. Agora, é sua vez de romper esse ciclo.

– Meu Deus! Tanto tempo culpando Elizabeth, quando ela não teve culpa.

– Agora é hora de deixar isso para trás. Elizabeth já não existe. Ela está se redimindo em outra vida. Não atrapalhe seu caminho.

Safira caiu de joelhos, chorando.

– Ajude-me, Teresa. Eu não aguento mais odiar.

Teresa abraçou Safira, envolvendo-a em uma luz reconfortante.

146

– Deixe essa raiva para trás.

Juntas, Safira e Teresa foram até a colônia espiritual, onde Nonato as aguardava.

– Bem-vinda, irmã! – disse Nonato, com um sorriso caloroso.

Safira olhou ao redor, maravilhada com a beleza do lugar.

Árvores, pássaros e um rio de águas cristalinas preenchiam o cenário. Uma paz profunda invadiu seu coração.

– Obrigada – disse Safira, sorrindo pela primeira vez em séculos.

147

CAPÍTULO 23

Desde que descobriu o boleto de aluguel em nome de Rafael, referente a um apartamento na zona sul da cidade, Selma estava desconfiada de que o marido tinha uma amante. Decidiu investigar a fundo, indo até o endereço que constava no documento.

Ao chegar ao prédio, Selma dirigiu-se à portaria, onde encontrou um senhor de cabelos grisalhos, o porteiro do edifício.

– Bom dia! – cumprimentou Selma, com um sorriso forçado.

– Bom dia! Em que posso ajudá-la? – perguntou o porteiro, atento.

– Meu marido é locatário de um dos apartamentos aqui.

Gostaria de confirmar o nome do morador do apartamento 504.

– Desculpe, senhora, mas não posso fornecer esse tipo de informação – respondeu o porteiro, com um ar de cautela.

– Claro, entendo – disse Selma, abrindo a bolsa e retirando algumas notas em dinheiro. – Acredito que, por esta quantia, o senhor não só poderá me dizer o nome do morador, como também fará vista grossa, permitindo que eu suba até lá.

O porteiro hesitou, tentado pela quantia generosa.

– Eu não sei se devo, senhora. Se descobrirem, posso perder meu emprego.

– Não se preocupe. Não vim fazer escândalo. Só quero constatar uma informação.

Selma deu um sorriso convincente, e o porteiro, após um suspiro, aceitou.

– O morador do apartamento 504 é um rapaz. O senhor Vitório.

Selma ficou surpresa com a revelação. Agradeceu ao porteiro e subiu até o apartamento, onde tocou a campainha.

Vitório abriu a porta.

– Olá, Vitório!

– Mamãe?

Selma entrou no apartamento, analisando cada detalhe.

– Um belo apartamento. E a vista? Espetacular. Tudo isso às minhas custas.

– Dinheiro que também é meu, mamãe. Também sou da família.

– É mesmo? Achei que tinha deixado claro que você não precisava do dinheiro da família.

– O que você quer aqui, mamãe?

– Vim porque descobri, por acaso, um boleto de aluguel deste apartamento em nome do seu pai. Um apartamento que eu nem sabia que existia.

– Certamente você não concordaria.

– Não, claro que não.

– E então? O que vai fazer agora?

– Achava que seu pai tinha uma amante. Que estava me traindo. Veja só, uma das hipóteses se confirmou. Sim, ele estava me traindo. Mas não com uma amante. Não! Ele estava acobertando a vida boa de um "vida boa".

– Veio me ofender? É isso?

Selma parou de falar e aproximou-se de Vitório, vendo nos olhos do filho a tristeza refletida por suas palavras duras.

– Por quê, Vitório? Como chegamos a isso, meu filho?

– Eu não sei, mãe.

– Você não precisava viver nesse estilo de vida. Sempre teve tudo. Do bom e do melhor. Por que escolheu esse caminho?

– Então você acha que é uma questão de escolha? Que eu decidi renegar seu amor e afeto para ser homossexual?

– E não foi?

– Por favor, mamãe. Vivemos no século XXI.

– Não me venha com essa história de que isso é normal, Vitório. Esse papo pode convencer qualquer um, mas a mim, não.

– É inacreditável. Uma pessoa tão instruída, tão inteligente, e no entanto, julga as coisas como se fosse dona da razão.

Antes que Vitório terminasse de falar, o tapa de Selma veio certeiro em seu rosto.

– Me respeite, seu moleque. Não vou admitir que você fale comigo dessa maneira.

Vitório levou a mão ao rosto, que ardia com a força do tapa, e olhou para Selma com seriedade.

– Quem é você para falar em direitos? Que direito tem de vir aqui me agredir de todas as formas?

– Vim aqui para ver com meus próprios olhos em que meu marido estava desperdiçando meu dinheiro. Agora que vi, não há mais nada a fazer aqui. Por enquanto.

Selma pegou a bolsa e saiu do apartamento. Vitório fechou a porta e ficou pensativo.

***

No hospital, Patrícia havia voltado para a recepção após visitar o quarto de Raquel. Felipe, que a encontrara lá, foi ao seu encontro.

– Com licença – disse ele, com um sorriso tímido.

– Oi! – respondeu Patrícia, surpresa. – Posso ajudá-lo?

– Pode. Quer dizer, mais ou menos. Vim te fazer um convite.

– Um convite?

– Quer almoçar comigo mais tarde?

Patrícia ficou surpresa. Nunca imaginara que Felipe faria um convite assim.

– Almoçar? Com você? Hoje?

– Sim. Por quê? Não vai me dizer que você não almoça.

– Não, não é isso. Só estou surpresa.

– E então? O que me diz?

– Tudo bem. Aceito. Pode ser às duas?

– Claro! Te espero às duas, aqui na frente. Tem um restaurante muito bom por perto.

– Combinado. Até às duas, então.

– Até.

Felipe saiu, deixando Patrícia com um sorriso no rosto.

***

Depois da conversa com a mãe, Vitório decidiu espairecer, caminhando pela orla da praia. Refletia sobre tudo o que ouvira quando, de repente, Paula surgiu diante dele.

– Vitório!

– Paula? Que surpresa boa!

Eles se abraçaram, e Paula percebeu que algo estava errado.

– Que bom te encontrar por aqui.

– Pois é. Eu também estou feliz em te ver. Justo agora, que precisava conversar com alguém.

– Se quiser, podemos conversar.

– Ótimo! Vamos nos sentar.

Os dois se dirigiram a um banco de frente para o mar.

– Conte-me. O que está te afligindo?

– Minha mãe. Tivemos uma briga séria hoje.

– Que chato. Por quê?

– Ela não me aceita. Quer me controlar. E agora descobriu que meu pai alugou um apartamento para mim aqui na zona sul.

– Não entendi. Como assim, não te aceita?

– Eu sou gay.

Paula quase caiu do banco com a revelação. A naturalidade com que Vitório falou deixou-a chocada.

– Gay? Você?

– Sim. Você não sabia? Achei que dava para perceber de longe.

– Nossa! Sinceramente, não.

– Isso muda alguma coisa para você?

– Não, não é isso. Só fiquei surpresa. Mas não tenho nada contra.

– Que bom, porque minha mãe já esgotou minha paciência hoje com seus discursos cheios de preconceito.

– Mas dona Selma me parece uma mulher tão esclarecida.

Como pode ser tão inflexível com você?

– Para você ver que status e dinheiro não definem caráter.

– Me desculpe a sinceridade, mas você não tem jeito nenhum... Digo, conheço alguns gays, e eles são mais afeminados.

– Existem gays de todos os tipos. Eu sou assim.

– Claro! Me desculpe.

– Tudo bem. Te entendo perfeitamente.

Paula começou a rir, deixando Vitório curioso.

– O que foi? Qual é a graça?

– Posso te confessar uma coisa?

– Claro!

– Quando te vi pela primeira vez, no casamento da minha irmã com seu irmão, eu tive esperanças de que talvez a gente pudesse se casar um dia.

Vitório também sorriu.

– Desculpe. Sei que é bobagem, mas foi algo que me passou. Agora já sei dos fatos.

– Sabe de uma coisa, Paula? Já fiquei com homens, inclusive fui casado com um, mas também já tive mulheres na minha vida.

155

– Não! Jura?

– É verdade. Sempre fugi dos padrões.

– Interessante. E esse cara, o que você foi casado, como foi?

– Conheci ele na Argentina. Estudamos juntos e decidimos morar juntos. Tudo no maior sigilo. O nome dele era Hernando. Ele estava no casamento do meu irmão. Não sei se você o viu.

– Não me lembro.

– Pois é. Minha mãe descobriu sobre nós e começou a me infernizar. Cortou minha ajuda de custo, e depois de muitas brigas, Hernando decidiu se separar. Ele foi para a Espanha, e eu voltei para o Brasil. Foi aí que meu pai alugou esse apartamento em segredo.

– E esse Hernando?

– Nunca mais soube dele.

– Entendi.

– Mas um homem lindo como você não vai ficar sozinho por muito tempo.

Vitório riu.

– É uma pena que eu não seja um homem nesse momento. Ficaria feliz em ter alguém como você.

156

Paula arriscou, como se jogasse todas as fichas em uma única rodada. Vitório olhou para ela, e, lentamente, os dois se beijaram.

***

Quando saiu do apartamento de Vitório, Selma foi direto ao escritório de Rafael. Precisava ter uma conversa séria com ele sobre o que considerava uma grande traição.

Chegou ao local e nem esperou a secretária anunciá-la.

Invadiu a sala de Rafael.

– Como você ousa fazer uma coisa dessas comigo, Rafael?

– Do que você está falando, Selma?

– Não se faça de desentendido. Você sabe muito bem do que estou falando.

Pela fúria de Selma, Rafael já imaginava que ela descobrira sobre Vitório, mas preferiu sondar.

– Seja mais clara, Selma.

– Estou falando de você ter escondido de mim que está mantendo Vitório em um apartamento na zona sul.

– Ah, é isso!

– E você acha pouco?

– O que tem de mais, Selma? Vitório é nosso filho.

– Seu filho, porque meu ele não é desde que fui expulsa como uma cachorra sarnenta do apartamento dele em Buenos Aires.

– Você está sendo radical, Selma...

– Eu? Radical? Sou direta e correta, Rafael. Fui clara quando disse que Vitório estava morto para mim. Como você ousa passar por cima de mim e me fazer de idiota?

– Pelo amor de Deus, Selma. Ele é nosso filho.

– Seu filho! Não meu.

– Pois bem. É meu filho, sim. E o dinheiro também é meu. Portanto, posso ajudar meu filho sempre que quiser.

– Ah, então quer me desafiar? É isso, Rafael?

– Só estou igualando os níveis, Selma.

– Pois tome cuidado, Rafael. Sou uma pessoa boa, mas quando tenho que ser ruim, até o diabo sai da frente.

Selma saiu da sala cuspindo fogo. Pegou o carro e foi para casa. Ao chegar, decidiu tomar um banho e relaxar. Precisava pensar em como reverter aquela situação.

CAPÍTULO 24

Quando o táxi parou em frente ao hospital, Elvira sentiu um impulso de desistir e voltar para casa. Mas Dolores, segurando seu braço com delicadeza, deu-lhe forças para seguir adiante.

– Tudo bem. Eu estou aqui com você – disse Dolores, com um tom tranquilizador.

Elvira assentiu, respirou fundo e saiu do táxi. Juntas, as duas entraram no hospital. Naquela hora, Patrícia estava em seu intervalo de almoço, por isso não as viu chegarem.

Imediatamente, Elvira e Dolores foram encaminhadas ao quarto onde Raquel permanecia. Ao entrar, Elvira sentiu uma dor aguda no peito, como se uma faca a atravessasse. Mas, com o apoio de Dolores, respirou fundo e se aproximou da cama onde sua filha repousava.

– Minha menininha! Por que isso teve que acontecer justo com você?

Dolores colocou uma mão no ombro de Elvira, oferecendo conforto.

– Força, minha amiga.

– Tanta gente ruim no mundo, Dolores, e ainda assim só acontecem coisas horríveis com quem não faz mal a ninguém.

Onde está a lógica nisso tudo?

– É um mistério, Elvira. Devemos aceitar e nos conformar. Pense na alegria que seu neto trará.

– Eu nunca vou me conformar com isso, Dolores.

– Não diga isso. Entendo o quanto está sendo difícil, mas se está acontecendo assim, é porque já estava predestinado.

– Ela é tão linda...

– E sempre será, viva em seu coração. Lembre-se disso.

– Tenho tanto medo de que tudo isso não dê certo.

– Como assim? Do que está falando?

– Dessa criança. Todo esse tempo mantendo minha filha aqui, esperando o nascimento. E se não der certo? E se a criança morrer?

– Não vai acontecer. Tenha fé. Essa criança será a alegria da sua vida, Elvira. Acredite.

– Não sei se ainda tenho essa fé de que você tanto fala.

– Mas você precisa acreditar que tudo vai dar certo.

Confie.

– Vou tentar.

Elvira se inclinou e beijou a testa de Raquel. Em seguida, começou a acariciar a barriga da filha, que já apresentava um relevo bem visível.

***

Enquanto isso, Patrícia almoçava com Felipe, sem perceber que o espírito de Raquel a obsediava, grudado nela como uma sombra.

160

De vez em quando, Patrícia sentia um peso nos ombros, como se carregasse algo pesado. Passava a mão pela nuca, tentando aliviar o desconforto. Felipe notou.

– Você está bem?

– Sim! Só estou um pouco cansada. Acho que preciso de férias.

Os dois riram.

– Obrigado – disse Felipe, com um sorriso.

– Por quê?

– Por estar ajudando meu filho. Você lê histórias para ele.

– A doutora Viviane disse que é importante para estimular o feto. Fico feliz em ajudar.

– Você é uma pessoa do bem. Especial.

Patrícia sentiu o rosto corar. Ouvir aquelas palavras de Felipe era algo que ela sonhava há anos, desde que o conhecera.

– Desse jeito, eu fico sem graça.

Felipe sorriu, e Patrícia, envergonhada, levou a mão à taça de água sobre a mesa. Ao tocá-la, o vidro trincou, quebrando-se e derramando o líquido sobre ela.

– Meu Deus! Que desastrada que eu sou.

– Deixe-me ajudá-la.

Felipe e um garçom que se aproximou ajudaram a limpar a bagunça.

– Devo ter pegado com muita força – disse Patrícia, tentando fazer graça da situação.

O que ela não sabia era que o vidro quebrou devido à vibração de ódio de Raquel, que ficou enfurecida ao ver o flerte entre Felipe e Patrícia.

– Maldita! – gritava Raquel, invisível. – Mil vezes maldita!

Vou acabar com sua vida.

Patrícia e Felipe continuaram o almoço, conversando sobre diversos assuntos, alheios à presença perturbadora de Raquel.

***

Paula queria ajudar Vitório. Após o encontro na praia, onde os dois se beijaram, ela sentiu que poderia ter uma vida ao lado dele. Mesmo ele se declarando homossexual, o beijo fez Paula acreditar que talvez houvesse uma chance.

Decidida, Paula teve uma ideia: conversaria com Selma e a convenceria a fazer as pazes com Vitório. Com certeza, ele ficaria grato e isso a aproximaria ainda mais dele.

Paula foi até a casa de Selma, onde foi recebida por Maria, a empregada, que logo avisou a patroa.

– Minha querida, que surpresa boa! – disse Selma, dando dois beijinhos nas bochechas de Paula.

– Desculpe vir sem avisar, mas tenho um assunto para conversar com você. Posso chamá-la de você, não posso?

– Claro, minha linda. Além do mais, você é praticamente da família. Vamos nos sentar.

As duas se acomodaram no sofá.

– Aceita beber alguma coisa?

– Não, obrigada.

– Então me diga: o que a trouxe até aqui?

Paula hesitou, mas decidiu ir direto ao ponto.

– É sobre seu filho, Vitório.

Selma fechou o semblante, levantou-se e começou a caminhar pela sala.

– O que tem o Vitório?

– Desculpe a intromissão, mas eu o encontrei hoje na praia. Ele estava muito triste. Conversamos, e ele me contou sobre a briga que tiveram.

– Assuntos de família. Vitório tem um gênio forte.

– Eu sei que pareço me intrometer, mas entendo seu ponto de vista.

– Entende?

– Sim. Vitório me contou que é gay. Imagino como deve ser difícil para você aceitar isso. Mas vim aqui para dizer que posso ajudá-lo.

– Não estou entendendo. Como assim ajudá-lo?

– Vitório me beijou.

Selma quase caiu com a revelação.

– Ele te beijou?

Sentou-se ao lado de Paula, ansiosa por mais detalhes.

– Me conte tudo. Como aconteceu?

– Estávamos conversando sobre tudo o que aconteceu, e então... ele me beijou.

Selma ficou radiante, como se uma chama de esperança se acendesse dentro dela.

– Não posso acreditar. Você não está brincando, está?

– Juro pela alma de minha irmã. É a mais pura verdade.

– Então, se ele te beijou, significa que gosta de mulheres.

– Gosta de mim.

– Claro! Você é uma mulher linda, assim como sua irmã era. Meu Deus, isso é maravilhoso.

– Acho que posso fazer com que ele se apaixone por mim. Podemos até nos casar. Por isso vim aqui. Queria saber sua opinião.

Selma levantou-se, caminhando pela sala enquanto refletia. Paula não era exatamente a nora que ela sonhava, mas se fosse capaz de "consertar" Vitório, Selma estava disposta a aceitá-la.

Voltou até Paula e segurou suas mãos.

– Minha querida, se você conseguir fazer meu filho se apaixonar por você, já tem minha bênção.

Paula sorriu, aliviada.

– Que bom. Fico feliz com sua decisão. Agora só preciso que faça uma coisinha para facilitar as coisas.

– Faço qualquer coisa.

– Quero que procure Vitório e o chame para morar com vocês. Diga que o perdoa. Diga que eu vim pedir por ele. Tenho certeza de que ele ficará tão grato que se aproximará ainda mais de mim.

– Pode deixar, minha linda. Hoje mesmo falo com ele.

As duas se abraçaram, selando o acordo.

CAPÍTULO 25

Depois do almoço, Felipe levou Patrícia de volta ao hospital. Naquela tarde, ele não poderia ficar, então a carona foi uma cortesia por ela ter aceitado almoçar com ele.

Enquanto se despediam, Renato apareceu e flagrou o momento em que Patrícia descia do carro de Felipe, acenando para ele com um sorriso. Quando Felipe partiu, Patrícia começou a caminhar em direção à entrada do hospital, mas foi abordada por Renato, que, tomado por um acesso de ciúmes, agarrou seu braço com força.

– O que significa isso, Patrícia?

– Renato? – ela respondeu, assustada. – O que deu em você? Me solte!

Patrícia sacudiu o braço, libertando-se dele.

– Eu exijo uma explicação. Fala!

– Você ficou maluco? Do que está falando?

– Não se faça de desentendida. Eu vi você descendo do carro daquele cara. Quem era ele?

– Meu Deus, não estou acreditando nisso. O que você pensa que está fazendo? Eu não lhe devo satisfação nenhuma.

– Ah, não? Então em um dia você me beija e no outro entra no carro de outro homem como se fosse a coisa mais normal do mundo? Isso é coisa de vagabunda.

O sangue subiu à cabeça de Patrícia, que desferiu um tapa no rosto de Renato, deixando marcas de seus dedos em seu rosto.

– Me respeite! Eu não lhe dei nenhuma confiança para falar de mim dessa forma. Além do mais, você e eu não temos compromisso algum. Eu não lhe devo satisfações, Renato. Exijo respeito.

Renato percebeu que havia ido longe demais. Cego de ciúmes, agira por impulso. Era como se já tivesse vivido aquela situação antes.

– Me desculpe, Patrícia. Eu perdi a cabeça. Não deveria ter falado assim. Me perdoe!

– Você me desrespeitou, Renato. Estou muito magoada com sua atitude. Acho melhor pararmos por aqui antes que isso fique pior.

– Não! Por favor, me desculpe. Prometo que não vou mais fazer isso.

– Por favor, Renato. Não torne isso mais complicado. –

Patrícia respirou fundo, procurando as palavras certas. – A verdade é que acho que a gente não vai dar certo.

– Não! Isso não é verdade. Eu te amo. Sou louco por você.

– Exatamente. Você me ama. Mas e o que eu sinto por você? Já se perguntou?

Renato sentiu a garganta apertar. No fundo, sabia o que Patrícia queria dizer, mas lutava para negar aquela verdade.

– Você também me ama. Tenho certeza disso, Patrícia.

Podemos ser felizes. Apenas me dê uma chance de provar.

– Sinto muito, Renato. Se você não consegue me ver apenas como amiga, então é melhor não nos vermos mais. Me desculpe.

Patrícia se desvencilhou de Renato e entrou no hospital.

Ele ficou desolado. Amava aquela mulher cegamente, e ser rejeitado daquela forma era doloroso demais.

Sem perceber, o espírito de Raquel sussurrava em seu ouvido, semeando revolta em seu coração. Ela queria usá-lo para afastar Felipe de Patrícia.

– Você vai permitir que ela fique com aquele homem? –

dizia Raquel, em pensamentos que Renato recebia como se fossem seus. – Não vai lutar pelo seu amor?

Renato absorvia aqueles pensamentos como se fossem seus.

– Eu não vou permitir, Patrícia. Vou lutar por você. Farei o que for preciso para te ter. De qualquer jeito.

***

Quando anoiteceu, Patrícia chegou exausta em casa.

Encontrou Dolores assistindo televisão e sentou-se ao lado dela, com as mãos na cabeça.

– O que houve, minha filha? Você parece acabada.

– Tive um dia daqueles, mamãe. Só estresse.

– Eu estive no hospital hoje e não te vi. Acho que você estava no almoço.

– Você foi ao hospital? Para quê?

– Fui com sua tia Elvira. Visitamos Raquel. Finalmente consegui fazê-la reagir. Ela estava se afundando na depressão.

– Imagino o quanto deve ser doloroso para ela.

– Mas e você? Onde estava?

– Nem te conto.

Dolores percebeu um brilho nos olhos da filha, indicando que algo a animava.

– Então trate de me contar. Pelo seu jeitinho, aposto que tem uma novidade.

– Felipe me convidou para almoçar com ele hoje.

– Não! Jura?

– Juro!

– Minha filha, isso é uma grande novidade. Conte tudo.

Como foi? Você falou dos seus sentimentos?

– Calma, mamãe. Foi só um almoço inocente. Não podia chegar falando de amor, ainda mais com tudo o que ele está passando.

– Acho que você deveria ter dito sim. A vida está te dando exatamente o que você sempre quis: a chance de ficar com o homem que ama.

– Credo, mamãe. Falando assim, parece que o que aconteceu com Raquel foi algo bom para mim.

– Você entendeu o que eu quis dizer, Patrícia. Aconteceu o que tinha que acontecer. Tudo acaba no seu devido lugar. Se sua vida é com ele, então é com ele que você vai ficar. Mesmo que se afastem, a vida dará um jeito de uni-los novamente.

– Pensando por esse lado...

– É a mais pura verdade.

– É muita coincidência eu acabar trabalhando justo no hospital onde minha prima ficou internada nessas condições terríveis.

– Coincidência é só uma desculpa que inventamos para justificar os acertos do destino. O que é do homem, o bicho não come, minha filha. Agora, se eu fosse você, investiria nessa aproximação.

– Meu Deus, mamãe. O que os outros vão pensar? Minha prima morta no

hospital, mantida em aparelhos, e eu flertando com o marido dela.

– Onde está o problema nisso, Patrícia? A vida segue.

Ninguém deve se sentir culpado por amar. Tenho certeza de que sua prima abençoaria essa união.

– Tenho minhas dúvidas. Hoje, durante o almoço, aconteceu algo estranho.

Nesse momento, um porta-retratos caiu no chão, assustando as duas. Patrícia o pegou e colocou de volta na mesinha.

– Estou toda arrepiada! – disse Patrícia.

– Que coisa estranha. Nem vento está fazendo. Parece coisa do outro mundo.

– Credo, mamãe, vire essa boca para lá.

Elas não percebiam que o espírito de Raquel as observava, tomada de ódio. Suas vibrações haviam derrubado o objeto.

– Mas continuando – prosseguiu Patrícia –, hoje aconteceu algo estranho. Quando estava almoçando com Felipe, uma taça estourou em minhas mãos. Acredita?

– Que horror, Patrícia. Você deve estar muito carregada, minha filha.

– Estou é cansada, isso sim. Uma dor terrível nas costas.

Dolores refletiu por alguns instantes.

– Filha, por que você não vem comigo ao Centro Espírita? Vai te fazer bem. Tenho certeza de que sentirá uma paz profunda.

– Não sei. Não gosto muito dessas coisas. Tenho medo de espíritos. Nem em filmes consigo assistir.

– Bobagem. Todos nós somos espíritos, mesmo encarnados.

– Essa é sua crença. Eu não creio muito nessas coisas.

– Tudo bem. Só falei porque achei que poderia te ajudar.

É sempre bom buscar coisas que nos tragam paz.

– Um dia, quem sabe?

Era o espírito de Teresa que inspirava Dolores a tentar ajudar Patrícia, livrando-a das obsessões de Raquel. No entanto, Patrícia ainda não tinha sua espiritualidade aflorada nesta encarnação.

– Mas deixa eu contar a maior – continuou Patrícia. –

Acredita que Renato me viu saindo do carro de Felipe e veio tirar satisfações comigo?

– O quê? Meu Deus! E o que você fez?

– Pedi para ele não me procurar mais. Ele ficou transtornado, mamãe. Me cobrou como se eu lhe devesse algo. Um absurdo.

– Tome cuidado com esse rapaz, Patrícia. Se ele foi capaz disso, pode aprontar qualquer coisa.

– Não! Conheço Renato. Foi só ciúmes. Além disso, depois de hoje, acho difícil que ele volte a me procurar. Fui bem clara.

– Mesmo assim, tenha cuidado.

– Veja só. Até ontem você torcia para que eu desse uma chance a ele, e agora me pede para tomar cuidado. Não estou te entendendo, dona Dolores.

173

– Não brinque com isso, Patrícia. Eu pensei que ele fosse um rapaz do bem, mas pelo que você me contou, já não tenho a mesma confiança.

– Está certo. Mas não precisa se preocupar. Fui bem clara com ele.

– Só espero que ele tenha entendido.

174

CAPÍTULO 26

Conforme combinado com Paula, Selma foi até o apartamento de Vitório na zona sul da cidade. Quando chegou, foi recebida pelo filho com desconfiança.

– O que veio fazer aqui? – perguntou Vitório, com um tom de cautela.

– Conversar – respondeu Selma, com um sorriso suave.

– Já não disse o que tinha para me dizer?

– Por favor, meu filho, só quero conversar.

Vitório surpreendeu-se ao ouvir Selma chamá-lo de

"filho" novamente, depois de tudo o que acontecera entre eles.

– Você está se sentindo bem?

– Nunca estive tão bem. Refleti muito e cheguei à conclusão de que fui dura demais com você.

– Está falando sério?

– Com certeza.

Vitório não tinha certeza da sinceridade das palavras da mãe. Conhecia bem sua habilidade de manipular as situações, mas a carência de amor materno o fez ceder.

– É difícil acreditar depois de tudo.

– Eu sei. Fomos duros demais. Dissemos coisas horríveis um para o outro. Mas estou aqui para te pedir perdão. E quero que você também me perdoe.

– Eu? Pedir perdão?

– Nada mais justo. Fui dura, reconheço, mas você também foi. Ferimos um ao outro. Reconheço minha culpa, e você precisa reconhecer a sua.

No fundo, Vitório sabia que a mãe tinha razão. Ele também havia sido rude, revidando os ataques brutais nas discussões que tiveram no passado.

– Está bem. Reconheço que também me excedi. Mas ainda não entendo o que a trouxe aqui.

– Ora, meu filho. Vim para dizer que você pode voltar a morar em casa. Seu pai

e eu ficaremos felizes em acolhê-lo.

– Isso é uma loucura. Eu poderia esperar qualquer coisa de você, mas nunca imaginei que estaria aqui me pedindo para voltar.

– Eu pareço um monstro, Vitório? Um pouco insensível, eu sei. Mas tenho um bom coração. Sou sua mãe. Se briguei com você, foi porque me senti traída. Você preferiu esconder de mim, em vez de ser justo e verdadeiro.

– Mas se eu tivesse sido verdadeiro, como você disse, teria agido de forma diferente?

Selma pensou por um momento. Era uma pergunta capciosa, e sua resposta poderia definir o rumo da conversa.

– Eu sofreria da mesma forma, mas evitaria muitas feridas desnecessárias.

Selma se aproximou e abraçou Vitório. Ele se deixou envolver naquele abraço, sentindo o amor da mãe novamente.

– Acredite em mim, meu filho. Eu te amo.

Vitório caiu em prantos, pedindo desculpas a Selma, que também chorou, embora de forma mais contida.

– Chega de brigas, Vitório. Estou disposta a aceitá-lo.

Esperar seu tempo.

– Obrigado – disse Vitório, enxugando as lágrimas. – Mas ainda fiquei curioso. O que a fez mudar assim, tão de repente?

– Bem, confesso que tive uma ajudinha de alguém.

Alguém mais esclarecida do que eu.

– De quem está falando?

– De Paula. A irmã de sua cunhada, Raquel.

Vitório abriu um sorriso largo.

– Não acredito que ela foi conversar com você. Eu a encontrei hoje na praia.

– Sim. Ela veio me falar. Conversamos bastante, e ela me fez entender seu lado.

– Então foi só por causa dela que você veio?

– Não exatamente. Vim porque achei que era meu dever.

Sou sua mãe. Mas confesso que essa moça é muito especial. Se não 177

fosse sua condição sexual, quem sabe ela não seria minha nora também.

Foi uma jogada de Selma, insinuar aquela situação para testar a reação de Vitório.

– Ela te contou mais alguma coisa?

– Nada demais. Por quê?

Selma sabia que Vitório queria descobrir se Paula mencionara o beijo, mas não estava disposta a entregar essa informação de bandeja.

– Está certo.

– Então, você aceita voltar para casa?

Vitório pensou por alguns segundos e abraçou Selma novamente.

– Aceito!

Eles riram e se beijaram diversas vezes, como nos velhos tempos. Vitório combinou com Selma que se mudaria na manhã seguinte.

***

Após a despedida, Vitório pensou em Paula. Decidiu que precisava agradecê-la. Ligou para ela, já que havia pegado seu número mais cedo, e combinou um encontro próximo dali.

Ao se encontrarem, Vitório deu um forte abraço em Paula, que se fez de desentendida, mesmo sabendo o motivo de tanta euforia.

– Obrigado!

– Nossa! Posso saber o motivo de tanta alegria?

– Minha mãe me procurou agora pouco.

– Sério?

– Sim! Ela me disse que você falou com ela. Me perdoou, Paula. Chamou-me para voltar a morar com ela.

– Que bom, Vitório. Fico muito feliz por você.

– Graças a você.

Paula ficou envergonhada.

– Desculpe se pareci intrometida. Mas ao ver seu sofrimento, senti que precisava fazer algo para ajudar.

– Isso não importa mais. Fez o que julgou certo, e trouxe resultados positivos. Você foi um anjo em minha vida.

E, mais uma vez, eles se beijaram. Apesar de Vitório sentir atração por homens, havia uma ligação forte entre ele e Paula. Eles não sabiam, mas essa conexão vinha de uma vida anterior, na Roma Antiga, onde foram grandes amantes em um circo famoso.

***

Depois de se despedirem, Vitório voltou ao apartamento.

Precisava começar a preparar sua mudança para casa. Ao entrar, o celular tocou. Pensou que fosse o pai, mas ao atender, ouviu uma voz familiar.

179

Após uma breve conversa, desligou e saiu novamente.

Foi até um quiosque na beira da praia, onde Hernando o aguardava. Ao vê-lo se aproximar, Hernando levantou-se, com um sorriso largo.

– Quanto tempo!

Eles se abraçaram e sentaram-se à mesa.

– Fiquei surpreso com sua ligação. Como me achou?

– Voltei para a Argentina há poucos dias. Quando te procurei por lá, descobri que

você voltara para o Brasil. Como tinha seu número, liguei.

– E o que quer comigo? Depois de todo esse tempo, achei que não voltaria mais.

– Eu não sabia se deveria voltar. Mas a verdade é que não consegui ficar longe de você, Vitório. Eu te amo.

Era uma reviravolta do destino. Vitório estava dividido entre Paula e Hernando.

– Você não me ama mais? – perguntou Hernando, com um tom de preocupação.

– Eu achei que você não voltaria mais, Hernando.

– Você tem outro?

– O quê?

– Perguntei se você tem outro. Já me esqueceu tão rápido?

– Você não pode vir me jogar isso na cara depois de me abandonar.

– Você me escondeu de sua família, Vitório. Acha justo o que fez comigo?

– Eu te pedi paciência. Mesmo depois de minha mãe descobrir tudo, você foi quem decidiu terminar. Lembra?

– Eu só precisava de um tempo.

– Ótimo! Você decidiu isso sozinho. Eu é que tive que sofrer sozinho.

Eles pararam de discutir por alguns segundos. Por mais que tentasse ser forte, Vitório não conseguia esconder seus sentimentos por Hernando.

– Você ainda me ama, Vitório?

Vitório olhou nos olhos de Hernando.

– Como pode perguntar uma coisa dessas? Sabe perfeitamente que nunca deixei de te amar.

– Então, qual é o problema?

– Você voltou. Esse é o problema. Agora sou eu que preciso de um tempo para me refazer.

– Parece que nosso amor nasceu para viver sob o regime do tempo.

Vitório contou a Hernando tudo o que aconteceu nos últimos meses, desde que se separaram, incluindo as brigas com 181

Selma e seu envolvimento com Paula. Quando terminou, Hernando percebeu que chegara em um momento delicado.

– Você gosta dessa moça da mesma forma que gosta de mim?

– Talvez. Não sei. Sinto atração por ela, não vou negar, mas sinto amor por você.

– Então vou esperar. Resolva sua situação e me procure.

Independente da sua decisão, estarei esperando por você.

Vitório agradeceu a compreensão de Hernando.

Despediu-se dele e foi embora, com o coração ainda mais dividido.

182

CAPÍTULO 27

Raquel continuava com seu plano de atrapalhar a vida de Patrícia, observando-a sem que a prima percebesse, mas sentindo os efeitos das vibrações de ódio que emanavam de seu espírito desencarnado.

Para Teresa, era hora de fazer Raquel enxergar a verdade.

Assim como Safira, Raquel precisava revisitar suas memórias passadas, ainda ocultas em seu subconsciente.

Quando Teresa se aproximou, Raquel logo se enfureceu.

– Você outra vez. Já disse que não quero sua ajuda. Sei que estou morta, mas ainda posso impedir que Patrícia roube minha vida.

– Já chega, Raquel. Você só está atrapalhando sua prima.

Deixe-a em paz.

– Nunca. Vou deixá-la louca.

– Outra vez?

Ao ouvir as últimas palavras de Teresa, Raquel ficou intrigada.

– Como assim, outra vez?

– Você já fez isso antes, Raquel. Se permitisse enxergar a verdade, saberia o quanto está errada agindo assim.

– Está tentando me confundir.

– Por que faria isso? Desde o início, só tenho tentado ajudá-la.

– Mentira.

– Você sabe que pode ver a verdade. Tudo aconteceu porque você quis que fosse assim. Abra sua mente, Raquel.

Permita-se lembrar.

Raquel sentou-se no chão, sentindo-se zonza. Colocou as mãos na cabeça, como se um vendaval soprasse em seu rosto. Aos poucos, as lembranças começaram a surgir, envolvendo-a até que foi levada de volta ao passado...

***

Elizabeth não fora apenas impiedosa com Safira. Naquela época, ela havia feito algo que marcou seu espírito por várias encarnações.

Antes de se tornar rainha, Elisabeth vivia com seus pais e sua irmã, Catherine, em uma casinha modesta, em um vilarejo, no sul da Inglaterra.

Um dia, Catherine acabou por conhecer o príncipe George, filho primogênito e da família Winsler, que reinava naquela época, sendo ele o sucessor direto ao trono.

Quando Catherine conheceu George, foi paixão a primeira vista. No primeiro momento, Catherine não sabia que se tratava de um nobre, visto que George se apresentou com um nome falso, Jordan, e usava trajes comuns.

Encontravam-se várias vezes, e começaram a se relacionar em segredo.

Mas um dia, em uma de suas escapadas, Elizabeth acabou descobrindo tudo, e desde então passou a chantagear a irmã, exigindo favores em troca de seu silêncio. Elisabeth sentia certa inveja da irmã, por ela ser mais bonita.

Depois de algum tempo, Catherine começou a ter sinais de que algo não estava certo. Sentia enjoos frequentes, e Elizabeth acompanhou-a até um curandeiro da região. Este atestou que a jovem estava grávida de algumas semanas.

Desesperada, Catherine pensou em seus pais. Certamente eles ficariam decepcionados em saber que a filha caçula perdera sua virtude em uma aventura banal com um estranho. Foi ai que pediu ajuda a Elizabeth.

Contrariada, Elizabeth prometeu ajudá-la, já pensando em tirar proveito daquela situação, quando fosse conveniente.

Planejou uma viagem com a irmã, mentindo para os pais, até resolverem a situação, o que acabou dando certo.

Porém, antes de partirem, Catherine sentiu que precisava falar com Jordan, mas Elisabeth a proibiu. De tanto a irmã insistir, Elisabeth prometeu que faria isso no lugar dela, assim evitaria que alguém a visse junto a ele novamente. Catherine concordou.

Como Catherine e Jordan se encontravam em sempre no mesmo local, e no

mesmo dia da semana, Elisabeth foi ao encontro do rapaz, indo um pouco mais cedo, não para falar com ele, mas para espioná-lo. Queria descobrir mais sobre aquele estranho, já 185

que Catherine nada lhe contara, até porque também não sabia a verdade.

Elisabeth ficou escondida. Viu quando o rapaz chegou e ficou aguardando pela irmã. Enquanto observava, Elisabeth reparou na beleza do rapaz. Realmente era muito bonito. Entendia agora o porquê de sua irmã ter se apaixonado por ele e se entregado. Quando cansou de esperar, Jordan decidiu ir embora.

Elisabeth o seguiu até que viu quando ele entrou em uma caverna. Achou estranho. Aguardou um instante e viu quando ele saiu de dentro, montado em um cavalo, vestindo roupas finas. Foi ai que ela descobrira seu segredo. Então ele era da realeza.

Certamente seria um príncipe.

A partir daquele momento, Elisabeth passou a arquitetar em sua mente um plano audacioso. Pensou com cuidado em cada detalhe. No final, sabia exatamente o que iria fazer.

Quando chegou em casa, ela foi falar com sua irmã.

Contou-lhe que Jordan reagira mal a notícia da gravidez, acusando a jovem de ter se deitado com outros rapazes, já que o fez com ele, dizendo que jamais

aceitaria como esposa e que nunca reconheceria a criança. Catherine sofreu muito com tudo aquilo.

O segundo passo de Elisabeth foi se aproximar de Jordan. Esperou até o dia em que ele costumava se encontrar com Catherine.

Como pensara, Jordan voltou ao local. Ele julgara que Catherine havia tido algum problema no dia anterior, e que apareceria dessa vez. Mas para sua surpresa, ela não apareceu.

Decidiu ir embora.

186

Ao retornar, indo em direção à caverna, onde deixava seu cavalo e seus trajes reais, Jordan se deparou com Elisabeth, caída no chão. Ele correu para ajudá-la. Elisabeth fez um teatro, dizendo ter sido atacada. Para convencê-lo, Elisabeth foi capaz de marcar seu corpo com espinhos, provocando arranhões, e rasgando suas roupas, para simular uma agressão. Jordan acreditou nela. Ele a ajudou, e ela inventou muitas outras mentiras, construindo uma confiança.

Elisabeth sabia seduzir, e logo conseguiu fazer com que Jordan se encantasse por ela. Mesmo ele não esquecendo Catherine, Elisabeth estava disposta a provocar diversos encontros com ele. Assim o fez, até que Jordan, julgando ter sido abandonado por Catherine, caiu nos braços dela.

Elisabeth só precisou esperar um pouco mais, até partir para o último ato de seu plano. Passado um tempo, era chegado a hora de partir com a irmã, pois a barriga iria começar a crescer, e seus pais logo descobririam. Partiram para uma suposta casa de uma parente,distante, sobre pretexto de que conseguira um trabalho por lá. Não foi difícil convencer os pais, visto que a situação financeira da família era das piores.

Elisabeth deixou a irmã em um casebre, que conseguira arrumar, em um local afastado, mas próximo da região, pois ainda tinha que ficar próximo de Jordan, para concluir sua última parte do plano. Sempre nos dias que precisava se encontrar com Jordan, Elisabeth mentia para a irmã.

Chegado o dia do grande golpe, Elisabeth se encontrou com o amante. Revelou-lhe que estava grávida dele, chorando e 187

fazendo um grande teatro. Já ele, pulou de felicidade. Revelou sua verdadeira identidade e jurou casamento.

Os dias que se seguiram foram ainda mais ousados.

Elisabeth inventou uma grande mentira para a irmã, contratando uma velha, de sua confiança, para ficar com Catherine no casebre, enquanto viajava. Na verdade, Elisabeth voltou para sua casa, mentindo para os pais, sobre ter tirado a sorte grande, e conhecido o amor nos braços de um príncipe. Mentiu que a irmã continuou trabalhando, e por isso não voltara.

Casou-se com o príncipe George, e passou a usar uma barriga falsa, durante vários períodos. Conseguira chegar até ali, e só precisava dar o último passo,

quando fosse chegado a hora do nascimento de seu suposto filho.

Quando Catherine deu a luz a sua filha, Elisabeth foi avisada pela velha que havia contratado. Ela logo tratou de ir até o local e pagou a velha para mentir que a criança havia morrido.

Pegou a sobrinha e usou-a como sendo sua filha, simulando um falso parto de última hora, na estrada.

George de nada desconfiou.

Catherine sofreu com a perda da filha. Quando retornou para casa, contou toda a verdade a sua família, e acabou descobrindo que Elisabeth havia se casado. Achou tudo muito estranho. Há muito tempo não via a irmã. Julgava que ela havia lhe abandonado naquele casebre.

Resolveu procurá-la no castelo. Ao vê-la no jardim, segurando a criança, Catherine se aproximou. Elisabeth tomou um grande susto ao vê-la. Temeu que George também a visse.

Enquanto conversava com Catherine, tentando enganá-la com suas palavras, Catherine se lembrou do dia em que teve sua filha.

O detalhe do sinal, ao lado do nariz, no lado esquerdo do rosto.

Era idêntico ao que via na suposta filha de Elisabeth. Foi ai que ela viu de longe, a figura de Jordan. Seu grande amor. Infelizmente ele não conseguia lhe ver.

Aquilo tudo foi demais. Catherine não entendia. Queria explicações.

Elisabeth prometeu explicar tudo a ela. Marcou em um local fora dali, em algumas horas, sob pretexto de que não podiam conversar naquele momento. Catherine aceitou.

Na hora combinada, Catherine estava no local. Tinha muitas perguntas a fazer. Mas para sua surpresa, quem apareceu no local foram alguns guardas do reino, que a aprisionaram, levando-a a um calabouço, afastado daquela região.

Catherine sofreu durante muito tempo, sem entender o que havia acontecido. Porque ela estava presa naquele lugar? Onde estaria sua irmã?

Quando Elisabeth apareceu, foi que Catherine ficou sabendo de toda a armadilha que acabara sendo vítima. Elisabeth lhe revelou seu plano para se casar com George. Catherine chorou, implorando para que Elisabeth devolvesse apenas sua filha. Mas Elisabeth estava irredutível. Disse que a filha foi a passagem dela para essa vida de rainha e que não permitiria que ela atrapalhasse.

Catherine terminou seus últimos dias naquele lugar, frio e esquecido. Nunca mais vira a irmã outra vez. Morreu louca, repetindo diversas vezes, que queria

sua filha...

189

***

Ao relembrar essa triste parte de sua vida, Raquel desatou a chorar.

– Eu não pude ter feito uma monstruosidade dessas! –

exclamou, em lágrimas.

– Você era uma mulher inteligente, Raquel. Infelizmente, usou sua inteligência para se aproveitar dos outros.

– Meu Deus! Eu fui um monstro.

– Você fez escolhas erradas. Por isso os espíritos reencarnam.

– Onde está minha irmã? Preciso vê-la. Preciso pedir perdão.

– Você já viu sua irmã. Ela esteve presente durante sua última encarnação.

Raquel lembrou-se de Patrícia.

– Patrícia? Ela era Catherine?

– Sim.

– Então... Meu Deus! Minha prima. E George? E a filha de Catherine? O que aconteceu?

– George reencarnou. Foi seu marido novamente.

– Felipe? Era ele?

– Exatamente. Não é por acaso que Felipe e Patrícia se sintam tão ligados. Por sua causa, eles não viveram o amor que deveriam.

– E mais uma vez eu atrapalhei o caminho de minha irmã.

– Você se casou com Felipe, mesmo sabendo que Patrícia o amava. Mas você também sentia atração por ele. Não foi errado, mas se insistir em prejudicá-la, estará errando de novo.

– Não! Eu não quero atrapalhar mais a vida dela.

– Eu sabia que você escolheria certo desta vez.

– Mas e a filha de Catherine e George? Não me lembro dela.

– Ela morreu aos cinco anos, vítima de uma doença nos pulmões. Você não tinha o dom da maternidade e usou a menina apenas para se casar com George. Sua falta de cuidados contribuiu para o desencarne da criança.

– Como pude ser tão cruel? Sinto-me mal.

– Quando desencarnou, percebeu seus erros. Eu a ajudei a se redimir.

– Agora me lembro de você. De nossas conversas.

– Quando decidiu reparar seus erros, eu a ajudei. Você queria devolver a vida que roubou de sua irmã. Quando reencarnou, George e Catherine reencarnaram juntos. Eles são almas gêmeas.

– Então Patrícia e Felipe vão ficar juntos?

191

– Eles sempre ficam. Embora tenham desafios pela frente, sua parte foi cumprida. Agora é hora de olhar para si mesma.

– Será que consigo?

– Sempre conseguiu. E eu estou aqui para ajudá-la.

– Mas você não me respondeu uma pergunta. O que aconteceu com a filha de Catherine e George?

Teresa sorriu e segurou a cabeça de Raquel, revelando a resposta. Raquel percebeu a verdade.

– Meu Deus! Então era você?

– Sim, mamãe.

– Como pode me ajudar, depois de tudo o que fiz?

– Porque, mesmo você tendo me usado, eu fui uma criança feliz. Sempre a considerei como minha mãe.

Raquel abraçou Teresa, emocionada.

– Mas então, é você quem vai reencarnar em meu ventre?

– Não. É outro espírito. Meu lugar é ao seu lado. Já nos conhecemos há muitas vidas.

Raquel abraçou Teresa novamente, chorando de emoção.

CAPÍTULO 28

Patrícia e Felipe saíram para jantar juntos. Conversaram sobre suas vidas, sobre Raquel e sobre o parto do bebê, que se aproximava.

Depois do jantar, Felipe levou Patrícia até sua casa. Ao chegar em frente ao prédio, ele estacionou o carro, saiu e abriu a porta para ela.

– Obrigada – agradeceu Patrícia, com um sorriso tímido.

– Eu é que agradeço pela companhia. Adorei jantar com você.

– Eu também.

Patrícia ficou admirando Felipe, pensando no quanto o amava e em como tudo teria sido diferente se Raquel não tivesse se casado com ele.

Ela lembrou-se da conversa com Dolores, que a aconselhara a abrir o coração para Felipe. Talvez aquele fosse o momento certo. Só precisava de coragem.

– Algum problema? – perguntou Felipe, percebendo que ela o olhava fixamente.

Patrícia despertou de seus pensamentos, envergonhada.

– Não! Eu... Desculpa...

Mas antes que pudesse justificar, Felipe a surpreendeu, tomando-a em seus braços e beijando-a profundamente. Quando 193

se separaram, ele ficou envergonhado por ter tomado aquela liberdade.

– Me desculpe! Não sei o que deu em mim.

Foi então que Patrícia se sentiu mais à vontade para falar de seus sentimentos.

– Não! Por favor, não se desculpe. Eu queria esse beijo tanto quanto você.

Felipe ficou surpreso com suas palavras.

– Na verdade, eu sempre gostei de você, Felipe. Mesmo antes de se casar com minha prima, eu já o amava. Amo você em silêncio há todo esse tempo, porque sempre tive medo de me abrir.

– O que está dizendo?

– Eu já o conhecia antes de minha prima. Fizemos um trabalho voluntário juntos, certa vez. Naquela ocasião, você nem me notou, mas eu o notei. Desde então, passei a amá-lo. Minha prima se ofereceu para me ajudar, mas vocês acabaram namorando e se casando.

– Que loucura! Por que não me disse nada?

– Porque fui covarde. Tinha medo de falar e ser rejeitada.

Não tinha confiança nem intimidade para chegar até você.

– E guardou isso consigo. Sabia que faz mal guardar sentimentos?

– Eu sei. Mas estou falando agora. Além do mais, se eu não tivesse me calado, você não teria se casado com minha prima.

– Fico imaginando o quanto você deve ter sofrido, me vendo casado com Raquel.

– É... Não foi nada fácil.

Felipe começou a rir, deixando Patrícia confusa.

– Do que está rindo?

– Dessa situação! Nunca imaginei nada disso.

– Fico até envergonhada.

Felipe abraçou Patrícia, que encostou a cabeça em seu peito.

– Tudo bem. Chega de vergonha e insegurança.

Patrícia olhou nos olhos de Felipe e o beijou mais uma vez. Eles se despediram, e ela entrou no prédio enquanto Felipe partia em seu carro.

Afastado, próximo à esquina da rua, Renato observava tudo, rangendo os dentes de ódio.

– Isso não vai ficar assim. Vou acabar com a vida desse miserável. Se Patrícia não for minha, não será de mais ninguém.

CAPÍTULO 29

Passaram-se alguns meses desde os últimos acontecimentos. Raquel já estava com trinta semanas de gravidez, equivalente a quase sete meses. O parto, que seria feito por cesariana, estava próximo.

Até então, a equipe médica do hospital, junto com a família e amigos, lutou para que o feto se desenvolvesse sem complicações, o que deu certo. Uma ecografia revelou que o bebê era um menino, deixando Felipe emocionado.

O caso de Raquel ganhou destaque na imprensa, e Viviane deu uma entrevista relatando o desafio que o hospital enfrentou para tornar isso possível. Ela também se reuniu com os familiares de Raquel.

Presentes estavam os pais de Raquel, César e Elvira, além de Felipe, Selma e Rafael.

– Dentro de alguns dias, poderemos fazer o parto –

anunciou Viviane.

– Mas já? – questionou César. – Ainda não é cedo?

– São apenas seis meses – acrescentou Elvira, preocupada. – Não há riscos?

– Não. O feto já está bem formado. Até o dia programado, ele terá sete meses, e o parto será seguro. A criança terá a saúde de um prematuro, por isso ficará na incubadora até que não haja mais riscos.

– Eu não sei – disse Selma, cética. – Acho tudo isso muito arriscado.

– Se a doutora afirma que é possível, então eu concordo

– rebateu Elvira. – Minha filha precisa descansar. Precisamos de um funeral. Essa agonia já se estendeu por tempo demais.

– Temos bases positivas para afirmar que tudo transcorrerá da melhor forma possível – finalizou Viviane.

Após a reunião, Viviane perguntou aos pais de Raquel se autorizariam a doação dos órgãos dela. Elvira não soube responder de imediato e pediu para pensar.

***

Ao saírem da reunião, Elvira e César foram até uma lanchonete. Sentados em uma das mesas, conversavam sobre o que acabara de acontecer.

– Você viu a petulância da Selma? – disse Elvira, irritada.

– Ela só acha tudo muito cedo porque não é o filho dela que está naquela cama de hospital. Não é ela que está com o coração partido desde o dia em que nossa filha foi declarada morta.

– Acalme-se, Elvira. Selma não falou por mal.

– Não sei. Ela é muito insensível.

– Além disso, precisamos conversar sobre a pergunta que a doutora nos fez.

Elvira suspirou.

– Por mais que eu diga que nossa filha precisa descansar, me dói saber que o nascimento dessa criança significa o desligamento dos aparelhos. Significa que

ela partirá para sempre.

Elvira começou a chorar, e César segurou sua mão, transmitindo-lhe força.

– Precisamos ser fortes, Elvira.

– Eu sei. Todo mundo me diz isso, César, mas ninguém diz como uma mãe consegue ser forte quando um filho é tirado de nós. Isso é tão injusto.

– Nossa filha já se foi há muito tempo, Elvira. O que está naquela cama é apenas o corpo que um dia ela habitou. Pense que seu espírito agora está em outro plano.

– É difícil acreditar nessas coisas.

– Eu sei. Mas é preciso buscar forças onde quer que seja.

É na minha crença que encontro a força para passar por isso.

Elvira enxugou as lágrimas e sorriu para César.

– Vamos doar os órgãos de nossa filha – decidiu ela.

– Você tem certeza?

– Tenho. Além do mais, a dor que estou passando não desejo a ninguém. Doando os órgãos dela, com certeza estaremos salvando muitas vidas.

César sorriu e beijou as mãos de Elvira.

– Um grande gesto, Elvira. Tenho certeza de que nossa menina, onde quer que esteja, está muito contente com sua decisão.

Eles procuraram Viviane e comunicaram a decisão.

***

Desde que Hernando voltou, Vitório se viu dividido entre seus sentimentos por ele e por Paula, que ainda não sabia do retorno do ex-namorado.

Sabendo que precisava tomar uma decisão, Vitório resolveu conversar com Paula. Eles se encontraram em uma lanchonete no centro da cidade.

– Fiquei feliz com seu convite – disse Paula, animada.

– Eu precisava falar com você.

Paula percebeu a seriedade no tom de Vitório.

– Aconteceu alguma coisa? Algum problema?

Vitório respirou fundo.

– O Hernando voltou.

Paula sentiu o sangue gelar. Sabia o que aquilo significava.

– Quando?

– Já faz alguns meses.

– Alguns meses? E só agora você me diz?

– Eu estava pensando.

– Pensando? Em quê?

Vitório não conseguiu responder, e Paula prosseguiu:

– Você ainda o ama?

Vitório olhou nos olhos de Paula e respondeu:

– Amo.

Sem pensar, Paula levantou-se e foi saindo. Vitório a seguiu, segurando-a pelo braço.

– Por favor, me escute.

– Não, Vitório. Não tenho nada a escutar. Para mim, já está tudo claro. Você ama esse rapaz. Você é gay! Eu é que me iludi, achando que poderia despertar algo em você.

– Mas você despertou.

– É mesmo? Só se foi pena, porque amor não foi. Você ama Hernando, Vitório.

– Mas gosto de você também. Mesmo que não possamos ficar juntos, queria manter sua amizade.

Paula deu uma risada amarga.

– Essa é boa!

– Estou falando sério.

– Escuta, Vitório. Eu queria ser bem mais que sua amiga.

Se isso não é possível, então não sei de mais nada.

– Procure me entender, por favor.

– Eu não sei. Preciso de um tempo.

– Estou sendo sincero. Isso não conta?

Paula refletiu por alguns instantes. Vitório estava sendo justo com ela. Além disso, ele não tinha culpa de amar Hernando, pois ambos já tinham uma história juntos.

– Tudo bem. Me desculpe. Estou agindo como uma idiota.

Paula abraçou Vitório.

– Se você ama esse rapaz, então fique com ele. Seja feliz!

– Eu sabia que você me entenderia.

– A gente não manda no coração, Vitório. Seria mais fácil se pudéssemos escolher a quem amar.

– Amigos?

– Amigos!

Eles se abraçaram novamente, sorrindo.

***

Quando chegou ao fim do dia, Patrícia voltou para casa e encontrou Dolores no sofá. Sentou-se ao lado, procurando relaxar.

– Hoje a tia Elvira esteve no hospital.

– Sério?

– Sim. Ela e o tio César. Foram conversar com a doutora Viviane.

– Algum problema? – perguntou Dolores, preocupada.

– Não. Era só para falar sobre o parto.

– Quando será?

– Daqui a alguns dias.

– Mas já? Não é muito cedo?

– Pelo que a doutora Viviane me disse, não há perigo. A criança ficará na incubadora depois do nascimento, para evitar infecções ou vírus, já que será um bebê prematuro. Mas só até ficar fora de risco.

– Tenho fé que Deus ajudará essa criança a sobreviver.

– Eu também.

– E você e o Felipe? Saíram de novo?

– Desde aquela noite, não. Acho que vamos esperar o nascimento do bebê para assumir nosso namoro. Já estou até vendo os falatórios.

– Deixe que falem. As pessoas gostam de falar de tudo.

Além do mais, vocês não têm que sentir culpa por gostarem um do outro.

– É verdade.

– E você será uma ótima mãe para esse bebê.

Patrícia olhou espantada para Dolores.

203

– Como assim? Até parece que a tia Elvira vai deixar que eu crie a criança com o Felipe.

– Pois eu acho que vai. Além disso, a guarda da criança será dele de qualquer forma. Prepare-se para cuidar desse bebê, minha filha.

– Ai, mãe, você tem cada ideia. Vou tomar meu banho e descansar. Boa noite!

Patrícia deu um beijo em Dolores e foi para o banho.

204

CAPÍTULO 30

Após descobrir sobre o retorno de Hernando, Paula decidiu que era hora de contar tudo a Selma, afinal, ela havia confiado plenamente que Vitório poderia se casar com ela.

Chegando à casa de Selma, foi recebida pela empregada, Maria, que a conduziu até a patroa. Selma apareceu logo em seguida, surpresa com a visita.

– Minha querida, que surpresa boa – disse Selma, cumprimentando Paula com dois beijos no rosto. – Sente-se!

Maria, traga um refresco para nós.

A empregada obedeceu, e as duas se acomodaram no sofá da sala.

– Desculpe incomodá-la nesta hora, mas vim tratar de um assunto que diz respeito a nós duas. É sobre seu filho, Vitório.

– Ah, sim. Sou toda ouvidos.

Paula respirou fundo, preparando-se para o que viria a seguir.

– Ele me procurou esta manhã para conversar. E se abriu comigo.

Selma percebeu o tom sério da conversa e sentiu que algo estava errado.

– O que meu filho te contou?

– O Hernando voltou.

205

Imediatamente, Selma levantou-se, caminhando de um lado para o outro, com as mãos na cabeça.

– Miserável! Não acredito que esse infeliz voltou para atormentar meu filho outra vez. Escute aqui, Paula – disse, voltando-se para a jovem. – Você trate de não deixar meu filho escapar. Você me prometeu.

– Infelizmente, Selma, acho que isso não será mais possível.

– Como assim não será mais possível?

– Vitório me procurou para contar que Hernando havia voltado e que ainda o ama.

– Não acredito! Não! Isso não pode acontecer.

– Sinto muito. Acho que não há nada que possamos fazer. Eles se amam.

– Que se amam, o quê! Você é que é uma incompetente!

– Por favor, Selma, não me ofenda.

– Incompetente, sim, senhora! Não sei onde estava com a cabeça quando confiei em você para uma coisa tão simples como seduzir um rapaz.

– Acho que você está esquecendo que seu filho é gay. É

natural que ele se sinta atraído por Hernando. Eles viveram uma história juntos.

– Nunca! Em hipótese alguma vou permitir que meu filho exiba perante a sociedade uma anormalidade dessas. Jamais!

Paula percebeu o tamanho do preconceito de Selma.

Nada do que dissesse adiantaria.

– Sinto muito que pense dessa forma.

– Pois não sinta, menina. Se você não foi capaz de afastar meu filho desse caminho horroroso, então caberá a mim fazê-lo.

Paula levantou-se.

– Bem, vim apenas comunicá-la. Vejo que não há mais nada a fazer aqui. Tenha um bom dia!

E saiu, deixando Selma perdida em seus pensamentos.

– Incompetente!

Maria voltou à sala com os refrescos e estranhou a ausência de Paula.

– Aqui estão os refrescos, dona Selma!

– Jogue fora, Maria. E suma da minha frente! Rápido!

Sem entender, Maria retirou-se. Selma pegou a bolsa.

– Está na hora de acabar com essa palhaçada de uma vez por todas.

E saiu.

***

Enquanto isso, na empresa de Rafael, Vitório e Hernando estavam em sua sala. Rafael, ao contrário de Selma, já havia aceitado há muito tempo a orientação sexual do filho e o apoiara quando mais precisou.

– Pai, vim até aqui para comunicar uma decisão – disse Vitório, de mãos dadas com Hernando.

– Não precisa nem falar, se quiser. Já vejo que voltou com seu namorado – disse Rafael, com um sorriso ao ver a felicidade estampada nos olhos do filho.

– Sim! Nós voltamos. Mas decidimos morar fora do Brasil.

– Outra vez, filho? Vão voltar para a Argentina?

– Não. Desta vez, vamos para Barcelona, na Espanha.

– Na Espanha? Tão longe?

– Consegui um emprego lá – explicou Hernando. –

Quando estive morando por lá, meses atrás, fui contratado por uma editora.

– E eu também conseguirei trabalho na minha área, pai.

Rafael ficou pensativo por alguns instantes, observando os dois.

– Bom, se acham que é o melhor, não me oporei.

Nesse momento, Selma invadiu a sala, após ouvir tudo do lado de fora.

– Nem por cima do meu cadáver! – gritou, assustando a todos.

– Mãe?

– Como ousa fazer isso comigo, Rafael? Outra vez acobertando as sandices do Vitório? Desta vez, não vou permitir!

– A senhora não tem que permitir nada, mãe – respondeu Vitório, firme. – Sou maior de idade e posso decidir minha vida sozinho.

– Nosso filho tem razão, Selma. Não há nada que você possa fazer para impedi-lo. Aceite isso.

– Nunca! Jamais! Não vou ter um filho pervertido.

Nunca!

– Que coisa horrível de se dizer a um filho, Selma. Tenha um pouco de compostura e respeito. Ele não está cometendo crime algum. Só quer ser feliz ao lado de quem ama. Qual é o problema?

– O problema? Quer saber qual é o problema? Com que cara vou ficar quando começarem a falar pelas minhas costas que tenho um filho anormal? Me diga!

– Anormal é esse seu preconceito infundado, Selma. E

isso já passou dos limites. Não vou mais tolerar que fale assim com nosso filho.

– Seu filho, Rafael! Se Vitório insistir nessa loucura de se amancebar com esse pederasta, pode esquecer que tem uma mãe!

As palavras de Selma ecoaram profundamente, atingindo o coração de Vitório. Ele sentiu o desprezo da mãe, e as lágrimas surgiram em seus olhos. Olhou para ela e, com a voz embargada, disse:

– E quando eu tive uma mãe?

Selma ficou sem reação, percebendo que havia ido longe demais. Mas, orgulhosa, preferiu não dizer mais nada e saiu.

Rafael, percebendo a tristeza do filho, aproximou-se e o abraçou.

– Esqueça os devaneios de sua mãe. Ela ainda tem muito a aprender sobre a diversidade da vida.

Segurou o rosto de Vitório com as mãos, olhando em seus olhos.

– Vá com seu amado e sejam felizes! Sempre que precisar, estarei aqui. É só me procurar.

– Obrigado, pai!

Os dois se abraçaram emocionados. Em seguida, Vitório partiu com Hernando. Tinham a rejeição de Selma, mas, acima de tudo, a bênção de Rafael.

***

Na colônia espiritual, Raquel estava sentada sob uma árvore frondosa. Seus pensamentos irradiavam vibrações de amor e carinho, que viajavam em um halo de luz até o quarto do hospital onde seu corpo físico gerava seu filho.

Teresa aproximou-se lentamente, interrompendo sua meditação.

– Acho linda essa conexão entre mãe e filho. Fico feliz em ver que você envia energias de amor e carinho a ele.

– É incrível, Teresa. Mesmo sabendo que jamais o terei em meus braços, sinto um amor tão profundo por essa criança.

Como isso é possível?

– Para o amor, tudo é possível, Raquel. Nenhuma força é capaz de romper os laços de um amor verdadeiro.

Raquel sorriu. Teresa sempre dizia coisas tão belas.

– Aliás, é sobre seu filho que vim falar.

– O que houve? – preocupou-se Raquel. – Aconteceu algo com ele?

– Acalme-se. Não há nada de errado. Pelo contrário, a notícia é boa.

– Então diga logo! Estou quase tendo um troço, se é que isso ainda é possível.

Teresa riu.

– Não precisa ficar nervosa. Vim avisar que está chegando a hora de seu filho nascer.

Raquel levou as mãos à boca, emocionada.

– Meu Deus! É sério? Já faz tanto tempo assim? Nem percebi.

– E não haveria como perceber. Aqui, o tempo é diferente da esfera terrestre.

– E poderei assistir ao nascimento? Será possível?

211

– Falei com Nonato. Ele disse que não há problema, desde que você se mantenha sob controle.

– Claro! Eu me comportarei. Prometo!

Raquel pulou de alegria e abraçou Teresa.

– Obrigada! Muito obrigada! Não sei como poderei agradecer.

– Se quer me agradecer, é simples: cuide desse novo ser que irá ao mundo. Inspire-lhe bons pensamentos. Mantenha essa conexão de amor e carinho. Ele tem uma missão importante a cumprir.

– Eu o amarei por todos os dias em que ele respirar nessa nova vida. Prometo.

– E eu acredito.

Teresa abraçou Raquel, passando o braço por cima de seus ombros, e as duas seguiram caminhando pela estrada florida daquele maravilhoso lugar.

212

CAPÍTULO 31

Finalmente chegou o grande dia. A equipe médica definiu que era o momento propício para o parto. O bebê estava com trinta e duas semanas e, assim que a cesárea fosse realizada, seria encaminhado para a incubadora, onde ficaria até estar fora de perigo.

Reuniram-se no hospital Felipe, Rafael, Selma, Elvira, Paula, César e Dolores. Enquanto Viviane e sua equipe se preparavam na sala de cirurgia, Patrícia tentava acalmar Felipe, que estava pura ansiedade.

– Acalme-se! Vai dar tudo certo – disse ela.

– Assim espero, Patrícia.

– Você vai ver. A doutora Viviane disse que a formação do bebê foi bem-sucedida. Não há nenhum risco.

– Mesmo assim, fico preocupado.

Patrícia deu-lhe um abraço. De longe, Selma observava a cena e cutucou o ombro do marido, apontando para os dois.

– Vejam só a pouca vergonha. A prima ainda nem foi enterrada, e aquela já está se insinuando para o nosso filho.

– Pare com isso, Selma – repreendeu Rafael. – Deixe-os em paz.

– Para você, tudo é tão natural. Mas, para mim, é uma falta de respeito.

– Me poupe.

Rafael decidiu se afastar da mulher.

***

A cesariana estava em andamento. Viviane conduzia o procedimento com todo

cuidado, evitando complicações. Sem ser percebida, o espírito de Raquel, acompanhado por Teresa, surgiu na sala, aproximando-se da mesa cirúrgica, emocionada. Teresa segurava seu braço, oferecendo apoio.

Quando o bebê nasceu, Raquel ficou extasiada ao ver que ele era perfeito, apesar de frágil e pequeno, por ser prematuro.

– Olha só que coisa mais linda! – disse Teresa, observando o rostinho do bebê.

Raquel beijou o corpinho frágil daquele inocente que acabara de vir ao mundo.

– Como ele é lindo, Teresa!

– Parabéns! É uma criança linda e muito especial.

– Como eu queria segurá-lo em meus braços, dar-lhe meu afeto e meu calor.

– Ele sente sua presença, seu amor e seu carinho. Todas as crianças sentem, até alcançarem uma idade mais avançada.

Viviane entregou o bebê a uma enfermeira, que o levou para ser limpo e encaminhado à UTI Neonatal, onde seria incubado. Raquel seguiu o filho o tempo todo, acompanhada por Teresa.

– Seu filho ficará bem – disse Teresa. – Ficará na incubadora até que o mundo externo não ofereça riscos à sua saúde.

– Entendo.

– Agora vamos. Precisamos partir. Você tem muito a aprender para acompanhar seu filho em sua jornada.

– Sentirei falta dele.

– Será por pouco tempo. Logo você poderá estar ao lado dele novamente, mesmo que apenas como um guia.

Raquel concordou e segurou a mão de Teresa. Em segundos, as duas desapareceram em um halo de luz, invisível aos olhos dos encarnados, mas sentido pelos recém-nascidos daquele ambiente.

***

No corredor do hospital, Viviane procurou os familiares de Raquel para anunciar o nascimento.

– Então, doutora? Como foi? – perguntou Felipe, ansioso.

– O parto foi realizado. Tudo ocorreu bem. O bebê já está na UTI Neonatal, onde ficará na incubadora até ficar mais forte.

– Graças a Deus!

Felipe recebeu abraços de todos presentes. Elvira e César também estavam emocionados, pois a alegria do nascimento do 215

neto significava a morte definitiva de sua filha. Eles já se preparavam para isso há algum tempo.

Como haviam decidido, os órgãos de Raquel seriam doados, e seus restos mortais seriam cremados em uma cerimônia alguns dias depois, após a conclusão dos trâmites de doação e liberação do corpo.

***

Na colônia espiritual, Raquel foi felicitada por Nonato, que já sabia do sucesso do nascimento de Daniel, o espírito que reencarnara para cumprir uma missão especial.

– Ele é tão lindo, Nonato. Você precisava vê-lo.

– Imagino! Mas já conheço o espírito que habita aquele corpinho. Certamente, ele lhe dará muito orgulho.

– Eu o amo tanto.

– Acredito. Esse sentimento vem dos laços que os unem.

Esse mesmo espírito já esteve ao seu lado em outras encarnações.

– Mas não me lembro dele. Quem ele era?

– Isso não importa agora. O essencial é que o amor que os une será crucial para a missão que ele cumprirá na Terra.

– Raquel?

Aquela voz era familiar. Raquel virou-se e surpreendeu-se ao ver Safira.

– Você? O que faz aqui? – perguntou Raquel, assustada.

– Acalme-se, Raquel – interveio Teresa. – Safira veio em paz.

– Ela tentou me desequilibrar. Ela é maldosa.

– Não, Raquel. Escute o que ela tem a dizer – pediu Nonato, acalmando-a.

– Vim pedir seu perdão pelo que fiz. Persegui você por achar que era culpada pela morte de minha filha, quando eu era Elisabeth. Agora sei a verdade.

Raquel lembrou-se de sua encarnação, do dia em que trancou Safira no calabouço, deixando-a morrer sozinha. Ao voltar de suas lembranças, caiu de joelhos diante de Safira.

– Oh, perdoe-me!

Safira ajudou Raquel a levantar-se, segurando suas mãos.

– Nós duas erramos. Eu escolhi me vingar de você, em vez de tentar entender o que havia acontecido. Você me fez muito mal, eu sei, mas foram apenas reflexos das maldades que eu cometi contra você em vidas passadas. Eu é que preciso do seu perdão.

Emocionadas, as duas se abraçaram. Ao redor delas, uma luz rosada se formou,

simbolizando a reconciliação que há tanto tempo era esperada.

Depois de se perdoarem, Safira despediu-se:

– Preciso ir. Vou reencarnar novamente.

– Você vai reencarnar? – perguntou Raquel, surpresa.

– Sim. Perdi muito tempo nos vales do umbral, atormentada por uma vingança sem fundamento. Graças a você e a Teresa, fui resgatada. Agora estou pronta para voltar à Terra e reparar meus erros com aquela que foi minha filha, na mesma época em que você era Elisabeth. Nossa história foi interrompida pelos percalços do destino. Agora é hora de reparar.

Abraçaram-se mais uma vez, e Safira partiu.

– Que bom que ela se reencontrou – disse Raquel, antes de notar a expressão séria no semblante de Teresa.

– O que foi?

Teresa olhou para Nonato, que concordou com a cabeça.

Aquilo deixou Raquel ainda mais assustada.

– É algo com meu filho?

– Não – respondeu Teresa. – Mas algo muito ruim acontecerá com alguém ligado a você.

– Como assim? Do que você está falando?

– Logo você saberá.

***

Felipe estava na frente do hospital, olhando para o céu e pensando em Raquel. De repente, Patrícia aproximou-se.

– Conseguiu ver seu filho?

– Sim! Ele é a coisa mais linda deste mundo.

– Estou tão feliz por você.

Felipe sorriu.

– Estava pensando na Raquel. Ela estava tão feliz com essa gravidez.

Patrícia segurou suas mãos.

– Onde quer que ela esteja, está cuidando de você e do seu filho. Aliás, como ele se chamará?

– Lúcio. É uma homenagem ao meu avô. Toda a família concordou.

– É um lindo nome.

Paula saiu do hospital, ajustando sua jaqueta de brim, pois a noite estava fria. Aproximou-se de Patrícia e Felipe.

– Parabéns, mais uma vez, Felipe!

– Obrigado, Paula!

– Fico feliz por vocês dois também. Soube que estão namorando.

– Pois é – disse Felipe, dando um beijo em Patrícia.

– Sua mãe é que não gostou muito. Mas ela vai se acostumar.

– Minha mãe tem uma mente difícil.

– Eu que sei.

Ambos riram.

219

De repente, uma moto aproximou-se. O condutor tirou o capacete, revelando ser Renato.

– Renato? – disse Patrícia, assustada.

Renato sacou uma pistola e apontou para os três.

– Pelo amor de Deus, Renato, o que significa isso? –

perguntou Patrícia, apavorada.

– Você me rejeitou por ele. Agora vão morrer.

– Abaixe isso, rapaz! – gritou Felipe.

– Não fale comigo, seu miserável. Você roubou a mulher que eu amo, mas não ficará vivo para desfrutar dela.

Renato engatilhou a arma e disparou. Felipe jogou-se no chão, protegendo Patrícia, mas a bala acertou Paula em cheio no tórax, fazendo-a cair.

Assustado por ter errado o alvo, Renato deixou a arma cair, entrou em pânico, ligou a moto e fugiu.

Enfermeiros, seguranças e outras pessoas correram para socorrer Paula, que sangrava muito.

– Vai ficar tudo bem – disse Felipe, tentando acalmá-la.

– Eu não quero morrer. Me salvem, por favor.

Era tudo o que Paula conseguia dizer.

220

CAPÍTULO 32

Paula desmaiou imediatamente. Os enfermeiros que vieram socorrê-la a colocaram em uma maca e a levaram para dentro do hospital. A bala havia atingido três estruturas vitais do coração, causando danos graves, incluindo músculos rompidos e queimaduras provocadas pela pólvora.

Elvira e César, que ainda estavam no hospital resolvendo os trâmites burocráticos para a liberação do corpo de Raquel, entraram em desespero ao saber do ocorrido.

– Não! Isso não pode ser verdade – gritou Elvira. –

Minhas duas filhas! Meu Deus, não me tire mais uma filha. Eu não vou suportar.

Uma enfermeira tentou acalmá-la, explicando que Paula estava sendo encaminhada para uma cirurgia de emergência e que o médico faria tudo para

salvar sua vida.

Paula foi submetida a uma esternotomia de emergência.

O cirurgião abriu seu tórax com uma serra especial para acessar a região afetada. Enquanto isso, o espírito de Paula desprendeu-se do corpo, observando a movimentação ao seu redor. Ela via os médicos trabalhando freneticamente, enquanto flutuava cada vez mais para o alto.

Quando se deu conta, estava em um campo aberto, onde o sol brilhava intensamente e as nuvens criavam um cenário deslumbrante. Pensou que havia morrido. Ao olhar para o lado, 221

viu uma luz se aproximar, transformando-se na imagem de sua irmã, Raquel.

– Raquel? – chamou Paula, correndo para abraçá-la.

– Minha irmã! É você mesmo?

– Sim, Paula. Sou eu.

– O que aconteceu? Eu morri? Onde estou?

– Seu corpo físico está passando por uma cirurgia. O tiro atingiu seu coração, causando graves complicações.

– Então eu vou morrer? É por isso que estou aqui?

– Você apenas se desprendeu do corpo. Isso acontece sempre que dormimos. É comum em pessoas com mediunidade aflorada.

– Mas eu não me lembro de nada. Nunca me lembro de ter vindo aqui antes.

– Infelizmente, grande parte dessas experiências é apagada de sua memória ao retornar – explicou Teresa, surgindo atrás de Paula.

Paula virou-se e encarou Teresa.

– Você me parece familiar.

– Sim. Sempre nos encontramos durante suas viagens astrais.

– Por que estou aqui agora? Estou morrendo?

– Não. A prova que seu corpo está enfrentando faz parte de sua missão. Não é por acaso que esta encarnação reuniu você, Raquel, Patrícia e Felipe. Todos têm débitos a acertar.

– Não entendi.

– Quando reencarnou, estava decidido que você ajudaria Patrícia a ser feliz, pois ela lhe causou grande mal em outra existência.

– Então estou ajudando Patrícia a ser feliz? Como isso é possível? Não faz sentido.

Teresa segurou as mãos de Paula.

– Se não fosse por você, Patrícia teria sido privada de viver ao lado de seu grande amor. Renato estava disposto a matar Felipe, mas você interveio no momento certo. Seu inconsciente sabia que isso aconteceria. Você fez um ato de bondade que trará muitos créditos ao seu espírito, Paula. Será um espírito iluminado após esta encarnação.

– Então vou sobreviver?

– Sim.

– Inacreditável. Mesmo com a bala atingindo meu coração. Como isso será possível?

– Isso você descobrirá ao retornar.

Teresa sorriu. Paula voltou-se para Raquel, com os olhos marejados.

– Tenho tantas saudades de você, minha irmã.

– Eu também, Paula. Mas estou bem agora. Peço que cuide do meu filho.

– Cuidarei, sim.

– Estarei sempre com vocês. Sempre.

Paula e Raquel se abraçaram. Em seguida, Raquel e Teresa despediram-se e desapareceram.

***

Os médicos lutavam pela vida de Paula. Devido aos danos causados pela bala, o cirurgião decidiu que o único meio de salvá-la seria um transplante de coração. Em um evento descrito como milagroso, o coração de Raquel, que estava na lista de doação de órgãos, foi transplantado para Paula. A cirurgia foi um sucesso.

Elvira, ao ser informada, abraçou-se a César, chorando de emoção.

– Nossa filha, Raquel, César. Ela salvou a vida de nossa menina.

– Parece obra do destino, Elvira. Justamente no dia em que os órgãos de Raquel foram doados, Paula precisou de um transplante. Como isso é possível?

– Para Deus, os apelos de uma mãe nunca são negados, César. Ele me ouviu. Ele ouviu minhas preces.

***

224

Renato, após atirar em Paula, tentou fugir, mas foi localizado e preso pela polícia. O corpo de Raquel foi liberado para o funeral, realizado em um crematório na zona leste da cidade.

Estavam presentes Elvira, César, Dolores, Selma, Rafael, Patrícia, Felipe e alguns amigos, como Viviane. Paula ainda se recuperava no hospital.

Após o funeral, Elvira visitou Paula.

– Como foi lá? – perguntou Paula.

– Difícil, mas necessário. Pelo menos cumprimos essa etapa dolorosa.

– Eu não te contei, mas algo muito estranho aconteceu comigo.

– O quê, minha filha?

– Quando eu estava sendo operada, naquela noite, algo inexplicável aconteceu.

– Como assim?

– Eu me vi na sala de cirurgia. Vi os médicos operando-me.

– Não! Isso não é possível. Deve ter sido um sonho.

– Não, mãe. Foi real. Era como se eu tivesse saído de mim.

– Como pode ter tanta certeza?

– Porque, depois, eu estive em outro lugar. Um lugar lindo. A Raquel estava lá.

Elvira emocionou-se ao ouvir aquilo.

– Eu me lembro de tê-la visto. Ela me disse que tudo ficaria bem, que eu não morreria.

– Meu Deus!

– Eu sei que parece loucura, mas foi real. Eu sei o que vi e o que senti.

***

Após sair do hospital, Elvira procurou Dolores, impressionada com o relato de Paula. Ao terminar de ouvir, Dolores entregou-lhe um livro.

– Tome. Creio que aqui encontrará respostas.

– O que é isso?

– O Livro dos Espíritos.

– Livro dos Espíritos? O que isso tem a ver com o que aconteceu?

– Tudo a ver. Neste livro, você entenderá o que não conseguimos explicar. O que aconteceu com Paula foi uma viagem astral. Quando o corpo físico adormece, o espírito pode se libertar e viajar pelo mundo astral. Isso é mais comum em médiuns.

– Isso é tudo muito surreal.

– Apenas leia o livro. Tenho certeza de que suas dúvidas serão esclarecidas.

– Obrigada!

226

Elvira despediu-se de Dolores e foi embora, segurando o livro com cuidado, como se carregasse um tesouro.

227

CAPÍTULO 33

Selma e Rafael terminavam o café da manhã quando Felipe apareceu.

– Oi, meu filho! Que surpresa boa – cumprimentou Selma, dando-lhe um beijo carinhoso.

– Vim convidá-los para ir ao hospital. Hoje, meu filho sai da UTI Neonatal. Ele está ótimo.

– Que bom, meu amor. Fico feliz – respondeu Selma. –

Mas tenho compromissos inadiáveis. Mais tarde, faço uma visitinha a vocês.

– Tudo bem.

– Eu vou com você, meu filho – disse Rafael, dando um último gole no café. – Só preciso pegar minha pasta. De lá, vou direto para a empresa.

– Ótimo. Estou esperando no carro. A Patrícia vai com a gente. Ela dormiu lá em casa ontem.

Selma colocou a xícara de café de lado e pigarreou.

– Meu filho, preciso conversar com você sobre essa moça.

– O que há com a Patrícia, mãe?

– Bem, não me entenda mal, mas não acho adequado você se relacionar com ela tão rápido. Mal velamos o corpo de sua mulher. O que os outros vão pensar?

Felipe não podia acreditar no que ouvia.

– Desde quando me importo com o que os outros pensam, mãe? Eu quero ser feliz. Fiquei muito triste com o que aconteceu com a Raquel, mas minha vida precisa continuar. A Patrícia me ama, e eu também a amo.

– Mas vocês poderiam ter esperado.

– Não há o que esperar, dona Selma – interveio Rafael. –

A fatalidade que aconteceu com a Raquel é mais do que suficiente para mostrar que não podemos adiar nossa felicidade. Nunca sabemos quanto tempo temos.

– O Felipe tem razão, Selma. Não há cabimento nessa sua postura.

– Eu não acho correto. Qualquer pessoa sensata também não achará.

– Você não acha nada correto, Selma. Esse é o seu problema – disparou Rafael.

– O que está insinuando, Rafael?

– Você, com essa mania de se meter na vida dos filhos, só atrapalha. Infernizou tanto a vida do Vitório que ele foi embora.

– Não fale o nome desse perdido nesta casa. Eu proíbo.

Pela primeira vez, Felipe viu o preconceito de Selma em relação ao irmão. Ficou horrorizado.

– Mãe, como pode falar isso do seu próprio filho?

– O que há, Felipe? Não me venha com um discurso moralista de que uma aberração dessas é normal.

– Aberração é uma mãe odiar o próprio filho, como você está fazendo, Selma.

– Eu não tenho um filho perdido. Meu único filho é você.

– Não, mãe. Sinto informar, mas você não é minha mãe.

Não essa pessoa vazia, amarga e preconceituosa.

– Como ousa falar assim comigo, seu ingrato? Até você vai me virar as costas?

– Você afasta as pessoas, dona Selma. E quer saber? Não vou permitir que você se aproxime do meu filho. Ele não será uma pessoa horrível como você.

– Me respeite!

Selma levantou-se, pegando a faca de mesa e apontando para Felipe.

– Pare com isso, Selma. Já chega! – gritou Rafael.

– Estou farta de vocês. Farta! Tomara que seu filhinho se torne um perdido, igual ao tio, para que você sinta o mesmo que eu senti com o Vitório.

– Se meu filho for homossexual, eu o amarei. Porque eu sei o que é amar, dona Selma.

Felipe terminou de falar e saiu.

– Te espero no carro, pai.

Rafael ficou sozinho com Selma, olhando para ela com reprovação.

– Por que está me olhando assim?

– É muito triste ser como você. Dá pena.

– Eu não preciso da pena de ninguém.

– Mas é só isso que você terá de agora em diante. Estou deixando esta casa e você.

As palavras de Rafael foram como um soco no estômago.

Selma percebeu que havia ido longe demais, mas as consequências já eram irreversíveis.

– Você não pode me deixar. O que vão dizer de nós?

Nossos amigos? Minhas amigas?

– Que se explodam os outros, Selma. Seus amigos e amigas. Eu não te quero mais. Adeus.

Rafael pegou sua pasta no sofá e saiu de casa, para nunca mais voltar. Selma ficou parada, refletindo sobre suas ações.

Durante muito tempo, permaneceu em silêncio, remoendo as palavras de Rafael e Felipe. Agora, estava sozinha. Abandonada.

De repente, um acesso de fúria tomou conta dela.

Começou a quebrar tudo o que via pela frente, enquanto chorava e gritava:

– Morram todos! Seus miseráveis! Eu não preciso de vocês!

232

Maria, a empregada, observava tudo, escondida e apavorada.

***

Tempo depois, Lúcio, filho de Felipe e Raquel, já estava em casa. Era um bebê forte e saudável, cercado pelos carinhos dos avós, Elvira e César, e pelos mimos da tia, Paula.

Patrícia e Felipe continuavam apaixonados. Viviam o amor que, por muitas vidas, lhes foi negado. Patrícia cuidava de Lúcio como se fosse seu próprio filho.

Raquel, sempre que podia, aparecia diante de Lúcio, que conseguia vê-la. Toda vez que ela surgia, o ambiente se iluminava, e o pequenino sorria.

Patrícia e Felipe decidiram se casar, com a bênção de Raquel, que continuava a evoluir como espírito.

– A senhora já soube do casamento da Patrícia e do Felipe? – perguntou Paula, brincando com Lúcio.

Elvira aproximou-se.

– Sim. Recebi o convite. Fico feliz. Assim, o Lucinho terá uma boa mãe.

– Eu também gosto da Patrícia. Ela sempre amou o Felipe.

O casamento estava marcado para daqui a dois meses.

Selma, apesar de convidada, recusou o convite e expulsou Felipe de sua casa quando ele foi falar sobre o casamento.

EPÍLOGO

Quando chegou o dia do casamento, Patrícia estava se arrumando com a ajuda da mãe. Nervosa, ela olhou para o espelho e suspirou.

– Nem acredito que vou me casar com o Felipe. Como sonhei com este dia.

– Eu sempre lhe disse para confiar na vida, minha filha.

As coisas que são nossas sempre encontram um jeito de chegar até nós. Mesmo que demore uma eternidade.

– Uma eternidade é muito tempo.

– Pois é.

As duas riram juntas, compartilhando um momento de cumplicidade.

A cerimônia foi realizada na Igreja Nossa Senhora do Monte do Carmo, no

centro da cidade. O ambiente estava decorado com flores e detalhes delicados, criando um cenário encantador. Parentes e amigos aguardavam ansiosos a chegada da noiva.

Patrícia chegou em um carro preto, um elegante Chrysler 300C, perfeito para a ocasião. Felipe já a esperava no altar, vestido com um terno impecável, o coração acelerado de emoção.

Enquanto as damas de honra e o pajem entravam, Patrícia foi conduzida por Rafael, seu futuro sogro, já que seu pai havia falecido. Caminharam lentamente pelo longo tapete 235

vermelho que levava ao altar, onde Felipe a recebeu com um sorriso radiante.

A cerimônia transcorreu sem contratempos, repleta de emoção e alegria. Todos estavam felizes, celebrando a união dos dois. Em meio àquela atmosfera de amor, o espírito de Raquel e Teresa apareceu no local, observando tudo em silêncio.

– Como se sente? – perguntou Teresa.

– Em paz – respondeu Raquel, com um sorriso sereno.

– Que bom. Fico feliz que você tenha acolhido a luz do amor em seu interior.

– Essa última experiência na Terra foi muito proveitosa, Teresa. Aprendi tanto. Mas confesso que as coisas teriam sido mais fáceis se, enquanto encarnados, mantivéssemos a mesma visão que temos no mundo espiritual.

– Não se engane, minha querida. Há um propósito para que as coisas sejam assim. Com o tempo, você entenderá.

Quando a cerimônia terminou, Patrícia e Felipe selaram sua união com um beijo profundo e apaixonado, sob uma salva de palmas que ecoou por toda a igreja.

Teresa e Raquel trocaram um olhar de cumplicidade e sorriram. Dando-se as mãos, partiram de volta à colônia espiritual, deixando para trás um rastro de luz e paz.

Fim

236

“A vida nem sempre segue a nossa vontade, mas ela é perfeita naquilo que tem que ser.”

- Chico Xavier